



VIEIRA, Alberto.

**O VERSO E O REVERSO DA IMAGEM DA ILHA E DO MADEIRENSE.
RACISMO, XENOFOBIA, INTOLERÂNCIA E INVEJIDADE.**



Cadernos de divulgação do CEHA.

Projeto "Memória-Nona Ilha"/DRC/SRETC, N.º 01.

VIEIRA, Alberto, O verso e o reverso da imagem da ilha e do madeirense.

Funchal. Janeiro de 2016.

O VERSO E O REVERSO DA IMAGEM DA ILHA E DO MADEIRENSE

RACISMO, XENOFOBIA, INTOLERÂNCIA E INVEJIDADE

ALBERTO VIEIRA*

CEHA-SRETC-MADEIRA

*** Títulos Académicos e Situação Profissional:** 2013. Diretor de Serviços do CEHA; 2008- Presidente do CEHA, 1999 - Investigador Coordenador do CEHA; 1991-Doutor em História (área de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa), na Universidade dos Açores; 1980. Licenciatura em História pela Universidade de Lisboa.

ATIVIDADE CIENTÍFICA. Pertence a várias academias da especialidade e intervém com consultor científico em publicações periódicas especializadas. É Investigador-convidado do CLEPUL-Lisboa.

PUBLICAÇÕES. Tem publicado diversos estudos, em livros e artigos de revistas e atas de colóquios, sobre a História da Madeira e dos espaços insulares atlânticos. Destes apenas se referenciam alguns dos mais importantes e que foram publicados em livro: 2014-*O Deve e o Haver das Finanças da Madeira. Finanças públicas e fiscalidade na Madeira nos séculos XV a XXI*. Funchal, CEHA. ISBN:978-9728263-75-1, vols:2 [em Formato digital com folheto]; (Coordenação): *Debates Parlamentares. 1821-2010*. Funchal, CEHA. ISBN:978-972-8263-81-2, vols:1 [Formato digital com folheto]; *Livro Das Citações do Deve e Haver das Finanças da Madeira*. Funchal, CEHA. ISBN: 978-972-8263-82-9, vols:1 [Formato digital com folheto]; *Dicionário de Impostos. Contribuições, Direitos, impostos, rendas e Tributos*. Funchal, CEHA. ISBN: 978-972-8263-83-6, vols:1 [Formato digital com folheto]; *Dicionário de Finanças Públicas. Conceitos, Instituições, Funcionários*. Funchal, CEHA. ISBN: 978-972-8263-84-3, vols: 1, [Formato digital com folheto]; *Cronologia. A História das Instituições, Finanças e Impostos*. Funchal, CEHA. ISBN: 978-972-8263-85-0, vols:1 [Formato digital com folheto]. (organização); 2005- *A freguesia de S. Martinho*, 213pp; 2005-*A Vinha e o Vinho na História da Madeira. Séculos XV-XX*, Funchal,CEHA, 585pp, 2001: *História da Madeira* [coordenação de manual de apoio ao ensino], 399pp. 2001: *Autonomia da Madeira. História e Documentos* [cdrom]; 1999: *Do Éden à Arca de Noé – o Madeirense e o quadro natural*, Funchal, 330pp; 1998: *Las Islas Portuguesas*, compilação de livros e introdução, Madrid, Fundación Historica Tavera, 1998: *O Vinho da Madeira* (com Constantino Palma), Lisboa, 143pp, 1998: *O Açúcar*, Expo 98. Pavilhão da Madeira, 64pp, 1998: *O Vinho*, Expo 98. Pavilhão da Madeira, 64pp, 1998: *Público e o Privado na História da Madeira. II. As cartas particulares de João de Saldanha*, Funchal. CEHA, 224pp, 1997: *S. Vicente Um Século de Vida Municipal (1868-1974)*, Funchal. 167Pp; 1996: *A Rota do Açúcar na Madeira*, de Colaboração com Francisco Clode, Funchal, 220pp, 1995: *Guia para a História e Investigação das ilhas Atlânticas*, Funchal, 414pp, 1993: *História do Vinho de Madeira. Textos e documentos*, Funchal, 431pp, 1992: *Portugal y Las Islas del Atlántico*, Madrid, 316 pp, 1991: *Os Escravos no Arquipélago da Madeira. Séculos XV-XVII*, Funchal, 544pp, 1989-1990: *Breviário da Vinha e do Vinho na Madeira*, Ponta Delgada, 79pp +115pp, 1987: *O Arquipélago da Madeira no século XV*, Funchal (de colaboração com o Prof. Dr. Luís de Albuquerque). 73Pp, 1987: *O Comércio Inter-Insular (Madeira, Açores e Canárias). Séculos XV-XVII*, Funchal, 228 pp.



Velha é a guerra. A paz é muito nova na história da humanidade.

(FILHO, Michel Zaidan. 2009, *Ética, Violência e História*. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins: 9).

[...] nenhuma sociedade dá inteira permissão para matar os outros, assim como nenhuma sociedade o impede inteiramente. Entre esses dois extremos, encontra-se uma série de ramificações possíveis: seja a que permite matar dentro da coletividade, mas segundo normas particulares – no caso de uma vingança ou no regulamento de certos conflitos –, dentro de uma lógica segmentária; seja a que permite matar no próprio seio da família, em função de critérios que envolvem um direito fundado na hierarquia: direito de vida ou de morte do pai sobre os filhos, no direito romano, ou do irmão sobre a irmã em certa prática muçulmana, em caso de ofensa relativa à honra etc.

(HÉRITIER, Françoise. O Eu, o Outro e a Intolerância. In: DUCROCQ, Françoise Barret.

A Intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998: 26).

A intolerância selvagem funciona graças a uma redução categórica que contém, em estado latente, todas as teorias racistas do futuro: se alguns albaneses que entraram na Itália nestes últimos anos se tornarem ladrões e prostitutas, deduz-se que todos os albaneses são ladrões e prostitutas. Trata-se de uma redução terrível, porque nenhum de nós está isento de se prestar a um tal raciocínio: basta que nos roubem a mala no aeroporto de algum país, para que estejamos prontos a afirmar que se deve desconfiar de todos os habitantes desse país.

(ECO, Umberto. Definições léxicas. In: DUCROCQ, Françoise Barret. *A Intolerância*.

Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. P. 15-19; 18-19)



APRESENTAÇÃO

1. A situação que se vive na Europa, com um dos mais importantes fenómenos migratórios, trouxe ao nosso quotidiano alguns comportamentos e expressões adormecidas que parecem ter causado algum espanto. Tudo isto acontece porque faltam estudos, nomeadamente de ordem sociológica e histórica que atestem as atitudes comportamentais na atualidade e ao longo do processo. A inexistência desses estudos justifica a nossa admiração e impede-nos de assumirmos atitudes pró-ativas, no sentido de apagar essas atitudes e comportamentos, através da escola, de modo a obtermos uma sociedade mais justa e equilibrada.

Por outro lado, o processo político iniciado em 1974 e cuja primeira fase se encerrou este ano trouxe, inevitavelmente, mudanças na sociedade ma-

deirense. Desta forma, no limiar deste ano de 2016 importa saber de que forma estas alterações contribuíram para uma mudança de comportamentos ou atitudes.

Neste período de mais de trinta anos, a Madeira esteve sujeita a três momentos de forte impacto da mobilidade humana de fora¹. Primeiro, em 1975, foram os muitos madeirenses “retornados” das ex-colónias, para onde haviam saído, nomeadamente, no decurso da década de sessenta. Depois, tivemos o retorno dos emigrantes madeirenses na Venezuela e África do Sul, por força dos acontecimentos de carácter social ou fruto de mudanças políticas. E, finalmente, teremos de considerar o forte movimento migratório de mão-de-obra nacional e estrangeira para atender à forte demanda da construção civil, e não só, de que se destacam as obras do aeroporto e da rede viária.

¹ Cf. VIEIRA, Alberto, 2010. Madeira-Um Cais de Permanentes Chegadas e Partidas, in *Anuário 2010*, CEHA, pp.1104-1153.

Esta evidente mobilidade interna de madeirenses, nacionais e estrangeiros gerou uma nova realidade social, fruto do confronto dos que chegam, com os que estão presentes na ilha, Esta nova realidade da sociedade madeirense ainda não está estudada.

Não sabemos ainda se os impactos se resumem às línguas que ouvimos e ao modo de falar “estrangeirado” destes novos protagonistas sociais. Da Venezuela, recebemos apenas a técnica de confeção das “arepas”, “hallacas” e da farinha de milho “Arina Pan”, ou há muito mais que ainda não descortinamos e que atuou, de forma silenciosa, na sociedade madeirense? Da África do Sul, o rasto dos emigrantes retornados está apenas na salsicharia e na carne seca ao sol, que se vende em alguns talhos madeirenses?

A estas e a outras questões importa encontrar respostas. Mas primeiro teremos de nos perguntar se esta vaga de retorno dos madeirenses implicou também uma mudança de hábitos e atitudes e se é chegado o momento de verificar, nessa mudança, a ideia e a visão da madeirensidade e dos madeirenses.

Por força fundamentalmente do turismo, fala-se e define-se o Funchal como uma cidade intercultural, mas estaremos apenas perante uma sociedade multicultural onde convivem, sem atritos expressos e declarados, hábitos, costumes e tradições culturais diversas?

2. Não temos estudos de carácter sociológico sobre os nossos comportamentos atuais que nos possam ajudar a entender o que se passa à nossa volta, sem estarmos, permanentemente, a surpreender-nos sobre as atitudes mais estranhas daqueles que vivem no nosso entorno. Também em História, não temos estudos nem relatos que permitam entender a diversidade de atitudes e comportamentos que definem o madeirense.

Podemos considerar os nossos antepassados como “um povo superior”, pela sua capacidade de resistência, de luta pela sobrevivência e espírito empreendedor, capaz de transformar um rochedo num importante espaço agrícola gerador de riqueza e de levar essas capacidades ao chamado novo mundo descoberto pelos portugueses. Mas, quando começamos a olhar para os cinco séculos passados, a visualizar as atitudes comportamentais ou a procurar

o carma que dá origem a tanto sofrimento, veremos que a realidade é outra e que há evidentes manifestações de racismo, xenofobia, de intolerância e daquele que parece ser o pecado original do madeirense - a inveja ou, melhor dizendo, a *inveja*². Na ilha, o povo diz *inveja* e não inveja, algo mais refinado que expressa a maldade dentro e fora do poio e que se torna visível, em termos energéticos³. É a co-biça refinada e destrutiva que limita o progresso e o convívio social e que se manifesta em palavras, mas, sobretudo, em manifestações e olhares. Ganha força energética manifesta no entorno e no corpo. Não tem cura na farmácia, mas nas rezas e nos perfumes de ervas ditas santas que as afastam.

3. O conhecimento daquilo que fomos e somos é importante para avançarmos para uma sociedade do século XXI, multiétnica e intercultural, tolerante e harmónica. Enquanto continuarmos a desconhecer as linhas históricas que conduzem as nossas atitudes e comportamentos, seremos incapazes de produzir mudanças e de lutar por essa nova sociedade, que em princípio, todos ambicionamos. O discurso histórico poderá ter um papel importante, no assinalar destes e doutros estigmas sociais, como no encontrar de respostas para os solucionar, caso haja abertura dos cidadãos e da classe política. A História é um repositório de acontecimentos e testemunhos orais que nos caracterizam e identificam. Por isso mesmo, não pode ser desvalorizada e esquecida.

2 Segundo Alberto Arthur Sarmiento (*Brotero dá parecer sobre a estufa de Banger na ilha da Madeira, Funchal, Tip. Do Diário de Notícias, 1944, p.29.*) *É termo bem característico madeirense - a inveja, significando a inveja mal reprimida, encapotada, que moe e ginga, repiza e muito gira, a lançar mão de todos os meios para se alastrar, procurando anular a sombra que a escurece e molesta, umida e fria, infiltrante, deprimindo o que é alheio, a roçar-se a esquina, para realização dos seus fins. É a inveja dinâmica, sem sentido, nem direcção, impando uma coragem embexigada pela vacina do medo.*

3 Cf. Alberto Artur Sarmiento, *Migalhas*, Funchal, Oficinas do jornal O Zé, 1912, p.150.



O ESPAÇO DO ARQUIPÉLAGO E O TERRITÓRIO DO MADEIRENSE

Na ilha, o espaço⁴ é distinto do dos outros quadrantes. Na Madeira, onde o espaço é diminuto, a noção e apropriação do território é notória e condi-

cional a vida das populações. Esta noção de apropriação do território⁵ é clara desde os inícios do século XV, sobretudo, porque foi conseguida com desusado esforço humano. Os poios são a principal imagem dessa apropriação pelos madeirenses. Há uma marca identitária que se perpetua no tempo e que assinala a sua posse.

Para o madeirense, o poio é o lugar que o identifica com o território do arquipélago, assumindo uma dimensão mais restrita de um espaço/território de partilha familiar. Nesta identificação, temos de ter em conta a valorização que as ciências vêm dando à premência do lugar na definição dos comportamentos e na explicação das atitudes, como na formação das identidades⁶.

4 Tenha-se em conta a diferença entre território e espaço. Assim, o território é: [...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.(...) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...] (RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993,144). E o espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, lugar é mais concreto que espaço. (TUAN, Y.-F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. p.19). Mas Segundo Buttiner (BUTTIMER, A. *Campo de Movimiento y sentido del lugar*. In: RAMÓN, M. D. G. (org.) *Teoria y Método en la Geografía Anglosajona*. Barcelona, Ariel, 1985. p. 228): o lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas. E Ferreira (2000, p.78) esclarece que o lugar é o terreno onde são vividas as práticas sociais, é onde se situa o cotidiano, é o espaço praticado. Desta forma podemos afirmar que: O lugar é produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida (CARLOS, A. F. A. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo. Hucitec, 1996. p.29).

5 Devemos ter em conta que “O conceito de territórios que constitui a base da abordagem territorial vai além da delimitação geográfica, posto que são espaços socialmente construídos, tendo a coesão e a identidade como elementos centrais” (BRAGA, N. L. *Balanço de Gestão. Resultados das ações do Programa Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PRONAT) 2003-2010*. Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA. Secretaria de Desenvolvimento Territorial - SDT/MDA. Brasília, 2010. 115 p. , p. 1). Segundo Le BERRE, M. (*Territoires. Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1995.p. 606), O território pode ser definido como a porção da superfície terrestre, apropriada por um grupo social, visando assegurar sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais.

6 Importa refletir sobre a importância deste lugar específico no ima-

Dáí que a Geografia foi e é importante na definição da ilha e dos madeirenses. O madeirense interage desde o século XV no território apropriado, construindo a casa e o seu sustento à beira do abismo. São estas especificidades que devem ser tidas em conta, na hora de definir o território⁷. A orografia e o limitado espaço geográfico implicaram a construção do poio⁸.

ginário do madeirense, a exemplo do que acontece noutras situações. Assim, "O papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo." (SANTOS, 2000, 114.) Depois, o lugar é "o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido por meio do corpo" (CARLOS, 1996, 20). Cf. o desenvolvimento teórico desta questão do lugar e da sua definição em ALBAGI, 2004; AUGÉ, 1994, 1996; AGNEW, 1997; AGNEW/DUCAN, 2014; CARLOS, 1996; CASTROGIOVANNI, 2007; CHANLAT, 1996; CORRÊA, 2007; DASKALAKI, STARAB, IMAS, 2008; GIDDENS, 1991; HALL, 2006; SANTO, 1997, 2000; SPINK, 2001.

7 Segundo ALMEIDA, Alfredo Wagner (Berno de Terras de quilombo. Terras indígenas, "babaquais livres", "castanhais do povo", faxinais e fundo de pasto: terras tradicionalmente. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006. p. 60) "cada grupo constrói socialmente seu território de uma maneira própria, a partir de conflitos específicos em face de antagonistas diferenciados...". E no caso da Madeira o grande antagonismo foi a orografia.

8 Na Geografia da ilha da Madeira, o poio assume muita importância uma vez que foi o núcleo inicial donde partiu o sistema de exploração económica do espaço. É em torno dele que se orienta todo o processo de povoamento e todo o quotidiano madeirense. Poderemos afirmar que todo o madeirense tem o seu poio físico ou mental e que é em torno dele que gravita tudo. O poio representa o seu mundo em miniatura. Tenha-se em conta que a situação orográfica da ilha, marcada por importantes declives, obrigou o madeirense a construir os poios como forma, ao mesmo tempo de retenção dos terrenos e reunião das pedras dispersas. Muitas vezes, por falta de terreno arável, o madeirense constrói poios minúsculos, quase sempre à beira do abismo, como acontece nas proximidades do cabo Girão, como noutras zonas costeiras e do interior. Desta forma, o poio isola e cria um mundo à parte dos demais, condiciona a linha do horizonte e gera múltiplas insularidades. Ao contrário das fajãs, obra da natureza, sem delimitações ou obstáculos, abrem o caminho do ilhéu para o mar e obrigam-no a vislumbrar a linha do horizonte, podendo ser entendidas com a imagem da anti insularidade. Vejamos, ainda o que nos diz Orlando RIBEIRO (1985:80): *Os poios cobrem toda a superfície cultivada. Sobem desde o litoral até 700 ou 800 metros de altitude. Se o declive é médio, o poio não é mais do que um pequeno muro de sustentação separando parcelas mais ou menos inclinadas. Mas se o declive é muito acentuado é necessário levantar um muro alto e espesso. Nas arribas, para sustentar as terras destinadas às culturas ricas (bananeira e cana-de-açúcar), vêem-se parcelas onde a superfície cultivada é inferior à dos muros que a protegem. Os poios são servidos por uma escada muito estreita, frequentemente formada pelas pedras salientes do muro. Por aí se sobe e desce para dar à terra os numerosos cuidados que ela exige, para fazer circular as águas de rega e para colher os produtos que, penosamente, são transportados às costas. Os poios formam construções que é necessário vigiar constantemente. Se as chuvas torrenciais, tão frequentes, ali abrem brechas, logo há que repará-las, sob pena de ver ruir todo o edifício. A construção e a reparação dos muros é muito penosa. É preciso levar aos ombros ou à cabeça grandes pedras e trabalhar à beira de precipícios. Não basta construir poios: é necessário ainda criar o solo. Frequentemente os muros assentam na rocha*

O território do madeirense é o poio e é aqui que tudo se joga e condiciona o modo de vida, de ser e estar das gentes⁹. A premência desta forma de parcelamento do espaço atua como um fator limitador do madeirense, fazendo-o criar um quadro mental em torno do poio, que define o seu espaço e forma de intervenção e as possibilidades de evolução e progresso, de convívio com os vizinhos. Desta forma, o poio é a expressão espacial do território do madeirense, é o palco da vida, o lugar do quotidiano¹⁰.

De acordo com um atual debate sobre as questões em torno do território, podemos afirmar que o poio é a pouca terra, o espaço apropriado, o espaço vital de sobrevivência. Há uma identificação do madeirense com o poio e com tudo o que ele gera: uma

nua. Vai-se então buscar a outro lado terras de boa qualidade, que se transportam em cestos e se mistura~ em diversas proporções. Muitas vezes esta,-terra constitui um solo artificial que nada tem a ver com a rocha sobre a qual assenta. Os poios, sempre muito pequenos, os mais exíguos medem apenas algumas dezenas de metros quadrados, parcelam em extremo a superfície cultivada. Constituem unidades de exploração. Estes campos minúsculos impedem o emprego de animais de lavoura e de instrumentos aratórios potentes. Revolve-se a terra com uma picareta comprida, que serve para desterroar o solo pedregoso, cavar os sulcos de rega ou arrancar a batata-doce.(...)". Depois, há que atender ao esforço humano de criação deste poio: O vilão tem calos no corpo inteiro. O vilão não podia ter calos só nos pés, porque ele anda com o corpo todo colado aos planos verticais, a trepar. Faz os degraus, os poios1: constrói os muros de suporte, andar após andar, desde o oceano até aos píncaros, transporta a cesto a terra arável com que enche os espaços entre os muros de suporte e as vertentes, cinzela a face da ilha, lapida as serranias, planta ali mesmo ervilhas, mais acima o milho. Rola com as pedras, parte os ossos que ficam (para sempre) mal colocados, um pé que poisa de lado, um cotovelo que dobra mal, mas é assim torto, escalavrado, caloso, peludo e crespo que chega a colher batatas e a rocegar a erva. Com as batatas nascem crianças. São empastadas de terra como as begónias, palreiam como as bicas de água, guincham como milhafres, têm o olhar e o queixo fortes e doces, iguais aos dos príncipes que nascem nos palácios. A ilha é o palácio deles. A ilha é um palácio. LEAL, Ernesto, 2008, Tio, Ilha, Anonas e Estrelas, Funchal 500 anos, I, p. 57.

9 Atente-se que para o madeirense o poio é o sítio e que *O sítio marca profundamente os comportamentos individuais e coletivos que se observam no mundo real. A teoria do sítio confere singularidades a cada espaço vivido e a cada situação de sua evolução. Em outros termos, o comportamento económico, de acordo com o modelo do homo situs, é decifrável em toda a sua profundidade apenas se a pluralidade das motivações do agente e da dinâmica de seu sítio são consideradas* (ZAOUAL, 2010, p. 25).

10 Desta forma, *O território é também produto das relações sociais e por isso pode ser considerado sinónimo de espaço humano, de espaço habitado* (SANTOS, M. O espaço geográfico como categoria filosófica. In: SANTOS, M. et. al. (Orgs.) O espaço em questão. São Paulo: Editora Marco Zero Ltda. e Associação dos Geógrafos Brasileiros. Coleção Terra Livre 5. 1988. P. 9-20; FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Revista Nera – Ano 8, N. 6 – Janeiro/Junho de 2005. Presidente Prudente. p. 14-34.; SOUZA, M. J. L. de. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de. et. al. (Orgs.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 77-116.).



teia de relações sociais, culturais e económicas¹¹. Há uma identidade territorial¹² que se baseia na ideia de poio e que define o madeirense¹³, nomeadamente a noção de local e de região¹⁴.

O processo de territorialização¹⁵ do espaço da ilha, que aconteceu a partir do século XV, tem esta configuração. A forma como tudo isto aconteceu e se perpetuou no tempo gerou uma topofilia¹⁶ que

11 Tenha-se em conta que: *Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico, constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social [...] De uma forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica (positiva e negativa) do espaço pelos seus habitantes.* (HAESBAERT, 1999, p.172).

12 [... território deve ser visto na perspectiva de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou da classe social a que nos estivermos nos referindo, afetiva. (Haesbaert, R. (1997). Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF, 11-44. :41). E o território é o ambiente de vida, de ação, e de pensamento de uma comunidade, associado a processos de construção de identidade. (TIZON, P. Le territoire au quotidien. In: DI MEO, G. Les territoires du quotidien. Paris: L’Harmattan, 1995.

13 ...a natureza da identidade territorial fica carregada de significados, de símbolos, de imagens, de fantasias e de sonhos compondo-se em um dado segmento espacial e espiritual, delimitado e controlado, resultado da apropriação e do controle simbólico por parte de quem ali (sobre)vive. Apresentando-se assim, para além do caráter político, um nítido caráter cultural. (AZEVEDO, 2011, p.38).

14 Isto porque o homem é um “animal territorial”, e o sítio “é o seu lugar

de encontro e ancoragem” (ZAOUAL, H. Globalização e diversidade cultural. São Paulo: Cortez, 2003 p. 54).

15 O processo de territorialização é justamente o movimento pelo qual um objeto político-administrativo.. vem a se transformar em coletividade organizada, formulando uma identidade própria, instituindo mecanismos de tomadas de decisão e de representação, e reestruturando suas formas culturais (inclusive as que se relacionam com o meio ambiente e com o universo religioso) OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnografia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Revista Mana 4(1): 47-77, 1998. p.56) define E A desterritorialidade seria, portanto, resultado de um processo de desterritorialização, na perspectiva do desenraizamento dos produtos, capitais, mão de obra e, sobretudo, de grupos étnicos, lealdades ideológicas e movimentos políticos em processos de transferências de fronteiras ou desmantelamento de identidades territoriais. Trata-se de um processo de transferência de fronteiras, raízes, centros decisórios e de pontos de referência nas esferas econômica, política e cultural (IANNI, 1992; apud NEVES, Gervásio R. Territorialidade, desterritorialidade, novas territorialidades (algumas notas). In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A.; SILVEIRA, Maria L., Território: Globalização e fragmentação. 5. ed., São Paulo: Hucitec; Anpur, 200).

16 De acordo com Yi-fu Tuan (1980; 1983) a identidade espacial manifesta-se como um sentimento de afetividade ou de topofilia. E o mesmo afirma que o “Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...)

marca uma profunda ligação à terra do madeirense. O meio, o entorno, o poio, portanto, são o seu santuário e espaço sagrado. É o lugar (apropriado e vivido), que se opõe ao não-lugar do espaço urbano ou dos destinos da emigração. Ao partir, o madeirense leva o poio na mala e procura transplantá-lo para o novo espaço de morada, o seu não-lugar, não assumindo - ou não querendo assumir - um vínculo com este novo lugar da sociedade global¹⁷. Neste sentido, as chamadas Casas da Madeira são um acumular de poios e o reavivar constante desse não-lugar, com o qual se identifica e apela ao lugar da ilha, com tudo aquilo que o define¹⁸.

O POIO COMO REALIDADE GEOGRÁFICA E MENTAL

A criação do poio é, como vimos, um processo de territorialização¹⁹ do espaço da ilha, o lançar das marcas identitárias sobre o espaço que hoje conhecemos. Trata-se de uma forma de re-insularização do espaço que, em espaços continentais, se diz, balcani-



zação ou libanização. Hoje, no mundo que faz apelo à globalização, temos estas realidades, que podem ter origem geográfica, mas que amadurecem na mente e se afirmam como um quadro mental atuante e definidor ou limitador de comportamentos. É certo que a Internet, a televisão por cabo ou satélite chegam ao poio, mas não são capazes de abater os muros de pedra ou de arbustos que os cercam. Continuamos a fazer fé no nosso poio, que define a nossa identidade, que nos diferencia e ostraciza os nossos vizinhos. Abrem-se brechas nos muros e nas sebes que servem, quase só, para alimentar, afirmar e expandir a nossa invejidade, intolerância ou xenofobia.

Há, por parte do madeirense, a plena consciência de que o poio é limitado e que raras vezes é capaz de resolver as questões da sobrevivência. Daí a sua valorização quase exacerbada pelo insular que o defende, tornando-o indivisível, situação essa que o contrato de colônia conseguiu garantir e perpetuar²⁰. A ilha conviveu historicamente com problemas de subsistência e fome, que se agravaram em momentos de conflitos mundiais. Exauridos os recursos, com uma intensiva exploração do solo, pouco ou nada resta ao madeirense. A emigração torna-se, assim, uma válvula de escape para a sociedade e um dado

Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p. 203).

17 A problemática do lugar e não-lugar tem gerado um debate transversal às várias áreas do conhecimento. Cf. AUGÉ(1994), BARTOLY(2011), CARLOS(1997), CASTELO(2007), CERTEAU(1994), CLAVAL(1999), CORREA(1995, 1995a, 1995b, 2007), COSTA/ROCHA(2010), HARVEY(2005), MOREIRA(2007), RELPH(1976), SANTOS(1996), TUAN(1980)

18 Deverá entender-se que lugar, como o vemos referenciado, é “a construção social e a espacialização das experiências dos indivíduos que o habitam”.E “ Para Marc Augéo lugar antropológico define-se igualmente por uma forte relação entre o espaço e o social, e sublinha que é portador de três dimensões: identidade, história e relação. É por isso triplamente simbólico porque simboliza a relação de cada um dos seus ocupantes consigo próprio (identidade), com os outros ocupantes(relacional) e com a sua história comum”(Sá, 2006: 182). Mas para Setha M. Low “a transformação do “espaço” em “lugar”, dá-se através da atribuição de significados que ocorre quando as pessoas formam relacionamentos significativos com os locais que ocupam. Também reconhece que a experiência está inserida no lugar e o espaço possui memórias que implicam pessoas e eventos”. Este processo envolve o reconhecimento e elaboração cultural de percepções de propriedades em ambientes que se constituem mutuamente através da narrativa e da práxis” (Low, 2003: 14). Sobre a definição do conceito geográfico e antropológico de lugar Cf. AGNEW(1997), AUGÉ (1994), CARLOS (2007: 17-20, 61-74), DUVIGNAUD(1977), HIRSCH (1995), RODMAN (1992).

19 O processo de territorialização é justamente o movimento pelo qual um objeto político-administrativo.. vem a se transformar em coletividade organizada, formulando uma identidade própria, instituindo mecanismos de tomadas de decisão e de representação, e reestruturando suas formas culturais (inclusive as que se relacionam com o meio ambiente e com o universo religioso) OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnografia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Revista Mana* 4(1): 47-77, 1998. p.56).

20 Na década de sessenta do século XX, o turismo surge como a resposta a esta situação de rutura, pois afirmava o deputado Agostinho Cardoso que: *Já não há mais terra a arrotear. Que do turismo brote o pão para a população madeirense.* (1964, Cardoso, Agostinho, Assembleia Nacional, VIII Legislatura, Sessão de 3-3-1964, Diário n.º 138, pp. 3455-3468).



mais na valorização do poio. Os que saem procuram fora da ilha uma extensão do poio e são, para os que ficam, uma garantia de continuidade, de adiamento da rotura.

Daí que à pequenez do espaço geográfico²¹, o madeirense contrapõe a ideia do mar, que passa a ser o seu latifúndio: *O mar é para o Madeirense o seu grande latifúndio pois, para além da pesca e de outras actividades que no mesmo têm lugar, é pelo mar que ele estabelece o contacto com as mais diversas regiões do Mundo. É pelo mar que o Madeirense emigra, à procura de melhor sorte (...) foi pelo mar que a Madeira se afirmou como estância de turismo de fama mundial*²². Desta forma, o mar ou os sítios do mundo onde ancora, à procura de sustento e riqueza, são uma extensão do poio e a ilha, o centro do mundo²³.

Porque o problema do ilhéu é ser visto como periférico, ele responde com a posição de centralidade da ilha, da ilha como o paraíso, ou melhor dizendo, do poio como o centro do mundo. Desta forma, temos de entender uma tendência quase permanente da sociedade madeirense para a mobilidade²⁴, trans-

formando o madeirense num cidadão global, que desde meados do século XV chegou a todo o lado, em oposição ao madeirense barricado no seu poio.

Hoje, são passados quase seiscentos anos depois que o primeiro português, continental, pisou o solo da ilha e transpôs os socos da Serra da Estrela e os adaptou ao seu novo lugar, dando-lhe um cunho diferenciado. Este poio, apesar da evolução de todas as coisas, manteve-se incólume, enquanto espaço geográfico e mental, cada vez mais fortalecido. Há quem diga que a evolução para o processo de autonomia, iniciado em 1976, foi a garantia da sua sobrevivência e a conjuntura favorável para a criação de novos poios, que deixam, cada vez mais, de ser físicos, para se afirmarem, no quadro mental das tribos partidárias, onde encontram terreno novo e fértil. Falta ainda uma revolução cultural capaz de abater os poios e de criar uma ilha global e aberta. Mais uma vez, a autonomia foi um hercúleo processo de construção de estradas e vias-rápidas, capaz de abrir os poios ao mundo. Terá alguma coisa mudado nestes últimos trinta anos?

Os que partem são expelidos para o exterior de um poio que vão tentando manter, através dos vínculos da “saudade”, mas cujas ligações vão perdendo com o tempo. É verdade que quem parte aspira voltar. Mas é verdade também que não é esse o desejo de quem ficou na terra. Daí que o desejo de retorno muitas vezes não passa disso e, quando acontece, como sucedeu por força de circunstâncias adversas na África do Sul e Venezuela, gera-se animosidade e expressões de xenofobia.

A mobilidade insular foi, no passado, um fator de consolidação do poio e continuará no presente a sê-lo, porque o poio é limitado em termos de espaço e recursos, e não comporta todos.

O limite do poio é estabelecido por uma linha de fronteira, montada por uma cerca de arbustos ou de pedra, que delimita o espaço. A partir do século XVI, a “colônia” estabeleceu que o poio era uno e indivisível e assim se manteria para sempre. Porque o poio é limitado e pequeno, não há lugar a partilhas e estabelecem-se estratégias para a sua indivisibilidade: um poio deve continuar do mesmo dono, pelo menos uma vida, porque o demais a Deus pertence.

Madeira inserido na sociedade nova, onde vive, levando os costumes e tradições madeirenses”. ABREU, João Carlos, 1990, O Turismo das Culturas, Ponta Delgada, p. 59, 60.

21 Nos últimos anos, deu-se muita importância às influências da pequenez do espaço das ilhas na mentalidade e diferentes áreas da vida do insular, nomeadamente no plano económico. Cf. BLAIR, 1968; DOUMENGE, 1985; SAGUIN, 1981; TAGLIONI, 2005, 2007.

22 1956. Sousa, Teixeira de, Assembleia Nacional, VI Legislatura, Sessão de 8-2-1956, Diário n.º 125, pp. 464-466.

23 Cf. MEISTERSHEIM, 2007:8; Cf. MEISTERSHEIM, 2007:8; BERNARDIE-TAHIR, 2008:244.

24 Mesmo na mobilidade o madeirense não abandona o seu poio, pois “com a mesma coragem que transforma a sua terra, constrói ilhas em continentes, com o sabor de noites natalícias, com o despertar das manhãs habitadas de sonhos e de saudades. Faz caminhos iguais aos caminhos da sua infância e celebra com o mesmo amor, as festas das suas aldeias. Faz do meu novo mundo o prolongamento da

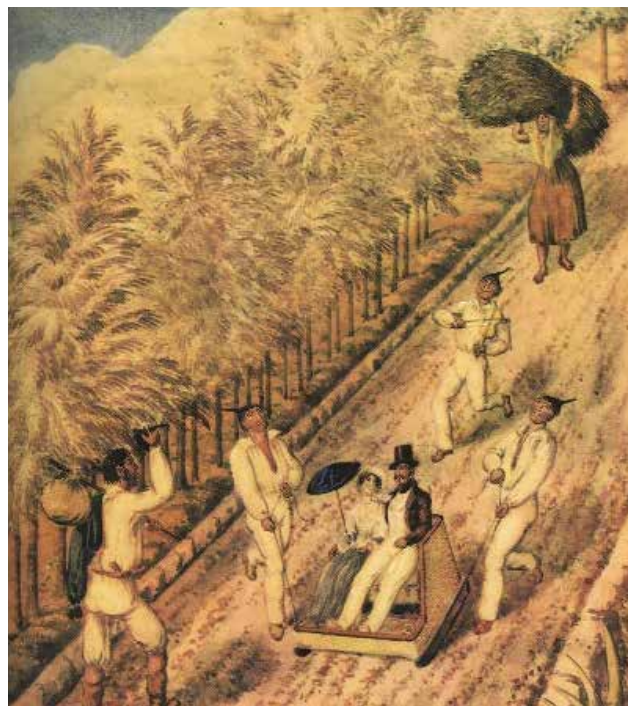
A História, porém, assinala diversas formas de descompressão deste espaço, que acontecem muitas vezes de forma violenta. É o caso das aluviões, frequentes desde o século XVII, que, para além de desestruturarem o poio, atuam como reforço daquele que resiste à tempestade.

O facto de o madeirense ter sido pioneiro na construção da sociedade e economia atlânticas, assim como todas as mobilidades que a História foi registando, obrigaram a um fortalecimento do poio, o coração do mundo do insular. Abrem-se as portas para que os excedentários partam sem retorno. Uma vez transposta a linha de fronteira do poio, será difícil, quase impossível, regressar. A literatura, nomeadamente, Horácio Bento de Gouveia, em *Ilhéus* (1949), hiperboliza esta ideia.

Do poio, porém, o madeirense olha o mundo que se esconde para além da ilha do horizonte do oceano, pois raras vezes a orografia o impede de ver o mar. Deste modo, tem ao seu alcance o mundo vivido e sonhado e o limite não é apenas o que a sua vista alcança, mas também a sua capacidade de sonhar e recriar o que está para além do visível.

Do seu poio, o madeirense avista outros poios, mas parece ignorá-los. Ele preocupa-se muito em defender o que é seu, porque sabe que não está sozinho. A presença do outro é quase sempre uma ameaça, que se procura destruir com a invejidade. Por outro lado, ele sabe também que o mar lhe traz outras possibilidades. Poderá falar-se de insularidade, neste contexto? Será, afinal, a noção de poio, o traço principal do discurso da anti-insularidade?

É óbvio que esta ideia de poio, como mundo individualizado, faz parte de um quadro mental que anda sempre associado ao madeirense e que não implica necessariamente a sua existência física²⁵. Daí que sempre ouvimos dizer que as barreiras e amarras que nos prendem ao mundo-ilha, são mais de ordem mental do que física e que a sua superação passa pelo quebrar dessas fronteiras e pelo abrir das portas do mundo ao universo mental do insular. Se discorrermos sobre a História das ilhas atlânticas, no qua-



dro de referência de mais de seis séculos, teremos testemunhos dessa outra realidade, que muitas vezes ao ilhéu custa a identificar, porque está preso ao conforto deste quadro mental limitador, é certo, mas do qual poderá retirar dividendos. Mas este tipo de abordagem e chamada de atenção podem contribuir para revelar a face oculta do madeirense, esbater as fronteiras e desatar as amarras que ainda o prendem.

É neste quadro mental do poio criado pelo madeirense desde os primórdios do século XV que cabem todas estas situações contrárias a uma ideia universal de convívio e partilha que todos sempre estamos dispostos a defender, mas que, historicamente, temos dificuldade em praticar. Os constrangimentos e dificuldades do madeirense, na prática desse discurso universal, prende-se, assim, com a ideia de poio. Ninguém melhor que o insular e, de forma especial o madeirense, tem noção dessa ideia de finitude do espaço, porque é capaz de ter o controlo do espaço da sua própria ilha, ninguém melhor do que ele tem a noção de ilha e das suas fronteiras e dificuldades que isso gera em termos do seu dia-a-dia. E a História madeirense é fértil no retrato dessas múltiplas dificuldades, que marcaram diversos momentos da sua História. Noutros espaços insulares, como os Açores ou as Canárias, é nítida a noção arquipelágica do espaço, a ideia de que a ilha se projeta e estende noutra que está próxima, pelo que a noção de

²⁵ Será o mesmo que nos diz ENTHOVEN (2004) citado por SOULIMANT (2011: 24): «l'individu, lui aussi, est une île. Un périmètre paradoxal de chair et de pensées qui s'inscrit dans le monde tout en lui demeurant étranger. Qu'il soit corps ou esprit, l'être insulaire est, par définition, coupé du continent des autres.». Sobre a contestação do determinismo geográfico, veja-se Febvre, 1922 ; GOMEZ MENDONZA, 1982 ; MORAN, 1979.

fronteira não se coloca, porque na linha do horizonte aparece já o perfil de outra ilha. Na Madeira, não é assim.

Embora sejam visíveis outras ilhas na linha do horizonte, o madeirense tem a noção de que são espaços mais limitados e carentes do que a sua própria ilha e que, em vez de suprirem algo de que necessitam, são, muitas vezes, concorrentes na partilha dos seus recursos. Foi o que aconteceu com o Porto Santo a que houve de acudir, de forma insistente, ao longo da História. Por isso, há uma noção clara das fronteiras e o controlo assumido do espaço geográfico que ela delimita. Na linha do horizonte, há a noção de que não existe outra ilha capaz de alargar o seu limitado espaço. Daí a luta pelo seu torrão natal, gerado desde princípios do século XV.

A mobilidade é uma característica evidente dos espaços insulares, por força das suas limitações em corresponder ao acréscimo demográfico, pela sua implicação no traçado das rotas oceânicas, pois para o ilhéu, o caminho está quase sempre aberto e não há fronteiras, barreiras ou cancelas que se abrem e fecham. Ser ilhéu é viver o permanente pulsar das ondas, ter sempre nos olhos a linha do horizonte, que abre e ilumina todos os dias, e estar sempre pronto para partir ou acolher nas chegadas.

Esta inquietude permanente tem expressão no debate sobre as questões do território, assumindo uma função especial no espaço insular. O ilhéu está em permanente processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização²⁶, porque está

sempre em movimento. Desta forma, para combater as incertezas dos processos de desterritorialização e reterritorialização²⁷ que a mobilidade provoca, decidiu colocar o seu poio na mala e levá-lo para todo o lado, tentando, deste modo, resolver todas as dificuldades. Neste quadro, nas mobilidades humanas, o migrante está fora do seu lugar, ligado ao lugar de origem ausente e em conflito com o lugar de destino presente. Isto gera, segundo Marc Augé (1994, 95), um problema, pois *o não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas solidão e similitude*²⁸.

26 Nos últimos anos, somos confrontados, nomeadamente no campo da Geografia com estes conceitos. Assim, *toda a identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma noção de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social.* (Haesbaert, R., & Limonad, E. 1999:172). (...) *a "desterritorialização" tem o sentido de perda de território apropriado e vivido em decorrência de diferentes processos originados de contradições capazes de desfazerem territórios; ao passo que reterritorialização refere-se à criação de novos territórios, seja por meio de reconstrução parcial, "in situ", de velhos territórios, seja através da recriação parcial, em outro lugar, de um novo território, que contém características do antigo.* (CORRÊA, Roberto Lobato. Território e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L. Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994. p.4). Assim, *o processo de desterritorialização desta forma nega a fixação do grupo social, da população, do indivíduo a uma base física além de fazer com que percam ou pelo menos deixem adormecidos seus costumes, suas relações interpessoais, o seu cotidiano.* (Haesbaert, R., & Limonad, E. (1999). O território em tempos de globalização. Revista do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, (5), 7-19.) *Entende-se por reterritorialização como o movimento de construção do território. Assim como a territorialização pode ser*

construída no movimento, a desterritorialização também pode ocorrer através da "imobilização", pelo simples fato de que os "limites" do nosso território podem não ter sido definidos por nós e, mais grave ainda, podem estar sob o controle ou o comando de outros (HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.20). Há ainda, uma ligação entre as duas últimas realidades, pois, "a desterritorialização e a reterritorialização são contraditórias, mas complementam-se coexistem no tempo e podem coexistir no espaço; são inseparáveis e movidas pela relação em ambos os processos. A desterritorialização num lugar significa reterritorialização noutra, promovendo a mobilidade da força de trabalho e suas características culturais. É um processo inerente à natureza contraditória do espaço e do território. Portanto, a desterritorialização implica reterritorialização na mobilidade da força de trabalho em outro território através de processos econômicos, políticos e culturais que se processam através das redes de relações entre os migrantes e não-migrantes no território de destino e entre migrantes e não-migrantes do território de origem. O migrante efetiva relações com as pessoas conhecidas que ficaram no território de origem e com outras conhecidas na reterritorialização" (VIEIRA, P.A.S. *Ordem e Progresso: Colonização e Desenvolvimento em Mato Grosso, o caso de Sinop*. Universidade Federal de Uberlândia – MG. Dissertação de Mestrado, 2003. p.24).

27 As mobilidades humanas provocam estes processos provocam, normalmente desajustamentos que geram problemas sociais às diversas gerações. É hoje uma realidade cada vez mais valorizada no debate académico. Cf. AGUIRA, 2007; BERRY, 1997; BHABBA, 1998; FAVEL, 2001; HAESBAERT, 2006; LITTLE, 1994; MAFFE-SOLI, 2001; MONDARDO, 209, 95-111.

28 Já Homi BHABBA (1998, 68) considera isto como "o terceiro espaço, que embora em si irrepresentável constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, rehistorizados e lidos de outro modo."



PARA UMA LEITURA DO AVESSO: XENOFOBIA/RACISMO/INTOLERÂNCIA

O território é o palco onde tudo se articula²⁹. É aqui que se geram e transformam as identidades e os grupos sociais, seus fazedores. Assim, *o território é estabelecido por relações sociais, as quais propulsionam a (re)construção contínua de identidades e valores simbólicos, como o sentimento de pertencimento, por exemplo.* (KEGLER, 11) E *a identidade é construída pela relação dos sujeitos a partir de afinidades histórico-culturais* (KEGLER, 8) à qual, segundo FROELICH e ALVES (2007, 192), se junta a *negociação dos atores locais com a alteridade na delimitação de fronteiras simbólicas que permitam a diferenciação e consequente identificação*³⁰. Mais, pomos enfoque

na identidade social como elo de coesão e identificação do grupo³¹. Desta forma, a definição das identidades social e individual do madeirense entroncam num conjunto de fatores definidos pelo meio, por aquilo que definimos como o poio, o palco onde tudo acontece e se expressa de forma diária. Todos estes comportamentos, que podemos definir como intergrupais, derivam do grupo de pertença, que se identifica com a família/poio, mas também como o local que, em termos institucionais, pode ser definido como a freguesia/município. É dentro desta cultura grupal que se gera toda essa diferenciação. Esta realidade mantém-se agarrada ao grupo, mesmo no processo das mobilidades humanas internas ou externas³².

29 Pois: *As relações sociais têm uma existência real enquanto existência espacial concreta, na medida em que produzem e assim, efetivamente a sociedade produz o espaço. Cada local, região ou país tem sua formação própria, sua cultura, valores e costumes e deste modo o espaço vai sendo produzido conforme essas relações mais amplas, em um processo articulado à produção geral da sociedade* (CARLOS, 1999, 63). Sobre os grupos sociais e relações intergrupais a ter em conta: CABECINHAS (2003, 2004), DESCHAMPS (1982, 1984), SOUZA (1998), TAIFEL (1981).

30 Segundo HAESBAERT (1999, 172) *Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico, constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social [...] De uma forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica (positiva e negativa) do espaço pelos seus habitantes. E AZEVEDO (2011, 38) afirma que a natureza da identidade territorial fica carregada de significados, de símbolos, de imagens, de fantasias e de sonhos compondo-se em um dado segmento espacial e espiritual,*

delimitado e controlado, resultado da apropriação e do controle simbólico por parte de quem ali (sobre)vive. Apresentando-se assim, para além do caráter político, um nítido caráter cultural.

31 Esta identidade social do indivíduo para Tajfel (1981: 63), é “aquela parte do autoconceito do indivíduo que se deriva do reconhecimento de filiação a um (ou vários) grupo social, juntamente como significado emocional e de valor ligado àquela filiação”. E “está ligada ao reconhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença” (Tajfel, 1972: 292). Entretanto, Turner (1981, p. 24) refere essa categoria como “a soma total das identificações sociais da pessoa, onde as últimas representam categorizações sociais específicas internalizadas, tornando-se um componente cognitivo de autoconceito”. E CLAVAL (2001, 60) esclarece que é: “[...] soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas [...]”. Sobre a identidade Social cf.: AMANCIO (1993a, 1993b), DAUGUET (1998), DEL PRETTE (2008), GIDDENS (2002), GOFFMAN (1998), HALL (2006, 2007), TAIFEL (1978, 1981), TURNER (1981).

32 Sobre este aspeto, veja-se as abordagens teóricas de AGUIAR (2007), BERRY (1997), FAVEL (2001), LITTLE (1994).

Neste palco, todos se organizam de forma grupal³³. Há uma dinâmica específica que os comanda de forma individual e coletiva. Para além disso, há uma tradição que persiste nas origens dos primeiros povoadores, como de outros que a ilha foi acolhendo ao longo de mais de quinhentos anos. São padrões comportamentais europeus e de diversas áreas onde os madeirenses atuaram que se misturaram no aconchego do poio, do grupo familiar e madeirense.

São poucos ou raros os estudos sobre este assunto, mas, em contrapartida, há uma diversidade de testemunhos de visitantes nacionais e estrangeiros, que podem contribuir para entender melhor muitos dos comportamentos e atitudes assinalados no processo histórico e na atualidade. Para o tempo presente, são escassos, para não dizer nulos, os estudos, no âmbito da Antropologia ou Psicologia Social, que fazem falta para entender este povo.

No plano comportamental individual ou de grupo, tudo passa pela não-aceitação ou recusa do outro e da sua cultura. O outro é um intruso, o desconhecido, no nosso quadro de referência intergrupar. Há o medo e a desconfiança de que o outro nos roube a nossa identidade ou madeirensidade acumulada no tempo, de que nos roube o poio que define o nosso mundo, porque há dificuldade em aceitar a existência de outros poios ou a dificuldade extrema em conseguir a partilha do nosso reduzido pedaço de terra. Daí as expressões de xenofobia, ou mais propriamente de racismo que se manifestam em palavras e comportamentos, e uma incapacidade de aceitar a presença e a expressão cultural do outro.

Porque temos uma noção clara do nosso espaço e o registo histórico das suas limitações, há dificuldade em aceitar a presença do outro, até mesmo o nosso próprio irmão que partiu para construir o seu próprio poio fora da ilha e que, por qualquer motivo, é forçado a retornar. Daí as múltiplas manifestações silenciosas ou verbalizadas em face dos emigrantes que retornam de Demerara, Brasil, África do Sul ou Venezuela.

A Madeira é considerada tradicionalmente o primeiro destino e porto de tráfico de escravos negros,



maioritariamente da Costa da Guiné. Estes afluíram à ilha, a partir de finais do século XV, e assumem alguma importância na sociedade madeirense, com ou sem ligação à cana-de-açúcar. Daí que o preto ou negro assumia uma posição desusada na sociedade madeirense desde essa data. Chega mesmo a causar temor entre as populações europeias, de forma que, em 1489, o capitão do Funchal lança um grito de alerta ao verificar o aumento da população africana, em contraste com a população livre europeia, que sai para novos destinos, deixando a ilha da Madeira *em algum perigo por bem dos muitos negros que aí há*.³⁴

Para o madeirense, os escravos ou libertos foram sempre sinónimo de guanches, mouriscos e negros. A sua presença na ilha fundamenta-se em razões históricas. A ligação ao circuito das viagens de reconhecimento da costa africana e das expedições para conquista das Canárias abriu-lhes o caminho, como presas fáceis ou de guerra. Os mouros vieram por causa das campanhas ao norte de África e da necessidade de defesa das posições portuguesas. Estas condições, provocadas pelo protagonismo dos ma-

33 É necessário ter em conta o contributo da Psicologia Social nos últimos anos para a abordagem desta temática. Cf. AMANCIO (1993), ARGYLE (1994), BONONO (2010), DESCHAMPS (1984), DOISE (1976, 1984a, 1985, 1988, 1989) TAJFEL (1981), VAN KNIPPENBERG (1984).

34 A.R.M., C.M.F., T. 1, fl. 169, 10 de Agosto de 1489, carta do duque sobre a segurança da terra, in A.H.M., XVI (1973), 226, n.º 135.

deirenses, trouxeram, desde o início do povoamento do arquipélago, minorias étnicas africanas e abriram as portas ao comércio de mão-de-obra escrava. A permanência deste movimento só se tornou possível porque, na ilha, foram criadas as condições à sua demanda com a cultura e produção de cana-de-açúcar.

Face a estas minorias, a posição da sociedade madeirense é definida, de forma oficial, pelas posturas municipais, que quase sempre os proclamam como desestabilizadores do “status” social, no que é corroborado por alguns testemunhos do quotidiano³⁵. Neste aspeto, assinala-se um estigma que marca os escravos, que os relega de algumas atividades. Note-se que os senhores usavam também os escravos para os substituírem no serviço de construção das fortificações, em que todo o cidadão deveria participar com um dia de trabalho. Numa carta do Duque, datada de 1493³⁶, sobre a cerca e muro do Funchal, recomendava-se que todos os vizinhos da vila, incluindo homens de soldada e escravos, deveriam colaborar na sua construção e que os fidalgos, cavaleiros eram dela escusas, tendo, no entanto, que dar «toda sua gente e escravos pera servirem na dita obra». Todavia, em 1567³⁷, o rei ordenava a Mateus Fernandes, fortificador e mestre-de-obras enviado à Madeira, que só aceitasse nas obras os escravos que fossem oficiais de pedreiro ou carpinteiro. Mais tarde, em 1644³⁸, o monarca estabelecia que nenhum escravo fosse admitido nas obras de fortificação.

A proibição do serviço de mão-de-obra escrava nas obras de fortificação da Madeira poderá ser entendida como uma medida restritiva, resultante do perigo que os mesmos ofereciam, ou então, de combate ao absentismo dos proprietários. Não obstante, em muitos locais, os escravos terem sido o suporte da defesa, aqui parece-nos, pelo temor espelhado nas posturas e por estas leis, que a sociedade procurava afastá-los deste serviço. Talvez por isso, a tradição popular revela uma expressão, que ainda hoje podemos ouvir, sobre alguns estigmas do trabalho de e para escravo. Assim temos a expressão: “trabalho

de escravo”, que se refere sempre a uma atividade que ninguém quer realizar e que, na época em que existia a escravatura, era naturalmente realizada por estes.

A maior evidência da segregação social está definida na posição que lhes é atribuída nos atos sacramentais (batismo, casamento, óbito) e em face da justiça. As estratégias de relacionamento social e sexual acompanham igualmente as normas de conduta definidas pelas posturas e estigmas sociais.

Nos anos de 1445 e 1446, estão documentadas diversas expedições às Canárias, que contribuíram para o aumento da presa de escravos do arquipélago na Madeira. Em 1445, os dois capitães da ilha - Tristão Vaz e Gonçalves Zarco - enviaram caravelas de reconhecimento à costa africana, mas o fracasso da viagem levou-os a procurar garantia da cobertura da despesa, buscando uma presa em La Gomera. Álvaro Fernandes fez dois assaltos naquela ilha e, em 1446, foi enviado por João Gonçalves Zarco, segundo Zurara, a intenção de realizar alguma presa. É a partir daqui que devemos situar a importância que assumiram os escravos canários na sociedade madeirense.

O principal estigma deste grupo está nos fugitivos, apresentados como violentos e ladrões. E, mesmo entre os demais, as relações não deveriam ser muito famosas, uma vez que o senhorio da Madeira determinou, em 1483³⁹, uma devassa, seguida de uma ordem de expulsão em 1490⁴⁰. De acordo com este último documento todos os escravos canários, oriundos de Tenerife, La Palma, Gomera e Gran Canaria, excetuando-se os mestres de açúcar, as mulheres e as crianças, deveriam ser expulsos do arquipélago, mas o infante considerou apenas os forros⁴¹. Em 1503⁴², o problema ainda persistia, ordenando o rei que todos eles fossem expulsos num prazo de dez

35 Cf. Vieira, Alberto, 1991, *Os Escravos no Arquipélago da Madeira*, Funchal, CEHA, pp. 153,

36 A.R.M., C.M.F., t. 1, fls. 186-189, in A.H.M., XVI (1973), n.º 169, pp. 284-288.

37 A.R.M., C.M.F., t. III, fls. 142º., regimento de 14 de março de 1567.

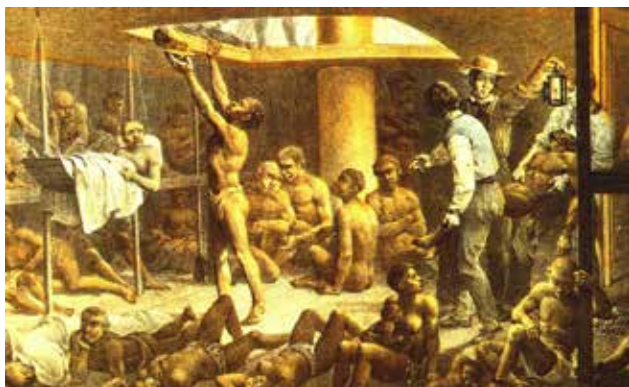
38 A. A. SARMENTO, *Documentos & Notas sobre a Época de D. João IV*, Lisboa, S. D. (1940), P. XXXVIII; alvará de 20 de agosto referenciado pelo autor.

39 A.H.M., vol.XV, pp. 122-134.

40 *Ibidem*, vol. XVI, pp. 240-244.

41 *Ibidem*, vol.XVI, pp.260-265. A 4 de dezembro de 1491, houve reunião extraordinária da câmara para deliberar sobre o assunto. A ela assistiram o capitão do Funchal, Simão Gonçalves da Câmara, os oficiais concelhios e homens bons. Ao todo, eram vinte e cinco, destes onze votaram a favor da saída de todos, nove apenas dos forros e quatro à sua continuidade na ilha. Dos primeiros, registou-se a opinião de João de Freitas e Martim Lopes, que justificam a sua opinião, por todos os canários, livres ou escravos, serem ladrões. Para Mendo Afonso não era assim que se castigava tais atropelos, pois existia a força como solução. Se consideramos que cada um dos presentes pretendia defender os seus interesses, podemos concluir que catorze dos presentes eram proprietários de escravos canários.

42 *Ibidem*, vol.XVII, pp.440-441.



meses. De novo, a coroa retrocedeu, abrindo uma exceção para aqueles que eram mestres de açúcar e dois escravos do capitão - Bastiam Rodrigues e Catarina-, por nunca terem sido pastores⁴³.

Os primeiros negros da costa ocidental africana chegaram à Madeira muito antes de serem alvo da curiosidade das gentes de Lagos e Lisboa. A situação da Madeira e dos madeirenses nas navegações supracitadas, a par da extrema carência de mão-de-obra para o arroteamento das diversas clareiras abertas na ilha pelos povoadores, geraram, inevitavelmente, o desvio da rota do comércio de escravos, surgindo o Funchal, em meados do século XV, como um dos principais mercados recetores. Nesta época, em nenhum outro local, o escravo era tão importante como na Madeira.

Os primeiros povoadores da ilha tiveram que conviver com a presença do escravo africano. O contacto com esta minoria étnica foi marcado por normas de conduta muito rígidas e por inúmeros estigmas, como nos testemunham algumas situações do quotidiano, retratadas na documentação. Nesse sentido, vamos proceder a uma sumária análise dessa realidade, através de algumas das situações mais marcantes do quotidiano. De acordo com Giulio Landi⁴⁴, um viajante italiano que, em meados do século dezasseis, visitou o Funchal, o panorama étnico da escravatura madeirense definia-se por três matizes: os mouros, pela religião, os etíopes ou negros, pela cor da pele, e os mulatos, fruto das relações entre várias etnias. Estão ausentes os escravos guanches, índios e indianos. Mas esta ausência pode ser justificada. Os guanches, a partir de princípios do século

XVI, quase desapareceram da ilha. Os dois últimos surgem com maior evidência, ainda que numa dimensão reduzida, a partir de finais da centúria.

Era comum associar-se à escravatura dois tipos de atividade, de acordo com a afirmação no meio rural ou urbano. No primeiro caso, estaríamos perante uma escravatura agrícola, enquanto no segundo seria doméstica. Esta visão reducionista não colhe hoje adeptos, pois as investigações realizadas nas mais diversas localidades onde a escravatura se implantou, revelam que a intervenção económica do escravo era complexa, existindo uma elevada mobilidade do escravo nas diversas atividades⁴⁵.

Em muitas sociedades, o escravo, para além da função económica, também se afirmou pelo valor sumptuário, sendo uma forma de distinção social⁴⁶. Isto também acontece na Madeira, como se poderá verificar na obra de Gaspar Frutuoso. Diz ele a respeito de Machico: “havia muitas mulatas e muito bem tratadas e de ricas vozes, que é sinal de antiga nobreza de seus moradores, porque em todas as casas grandes e ricas há esta multiplicação dos que as servem”⁴⁷. No entanto, na Lombada do Arco da Calheta, vivia Dona Isabel de Abreu, viúva de João Rodrigues de Noronha, filho do capitão do Funchal, com duas fazendas “muito grossas”, tendo, ao serviço, uma moura como “privada sua”⁴⁸.

O serviço doméstico era, por norma, uma atribuição dos escravos do sexo feminino, pois os outros ocupavam-se nas tarefas agrícolas, artesanais ou, então, eram homens de soldada, ao serviço de outrem. À mulher, estavam ainda reservadas outras tarefas, surgindo vendeiras de fruta e lavadeiras. O exercício da atividade de venda de produtos agrícolas no mercado local estava sujeito a inúmeras regulamentações, limitativas do exercício doloso. Acusava-se os

43 *Ibidem*, vol.XVII, pp. 450-451.

44 “Descrição da ilha da Madeira”, in *A Madeira vista por estrangeiros*, Funchal, 1981, p. 92.

45 W. D. PHILLIPS Jr, *La Esclavitud* (...), Madrid, 1989, 10-12, 108, 147, 186/188; G. IRWIN, *Africans abroad*, N. York, 1977, 73, 139. Em Portugal também sucede o mesmo como se poderá verificar pelos seguintes estudos: Vitorino Magalhães GODINHO, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, IV, Lisboa, 1989, 198-201; J. Romero de MAGALHÃES, *Para o Estudo do Algarve Económico durante o século XVI*, Lisboa, 1970, 230; C. A. HAUSON, *Economia e Sociedade no Portugal Barroco*, Lisboa, 1986, 79.

46 Esta opinião é corroborada por B. BENASSAR (*Valladolid au siècle d'or* (...), Paris, 1987) e Vitorino Magalhães GODINHO (*ibidem*, 198-201), sendo o primeiro criticado por Luís FERNANDEZ MARTIN (*Comediantes, escravos y mouriscos en Valladolid. Siglos XVI y XVII*, Valladolid, 1988, 129).

47 *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, 1979, 103.

48 *Ibidem*, 260.

escravos de se dedicarem ao seu senhor e compradores, para seu usufruto ou para ameaharem a quantia necessária à alforria.

Os escravos do sexo masculino exerciam diversas tarefas nos mais variados sectores de atividade, pois tanto poderiam ser artesãos como agricultores, almocreves e homens de soldada. É constante a sua presença nos livros de receita e despesa de obras, como é o caso da alfândega do Funchal. Os senhores usavam-nos também para os substituírem no serviço de construção das fortificações, a que todo o cidadão deveria participar com um dia de trabalho.

Na Madeira, ao contrário do que sucede nas sociedades escravagistas do outro lado do Atlântico, ambas as mundividências se entrecruzam, gerando uma convivência social peculiar. O escravo faz parte do quotidiano do senhor e a ele se mantém ligado. Não havia separação entre o mundo do escravo e do livre. Deste modo, com as normas, sob a forma de postura, procurava-se perpetuar a situação, uma vez que tudo o que fosse contrário punha em causa a ordem estabelecida. Os fugitivos ou os escravos encontrados isolados ou em grupo constituíam um perigo para a sociedade, por serem fonte geradora de conflituosidade social. É isso que combatem as posturas, ao vedarem aos escravos um espaço de encontro e convívio. De acordo com a postura de 1473, um escravo não poderia viver só ou ser acolhido por libertos. Todas estas medidas podem ser o espelho do temor que os livres tinham de qualquer atitude de revolta dos escravos.

Em toda a legislação referente aos escravos, para além da diferenciação social, está patente o medo dos livres a uma possível atitude de revolta. A intenção do legislador era sempre a de estabelecer medidas protetoras de controlo face a tal possibilidade. Primeiro, restringia-se a mobilidade social do escravo, depois exercia-se uma justiça draconiana sobre os prevaricadores. Todavia, o maior perigo não estava no escravo propriamente dito, mas sim nos fugitivos. Eles constituíam um grupo de alto risco e eram causa de instabilidade social, pelo que a sociedade procurava estabelecer um travão à violência dos escravos, proibindo-os do uso de armas, limitando o tempo e o espaço de convívio e intervenção social. As serras da Madeira, dizia-se, estavam polvilhadas de fugitivos que assaltavam com frequência os caminhantes. O caso mais célebre foi o do mulato preso

por Marcos de Braga, no atual Terreiro da Luta, que lhe tomou o nome. Com castigo, foi posto *a lavar como um boi com uma canga e arado*⁴⁹.

No entender do madeirense João Fernandes Vieira, também ele com ascendência escrava, uma vez que era mulato, libertador de Pernambuco (1645-54) e Governador de Angola (1658-61), era *velho e aprovado costume* nunca permitir que o negro levantasse a mão contra um branco, pois *a preservação do reino depende desta obediência e medo*⁵⁰. Foi de acordo com esta ideia que se estabeleceram, nas ordenações do reino e posturas municipais, as normas de conduta social para os escravos.

O roubo era um dos aspetos que se encontrava associado à condição de escravo. Escravo é muitas vezes sinónimo de ladrão e criminoso. A generalização da prática de roubo, no século XVI, está patente na afirmação do Conde de Linhares, que não hesitava em afirmar que nunca havia de castigar um escravo por furto, pois *enquanto ele fora cativo, nunca outra coisa desejava senão furtar*⁵¹. Para combater esta apetência do escravo, surgiu uma postura em 1546 que proibía a sua mancebia com o livre, nomeadamente o trabalhador, pois dizia-se que roubavam aos senhores para dar aos parceiros ou para conseguirem a alforria. Na Madeira, os roubos referenciados incidiam sobre objetos ou produtos de pouco valor, como roupas, aves, gado e alguns produtos da terra, como vinho, canas e frutas.

O maior perigo para a sociedade estava na criminalidade, mais acentuada com os fugitivos. Giulio Landi⁵², que esteve na Madeira na primeira metade do século dezasseis, estabelece uma diferenciação entre os escravos mouriscos e os negros, enquanto os primeiros são referenciados como criminosos e dados a fugir, os segundos são *bons e fiéis*. Quanto às características definidoras do primeiro grupo, refere: *E não é de admirar que dificilmente suportem a escravidão, pois primeiramente foram livres, mas quando são feitos prisioneiros de guerra, logo são reduzidos à escravidão e mantêm-se agrilhoados*. Os grilhões eram, assim, companheiros inseparáveis apenas dos mouriscos, pois os negros só o eram por

49 Gaspar FRUTUOSO, *Livro segundo das Saudades da Terra*, p.141.

50 C. R. BOXER, *Relações Raciais no Império Colonial Português. 1415-1825*, Porto, 1977, 32.

51 *Ditos Portugueses Dignos de Memória*, Lisboa, s/d, nº 1459, p. 486.

52 "Descrição da Ilha da Madeira", *ibidem*, 92.



crime. Em 1687,⁵³ Hans Sloane é perentório: apenas uma moeda de ouro nas mãos de um negro era o *suficiente para comprar a vida de qualquer pessoa*.

As ordenações e posturas, pelas medidas restritivas que estabeleciam à convivência social dos escravos, dão a entender que as limitações de uso e porte de qualquer tipo de arma, o recolher obrigatório após o toque de rebate e a proibição de circular isolados sem qualquer ordem do dono resultam deste temor.

O estigma traçado pela sociedade a esta minoria reflete-se até mesmo nas possíveis influências e reminiscências resultantes da sua presença. Ficou testemunhado que um significativo número de escravos de Canárias, Norte de África e Costa da Guiné deverá ter propiciado algumas influências ao nível social e material, múltiplos contributos ao quotidiano madeirense, nomeadamente no folclore e na alimentação.

No campo do folclore regional, as músicas e as danças, que não se enquadram no filão português,

são, imediatamente, associadas a este grupo, como é o caso do baile pesado, mourisca, canção de embalar e o baile da meia volta. A maior parte dos autores que o defendem têm como mira a situação da escravatura do Brasil. Acontece que aí ela assumiu proporções muito diferentes das que adquiriu no arquipélago madeirense. A forma de dominação e sociabilidade daí decorrentes favoreceram, no Brasil, a manutenção nas senzalas dos usos e costumes das terras de origem. Os dados avulsos sobre o quotidiano dos escravos permitem-nos questionar algumas falsas visões em que se filiam as explicações dadas para a origem das danças e cantares. O escravo, negro ou berbere, era um ser em permanente descoberta.

Avaliar o contributo de uns e outros, eis a tarefa espinhosa que espera historiadores e estudiosos do Folclore. Uma primeira ideia se impõe. Na Madeira, a escravatura foi diferente daquilo que sucedeu no Brasil. A dispersão geográfica das áreas arroteadas, o reduzido número de escravos por proprietário e as limitações ao espaço de convívio social não favoreceram este tipo de convivência. Por outro lado, na Madeira, tendo em conta as limitações impostas pelas

53 "Uma viagem às ilhas da Madeira.", in *A Madeira Vista por Estrangeiros*, p.161.

posturas à circulação dos escravos após o sino de correr, parece-nos difícil, se não impossível, encontrar um momento para eles se divertirem em conjunto, com as suas danças e cantares. Mais, será possível encontrar entre o reduzido número de escravos de cada senhor um grupo da mesma etnia ou cultura, capaz de recriar as suas danças e cantares? Desta forma, apenas lhes restavam os momentos de folia estabelecidos para o proprietário, a que certamente não deviam ser alheios, com os jogos de canas, as touradas e lutas.

O escravo é parte integrante da sociedade madeirense, não existindo qualquer separação ou delimitação espaço-social. O mundo do escravo entrecruzava-se com o do livre. A dimensão reduzida do arquipélago, associada à forma de estruturação da sociedade e economia, fizeram com que esta simbiose se concretizasse em pleno. Os regimentos régios, as posturas municipais insistiam na necessidade de controlo, no acanhado espaço de convívio do escravo, no sentido de evitar qualquer situação propiciadora da revolta. Estamos perante um processo de assimilação forçada, que deixa pouca margem de expressão à cultura dominada. Perante isto, o escravo estava amarrado ao quotidiano do senhor e só se poderia desprender-se dele em condições especiais e mediante o seu consentimento. O escravo só existe em relação ao proprietário, pois era ele quem lhe atribuía posição na estrutura social. Desde o nome, que o identifica, à profissão que ocupa no dia-a-dia, e ao cumprimento dos preceitos religiosos, a figura do proprietário é onnipresente. Com as escravas, a ligação é mais estreita, servindo muitas vezes de concubinas.

O convívio com os pretos da Guiné deverá ter dado força à maldição e ideia negativa dos textos bíblicos, capaz de justificar esta condição. Desta forma, à medida que estes se tornam uma presença assídua no quotidiano madeirense começam a difundir-se ideias, expressões e comparações que retratam essa situação e documentam pensamentos e atitudes racistas por parte dos madeirenses, que perduram no tempo, até hoje.

Alguém saberá explicar a quase ausência da população de raça negra/preta na atual sociedade madeirense e da sua aparição esporádicas, em determinados momentos, como foi o caso da primeira década do século XXI ?

É certo que a ideia de preto ou negro assumem aspetos distintos, de acordo com a comunidade de africanos desta raça, em África e nos destinos mais importantes nos continentes americanos. Mas, na tradição popular madeirense, o negro ou preto são usados de forma indiferenciada e têm sempre uma conotação negativa⁵⁴. Há expressões e comparações populares que expressam isso. Veja-se alguns casos:

Trabalhas como um negro.

Trabalhas como um preto e gastas como um fidalgo.

Trabalhas como um escravo negro.

Foi tocar como um negro e bebia aguardente como água⁵⁵.

Negro como carvão.

É preto como breu.

Negro como um tição.

Preto como um tição.

Preto como uma amora.

Bailas como um preto⁵⁶.

A adjetivação do “Negro” acontece sempre de forma pejorativa no pensamento e escrita popular. Assim, o negro aparece a caracterizar a reforçar a ideia pejorativa do nosso “fadário”, “destino”. Apenas uma exceção quando o poeta afirma :

Dizem que preto é feio.

Oh! preto que linda cor!.

É com preto que escrevo.

Cartinhas ao meu amor.

Trata-se de uma exceção, mas a norma da utilização da cor está quase sempre associada à sua conotação étnica com as populações africanas, sendo denunciadora de uma atitude racista.

Note-se que a documentação e a população madeirense usam, de forma indiferenciada, a desig-

54 Cf. Carrilho, M., 1976, *Sociologia da negritude*, Lisboa, Edições 70.

55 Esta segunda parte da comparação faz juz à ideia que o preto bebia aguardente e demais bebidas fermentadas em demasia. Cf. Curto, J. C. (2002). *Álcool e escravos: o comércio luso-brasileiro do álcool em Mpinda, Luanda e Benguela durante o tráfico atlântico de escravos (c. 1480-1830) e o seu impacto nas sociedades da África Central Ocidental* (Nº. 3). Editora Vulgata; Curto, J. C. (1999). *Vinho verso cachaça: a luta luso-brasileira pelo comércio do álcool e de escravos em Luanda, c. 1648-1703. Angola e Brasil nas Rotas do Atlântico Sul*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

56 Rui Camacho, comparações, *Xarabanda*, 15(2004), p.38.

nação de pretos e negros para identificar, pela cor da pele, a população de origem africana. Esta ideia e quadro mental relacionados com a cor são usados de forma indiferenciada com idêntico significado. A presença destas populações africanas na Madeira, fundamentalmente da chamada “costa da Guiné” levou a que a toponímia fizesse o registo dessa presença, quase sempre associado ao próprio africano ou situação de caráter negativo.

No quotidiano, o outro pode ser assumido como o nosso vizinho ou com aqueles com quem nos cruzamos na nossa vida diária. Há atitudes e comportamentos que se expressam por força dessa proximidade e que expressam uma diversidade de opções positivas ou negativas, que favorecem ou afastam o nosso interlocutor. Assim, às atitudes racistas e xenófobas, temos de acrescentar a tendência hegemónica de afirmação da nossa cultura e a não-aceitação do outro, que se pode manifestar, através da intolerância.

Sabemos que o facto da Madeira ter sido o primeiro mercado de acolhimento e compra e venda de escravos de raça negra teve um efeito muito negativo em termos das múltiplas apreciações rácicas, (ou racistas), que vemos, por vezes anotadas. Acúrcio Garcia Ramos chega mesmo a afirmar: *Entretanto, o que na Madeira, com muitas exceções notáveis, torna feia a raça humana, são estes elementos de que ela se compõe. Os primeiros colonos não pertenciam às melhores classes de Portugal, mas eram homens rudes e incultos, a quem, pela maior parte, uma vida aventureira chamava à ilha descoberta. A ulterior mistura com os negros é que mais contribuiu para fazer degenerar, física e moralmente, as classes inferiores; e nas feições de muitos persistem vestígios da raça etiópica.* (NEPOMUCENO. 2008: 45-46).

Não temos dados muito precisos sobre as diversas atitudes dos madeirenses em relação às populações africanas, mas, em princípios do século XX, aconteceu uma situação que podemos considerar paradigmática. No dia 16 de agosto de 1913, desembarcaram no Funchal, a bordo do navio «Luanda», 45 pretos e 3 pretas, o primeiro grupo de um contingente de 200 cabo-verdianos socorridos pela fome que os assolava na sua terra natal. O serviço de acolhimento foi coordenado pela Junta Agrícola, presidida pelo visconde da Ribeira Brava. Esta Junta havia sido criada em 11 de março de 1911, com o objetivo de arrecadar o imposto sobre a aguardente e de o re-



verter em favor da promoção da cultura da vinha, do vinho e obras públicas. A informação sobre esta chegada dos pretos de Cabo Verde foi mal acolhida na vila pontassolense, segundo afirmação do dia 12 de agosto: *É um insulto, é uma afronta ao povo da Madeira (.) Transformar a ilha da Madeira em sertões d’Africa, é ofender a honra e dignidade de todos os cidadãos madeirenses*⁵⁷.

Desembarcados na Ribeira Brava, deveriam seguir para o Paúl da Serra para os trabalhos de arborização desta área. Todavia, não foram bem recebidos, virando-se contra eles o espectro racista e, acima de tudo, o facto de virem concorrer com a mão-de-obra local. De acordo com «A Época» de 24 de agosto de 1913, um trabalhador madeirense recebia 600 réis, mas, em compensação, fazia o trabalho de dois pretos. Os caboverdianos haviam sido contratados por 12.000 réis-mês, com «cama, casa, luz e medicina» a cargo da Junta. Esta primeira e única missão foi um total fracasso. A subida ao Lombo do Mouro foi fatigante e dizia-se que alguns *pediram rede para irem ao Paul da Serra*. Chegados ao Lombo do Mouro, revoltaram-se e tiveram de regressar, sendo o che-

57 A Época, Ponta de Sol, 12 de agosto de 1913.

fe, Joaquim Tomás Llano, preso. Depois, os mesmos reclamam, em abaixo-assinado, das condições a que estavam votados e, a 12 de setembro, 32 destes homens foram transferidos para o Terreiro da Luta para iniciarem as obras do caminho que ficou para a História como o Caminho dos Pretos.

Ma Madeira, o escravo não foi alvo de segregação social e racial, convivendo com o seu senhor, noite e dia. O convívio, dentro dos limites estabelecidos, estava facilitado, o que possibilitou uma perfeita inserção social do negro. Note-se que o relacionamento sexual e matrimonial demonstra, até à saciedade, essa tendência integradora da sociedade madeirense. É este o aspeto mais marcante da escravatura na ilha no decurso dos séculos XV a XVII. Situação semelhante deverá suceder na centúria seguinte, até à sua extinção, pois que a escravatura assumiu aqui uma dimensão patriarcal, isto é, o escravo quase que se alheou da vida oficial e campestre para se tornar num serviçal da casa do seu senhor.

INTOLERÂNCIA

-a ilha como o centro do mundo.

A outro nível, está a intolerância, que também se prende com o racismo e xenofobia. De acordo com P. Ricoeur, *A intolerância tem sua origem em uma predisposição comum a todos os humanos, a de impor suas próprias crenças, suas próprias convicções, desde que disponham, ao mesmo tempo, do poder de impor e da crença na legitimidade desse poder.*⁵⁸ É uma atitude manifesta de confronto e negação do outro, através daquilo que ele representa em termos de atitudes ou posturas, crenças e cultura. Quando assim o fazemos, assumimos que a nossa gente, cultura ou raça são superiores e dominadoras, devendo ser assumidas por todos. Desta forma, olhamos com desdém para o outro, por ser diferente, ainda que possa ser mais evoluído, e não toleramos qualquer desvio à nossa norma estabelecida e comumente aceite entre o nosso grupo. A intolerância é também entre nós uma atitude muito comum que pode assumir diversas formas, consoante a relação que estabelece. Esta postura intolerante em relação ao outro pode manifestar-se através de atitudes



racistas e xenófobas, consoante a atitude negativa seja orientada de acordo com a origem rática ou geográfica do outro.

O madeirense, por norma, tende a entender-se como centro do mundo, a partir do qual tudo depende e se afirma, tendo dificuldade em aceitar o outro e assumindo uma atitude de repulsa do outro e da sua cultura, querendo que o outro assuma a madeirensidade.

A História regista uma diversidade de manifestações de intolerância, mas de forma especial de carácter religioso. Deveremos assinalar diversas situações que aconteceram no decurso dos últimos seiscentos anos que são reveladoras dessa intolerância dos madeirenses em relação à cultura e crenças dos outros e que marcam momentos importantes da nossa História.

O processo de expansão europeia é assim um manifesto ato de intolerância por parte de uma Europa cristã, contra o mundo dito pagão. Ainda pode ser visto doutro prisma como uma manifestação he-

58 RICOEUR, Paul. (2000). Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: ACADEMIA UNIVERSAL DAS CULTURAS. *A Intolerância*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.



gemónica dos europeus face aos demais povos do planeta. Esta intolerância é ainda interna do próprio mundo europeu, quando portugueses e castelhanos decidem, de forma unilateral, a partilha do mundo pelo tratado de Tordesilhas, o que levou a reações violentas de ingleses, holandeses ou franceses. De certa forma, o tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Castela em 1494, foi o rasgar do testamento de Adão, o que levou o rei Francisco I, da França a reclamar: *Gostaria de ver a cláusula do testamento de Adão que me afastou da partilha do mundo.*

Na verdade, a conjuntura política do processo de expansão europeia, a partir do século XV, foi geradora de diversas formas de cobiça e inveja por parte dos estados europeus, tendo por palco, de forma especial, o atlântico e as suas ilhas. Neste contexto, temos de olhar muitas ações de represália, através da pirataria e corso, como manifestações de intolerância, onde se diversifica as justificações que estão na sua base. Em 1566, tivemos o inexplicável assalto dos franceses à cidade do Funchal, que é entendido como uma atitude de intolerância religiosa por parte

de Bertrand de Montluc. Gaspar Frutuoso⁵⁹ refere o ato de forma reprobatória apontando o anticatolicismo dos huguenotes, manifesto na profanação dos templos, como sucedeu com a Sé. O Padre Eduardo Pereira fez disto uma leitura inflamada, considerando-os como *sectários inimigos da nossa crença e política religiosa* e conclui que *a armada dos corsários teve função político-religiosa. o político por hostilidade ao trono; o religioso por ódio ao altar*⁶⁰. Esta foi também uma forma de manifestar a sua oposição a A. R. Azevedo⁶¹ que havia afirmado que o mesmo não se justificava pelo ódio religioso, *mas sim pela inveja governamental e o embate de interesses dos estados marítimos da Europa* pois as crenças eram estranhas a esta pirataria sem crenças⁶². Todavia, a opinião mais unânime na historiografia é de que este foi um acaso, resultante da má receção madeirense a um pedido de refresco⁶³. Deste modo, a presença do ideário religioso poderá ser rastreado, não na justificação do facto, mas, sim, na forma de concretização.

Para além destas pelepas externas marcadas pela intolerância religiosa, tivemos outras ao nível interno onde as crenças religiosas foram o motivo de diversas manifestações violentas e mesmo da criação e funcionamento do tribunal da Inquisição desde 1536⁶⁴.

No decurso do século XVII, tivemos a ilha do Porto Santo martirizada por ação dos muçulmanos do norte de África, onde são também manifestas atitudes de intolerância religiosa. Destas investidas dos

59 Saudades da Terra, Ponta Delgada, 1979, caps. 44 a 46.

60 Piratas e Corsários nas ilhas adjacentes, Funchal, 1975, pp. 95 e 109.

61 "Nota XXIX. Os Corsários", in Saudades da Terra, Funchal, 1873, pp. 728-736.

62 Ibid., p. 733

63 Cf. Ed, FALGAROLLE, *Une expedition française a l'île de Madère en 1566*, Paris, 1895; Rebelo da Silva, *História de Portugal*, vols. III e IV, Lisboa, 1971, pp.134-137, 589-590.

64 Cf. Anita Novinsky e Kuperman, (org), *Ibéria Judaica. Roteiros da Memória*. Editora Expressão, Rio de Janeiro e EDUSP, São Paulo, 1996; Anita Novinsky e Maria Luiza Tucci Carneiro; (org) *Inquisição. Ensaio sobre Mentalidades, Heresias e Arte*. Editora Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992; Anita Novinsky. Gabinete de Investigação: uma "caça aos judeus" sem precedentes. Brasil-Holanda, séculos XVII e XVIII. Editora Humanitas, São Paulo, 2007; Anita Novinsky. *Inquisição: Inventários de bens confiscados a cristãos novos no Brasil*. Editora Imprensa Nacional. Casa da Moeda, Lisboa, 1978; Anita Novinsky. *Inquisição: Prisioneiros do Brasil (séculos XVI-XIX)*. Editora Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 2002; Anita Novinsky. *Inquisição. Cristãos Novos na Bahia*. 11ª. Edição. Editora Perspectiva, São Paulo, 2007; Anita Novinsky. *O Santo Ofício da Inquisição no Maranhão. A Inquirição de 1731*. Editora Universidade Estadual do Maranhão, São Luiz, Maranhão, 2006; António Borges Coelho: *Inquisição de Évora (1533-1668)*, Lisboa, Editorial Caminho, 2002.



corsários argelinos à ilha do Porto Santo, temos a salientar a de 1617⁶⁵. Esta ameaça argelina só terminou em 1774, com a celebração de um tratado de amizade com Marrocos, após o abandono da última praça portuguesa de Mazagão. Esta insistente ameaça de corsários argelinos não se justifica unicamente como represália à presença portuguesa na costa marroquina onde os madeirenses tiveram uma ativa participação, pois também pode ser enquadrada no secular afrontamento religioso. É de salientar aqui que a forma de atuação e o objetivo dos corsários indiciam ainda outros objetivos derivados da intolerância religiosa, pois uma das preocupações dominantes era o aprisionamento de mulheres e crianças, a rapina e destruição dos templos religiosos e o apagar dos testemunhos ancestrais de uma cultura e prática religiosa católica. O relacionamento com os cativos não se resumia à negociação do resgate mas também à sua conversão, o que veio a suceder, tendo ficado conhecidos como renegados.

A intolerância religiosa parece ser um estigma da sociedade portuguesa até ao século XX. Para os diversos credos e religiões, foi manifesta a dificulda-

de de implantação e afirmação, sendo manifestas, em diversos momentos, atitudes intolerantes por parte da estrutura da igreja e dos crentes. Todavia, a situação dos últimos anos, com a implantação de outras igrejas, bem como de uma maior disponibilidade para o diálogo acabou por mudar em muito a situação.

Uma das mais evidentes manifestações de intolerância religiosa aconteceu com os ingleses no século XIX. Mas a partir de meados do século XVII, o convívio dos madeirenses com a comunidade britânica na ilha, manifestamente protestante, gerou algumas situações que denotam uma grande intolerância, incentivada pela estrutura da igreja católica. É manifesto por parte dos ingleses esta situação, que aparece testemunhada em denúncias ou testemunhos em toda a literatura desta origem britânica.

Atente-se que a intolerância religiosa pode atuar como um fator de mobilidade de populações. Nem sempre é o mesmo princípio que reúne todos aqueles que se aproximam do cais da partida. Há os que são obrigados a partir por força da violência, expressa na intolerância política, religiosa e desrespeito pela condição humana. São os que partem de forma forçada, na condição de escravo, ou quase escravo,

65 Cf. Jorge Valdemar Guerra, O saque dos argelinos à ilha do Porto Santo em 1617, in *islenha*, 8, 1991, 57-58.



Robert Kalley

como foi o caso da emigração oitocentista conhecida como escravatura branca, na medida em que foram obrigados a entregar o seu destino nas mãos de outros. A estes juntam-se os perseguidos pelas suas opções religiosas e políticas. É por isso que a diáspora judaica marcou, de forma evidente, o processo dos descobrimentos portugueses nos séculos XVI e XVII e que tivemos a situação particular, na década de quarenta do século XIX, de perseguição na Madeira dos seguidores do pastor protestante Robert Kalley. Depois, com o advento da Revolução Francesa, surgiram novos mecanismos de afrontamento marcados pela vida política. À força das convicções políticas, junta-se a violência da palavra e a intolerância do convívio entre adversários. Esta última manifesta-se através da prepotência dos regimes políticos que procura apagar toda e qualquer reação ou obstáculo, perseguindo e deportando os adversários políticos.

No século XIX, um dos fenómenos mais importantes de intolerância religiosa que gerou uma mobilidade de populações foi o caso que sucedeu na Madeira, em torno do pastor protestante Robert Kalley, que teve grande impacto na ilha e nas relações dos ingleses com as autoridades portuguesas. Este criou no Funchal, em 1845, a igreja evangélica presbiteriana, conseguindo a conversão de muitos católicos do mundo rural, nomeadamente no Santo da Serra. A reação intolerante dos católicos foi imediata e levou à perseguição deste pastor e seus adeptos e a partir

de 2 de agosto de 1846, obrigando à saída de cerca de 2000 madeirenses para as colónias inglesas de Trinidad, Tobago e Bermuda⁶⁶.

Este foi, sem dúvida, o mais evidente fenómeno de intolerância religiosa que aconteceu na ilha e que causou atitudes violentas de alguns setores da sociedade madeirense, quanto à presença dos ingleses, com um credo religioso contrário e protestante. Fora isso, ao longo dos tempos, manifestaram-se diversos factos que revelam a não existência de uma convívio pacífico dos protestantes ingleses, com os católicos madeirenses.

Desde o início da ocupação da ilha que as populações têm uma noção muito clara do espaço e das suas limitações e agarram-se a essa situação para preservar o seu espaço “conquistado” à ilha.

Em meados do século XV, a coroa facultava a entrada e fixação de italianos, flamengos, franceses e bretões, por meio de privilégios especiais, como forma de assegurar um mercado europeu para os açúcares. Mas a presença e a influência desses homens foram lesivas para os mercadores nacionais e para a coroa, pelo que se tornou necessário impedir

66 Cf. M. P. TESTA, *O Apóstolo da Madeira. Edição da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal*, Lisboa, 1963; 2ª edição, 2005; R. R. KALLEY e M. de SANTANA VASCONCELOS, *O Catolicismo em perigo na Madeira do Séc. XIX*, edição da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, Lisboa, 2006; FORSYTH, William B. *Uma Jornada no Império*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.

que eles pudessem «*asy somente trautar todos*»⁶⁷; deste modo, o senhorio ordena a proibição da sua permanência na ilha como vizinhos. A questão foi levada às cortes de Coimbra de 1472-1473 e de Évora em 1481, reclamando a burguesia do reino contra o monopólio de facto dos mercadores genoveses e judeus no comércio do açúcar, propondo, então, a sua exploração nesse regime, a partir de Lisboa⁶⁸.

O monarca, comprometido com essa posição vantajosa dos estrangeiros, mercê dos privilégios concedidos, atua de modo ambíguo, procurando salvaguardar os compromissos anteriormente assumidos e atender às solicitações dos moradores do reino; por isso, estabelece limitações à residência dos estrangeiros no reino, fazendo-a depender de licenças especiais; quanto à Madeira, define a impossibilidade da sua vizinhança sem licença sua, ao mesmo tempo que os interdita de revenda no mercado local⁶⁹; a câmara, por seu turno, baseada nestas ordenações e no desejo expresso dos seus moradores, ordena a sua saída até setembro de 1480, no que foi impedida pelo senhorio⁷⁰. Somente em 1489 se reconhece a utilidade da sua presença na ilha, exigindo D. João II a D. Manuel, então Duque de Beja, que os estrangeiros fossem considerados como *naturaes e vizinhos de nossos regnos*⁷¹.

Os problemas do mercado açucareiro da década de 90 conduziram ao ressurgimento desta política xenófoba. Os estrangeiros passam a dispor de três ou quatro meses, entre abril e meados de setembro, para comerciar os seus produtos, não podendo dispor de loja e feitor⁷². Em 1493, D. Manuel reconhece o prejuízo que as referidas medidas causavam à economia madeirense, afugentando os mercadores, revogando as interdições anteriormente impostas⁷³. As facilidades

concedidas à estada destes agentes forasteiros conduzirão à assiduidade da sua frequência nesta praça, bem como à sua fixação e à sua intervenção de modo acentuado na estrutura fundiária e administrativa.

67 A.R.M., C.M.F., *Registo Geral*, I. I, fls. 5 vº-6. Lisboa, 6 de Outubro de 1471. carta régia sobre o trauto do açúcar, in AHM., XV, 57; *Ibidem*, fls. 148-148 vº, Beja, 5 de Março de 1473, carta da infanta D. Beatriz acerca dos estrangeiros, in AHM, XV, 68.

68 Esta situação surge no senhorio do infante D. Fernando. Cf. Joel Serrão, "O Infante D. Fernando e a Madeira (1461-1470) ", in DAHM, n.º4 (1950).

69 A.R.M., C.M.F. n.º 1298, fl. 37, 22 de Dezembro de 1485; *ibidem*, fl. 68 vº, 15 de Abril de 1486; *ibidem*, fl. 87 vº, 7 de Junho de 1486.

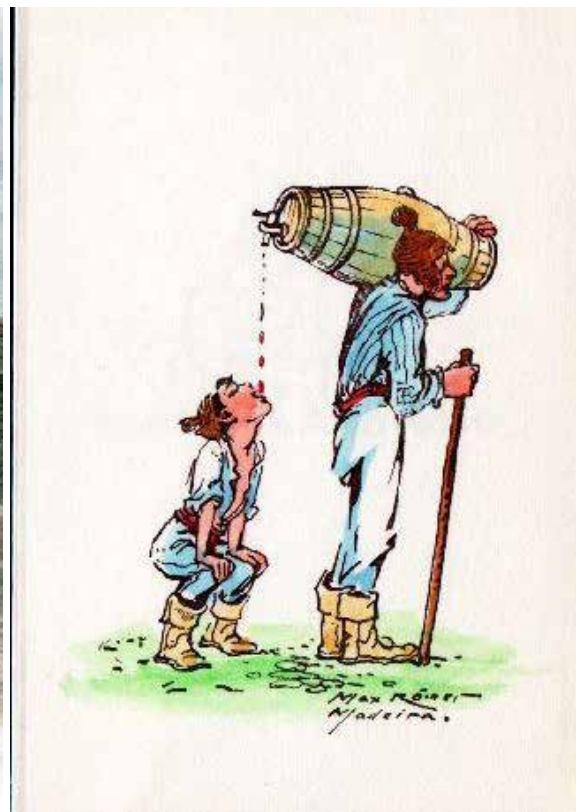
70 A.R.M., C.M.F., *Registo Geral*. t. I, fls. 292-293, Lisboa. 7 de Agosto de 1486.

71 A.N.T.T., Gavetas, XV-5-8, Évora, 22 de Dezembro de 1489, sumariado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, IV. Lisboa. 1964. 169-170.

72 A.R.M., C.M.F. *Registo Geral*. t. I, fls. 262 v. 0-269 v., Torres Vedras, 12 de Outubro de 1496. in A.H., M. XVII, 350-358; *ibidem*, n.º 1302. fls. 83-83 v., 26 de Novembro de 1496.

73 A.R.M., C.M.F." *Registo Geral*, t. I, fls. 291 v. 0-292, Lisboa, 22 de

Março de 1498 in A.H.M. XVII.369. Veja-se Álvaro Rodrigues de Azevedo, «Anotações», in *Saudades da Terra*. Funchal, 1873. 681-682.



DA INVEJA E INVEJIDADE

Diz-se que é inveja ou invejidade, também popularmente conhecida como “dor de cotovelo”, o facto de alguém desejar o que é do outro. A Igreja Católica tem uma visão muito negativa desta atitude considerando-a como um dos sete pecados mortais. Para a combater, prega-se ao católico a virtude da caridade e do amor ao próximo, conforme afirmam as constituições sinodais⁷⁴.

74 As constituições sinodais mais antigas que se conhecem para o bispado do Funchal resultam do sínodo realizado em 18 de Outubro de 1578 por D. Jerónimo Barreto, por ordem de 4 de Maio de 1579 foi determinada a sua publicação o que só veio a suceder em 1585 na oficina de António Ribeiro em Lisboa. Depois tivemos as constituições extravagantes de D. Luís Figueiredo de Lemos, aprovadas em 15 de Agosto de 1597 que se reuniram à 2.ª edição das anteriores feita em 1601. Quanto às quinze constituições promulgadas em 15 de Julho de 1615 no sínodo convocado por D. Frei Lourenço de Távora que se mantiveram manuscritas e só recentemente foram publicadas por José Pereira da Costa em «Dominicanos bispos do Funchal e de Angra e na esteira de Frei Luís de Sousa», in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. III, Porto, 1987. Desde essa data até 1695 realizaram-se mais cinco sínodos (1622, 1629, 1634, 1680, 1685) mas não se sabe se foram promulgadas quaisquer constituições. Apenas Henrique Henriques de Noronha (*Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese do Funchal na ilha da Madeira*, 1722) nos informa que D. Frei José de Santa Maria promulgou em 1695 «novas e douradas constituições, que pretendia imprimir mas não tiveram efeito por ser no mesmo tempo promovido para o bispado do Porto». Dos demais sínodos também se fizeram constituições que não chegaram até nós (Fer-

Na ilha, a inveja diz-se e a invejidade vive-se. É uma característica comportamental que se torna mais notada nos espaços pequenos, que para nós é definido pelo poio, onde ganha maior visibilidade, mesmo na atual sociedade global em que vivemos, onde ninguém larga os seus hábitos, usos e costumes, posturas, atitudes e sentimentos. Há uma expressão - “Que d’inveja se comia;” - que se perpetua no romanceiro e nos dizeres populares. Depois, se formos ao encontro da literatura que faz o retrato do mundo rural, como acontece em Horácio Bento de Gouveia, vamos encontrar que entre os madeirenses havia “muita imveja im riba do lombo” e que as gentes “arrepelava-se de inveja”⁷⁵. Já em Viale Moutinho,⁷⁶ vemos no “Conto dos Corcundas” do Estreito de Câmara de Lobos, dois compadres em que vemos

nando A. de Silva, *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, 1946, 98-214).

O bispado de Angra, desmembrado do Funchal em 1533, teve as suas primeiras constituições sinodais em 1559, aprovadas em 4 de Maio no sínodo que então se teria realizado. A sua publicação ocorreu em 1560 na oficina de João Blávio de Colonia em Lisboa; a sua segunda edição anotada teve lugar em Angra do Heroísmo no ano de 1881. No prólogo diz-se que aí se usavam as do bispado do Funchal, «que avia muito poucas ou quasi nenhuma, aliem de serem muyto antigas e breves».

75 GOUVEIA, 1975: 148, 174

76 MOUTINHO, 2011: 56.

a imagem dos “olhos a relampejar de inveja”. Ainda, noutro conto sobre o “voo do bisbis” há mesmo uma antropomorfização do pássaro, pois o bisbis, por ser muito pequenino, *Tinha mesmo inveja dos outros pássaros maiores que chegavam aos ramos mais altos do til que dominava aquele campo em que viviam todos.* (MOUTINHO, 2010: 69).

Na imprensa e na literatura, cruzamos sempre com a invejidade e inveja. Em algumas publicações parece que esta atitude é um dos males que assola a ilha. Assim, em 1874, alguém que assina sob o pseudónimo de J. Fausto afirmava que *...das mesquinhas intrigas de inveja, de que está desgraçadamente infecionado o solo madeirense.*⁷⁷ Depois, em 1912, Alberto Artur Sarmento, num conto sobre “A cama-da de olhado” refere que a invejidade, *que em matéria de malefícios era dárromba*⁷⁸. Ainda o mesmo autor, na questão sobre a estufa para beneficiação do trigo construída junto ao Pilar de Banger dedica um capítulo ao que chama “a invejidade”, para ilustrar os problemas decorrentes da sua construção: É termo bem característico madeirense - a invejidade-, significando a inveja mal reprimida, encapotada, que moe e ginga, repiza e muito gira, a lançar mão de todos os meios para se alastrar, procurando anular a sombra que a escurece e molesta, unida e fria, infiltrante, deprimindo o que é alheio, a roçar-se a esquina, para realização dos seus fins.

É a inveja dinâmica, sem sentido, nem direcção, impando uma coragem embexigada pela vacina do mêdo⁷⁹.

Alguns ditados populares são expressivos quanto à generalização da inveja: em 1952, vemos no *Re-nhau-nhau*⁸⁰ o registo de um adágio popular que diz: *Se a inveja fosse tinha toda a gente andava tinhosa*⁸¹. É certo que estamos perante uma atitude universal, mas que ganha significado e evidência em espaços

pequenos e a pequenez do poio pode ser um meio facilitador da sua propagação. Talvez por isso Ferreira de Castro⁸² acentua que há, em *todos...os seus ódios, as suas invejas* e que a escritora Agustina Bessa Luís ao escrever sobre a Madeira refere “a inveja e o ódio de muitos séculos”⁸³.

A invejidade funciona, assim, como um mão invisível que todos negam mas que está sempre presente nas atitudes, desejos e palavras da população. É algo transversal às nossas atitudes comportamentais e que se torna expressivo, por exemplo na literatura popular, nas quadras que o povo canta, daí um discurso moral no sentido da sua erradicação:

Inveja é pranta ruim.

Que lavra por toda terra.

Se traz raízes no mar.

Já bota as folhas na serra.

(PORTO DA CRUZ, 1954: 14).

É uma atitude humana que gera uma energia destrutiva e que, por essa razão, o povo procura combater-la, através de uma diversidade de meios de cura, com rezas, ervas e rituais de limpeza e protecção. E há uma crença da sua ação, que motiva a sua procura, face da impotência da medicina tradicional⁸⁴.

O uso das ervas e objetos nestes rituais é milenar e transmite-se na tradição oral de região para região⁸⁵. Aspetos de carácter mítico e religioso relacionam algumas ervas com rituais de cura, limpeza e protecção espiritual⁸⁶.

77 *Estrella Literária*, nº.3 15 de janeiro de 1874, p.4.

78 Sarmento, A., *Migalhas*, Funchal, Oficinas do jornal O Zé, 1912, p.150.

79 SARMENTO, A.; *Brotero dá parecer sobre a estufa de Banger na ilha da Madeira*, Funchal, Funchal, Tip. Do Diário de Notícias, p.30.

80 RHH, n.º 0730: 10 de abril de 1952, p. 2. Recorde-se que já em 14 de janeiro de 1996 (n.º 5664 p.4) afirmava-se que “ambições, invejas, caprichos, interesses, egoísmos andam com os homens por onde eles vão para todos os rumos, não há direcção que não sigam essas fraquezas da raça humana.”

81 Recorde-se que em 1882 (*Diário da Tarde*, nº.300, 21 de dezembro de 1882, p.2) ao comentar-se os problemas e as reclamações em torno da ação do Visconde de Canavial o periódico afirmava: “Ai! Se a inveja fosse tinha..”

82 *Eternidade*, 1977, p.159.

83 2008, *A Corte do Norte*, p.16.

84 *A ineficácia apresentada pela medicina favoreceu a crença em um viés mágico de cura. Todas aquelas doenças para as quais os médicos oficiais não tinham cura entravam na denominação de doenças mágicas, causadas por um castigo divino, uma intervenção diabólica ou uma maldição provocada por um feiticeiro.* (REY BUENO, 2009, p. 103)

85 Segundo Albuquerque (1997, p. 13): Outrora dominava a crença de que algumas plantas foram dadas ao homem pelos deuses ou heróis míticos, como auxiliares na cura de processos patológicos, ferimentos de guerra, ou como livramento de males; outras plantas, por sua vez, decoravam templos erguidos para adoração de determinadas divindades, onde eram consumidas em bebidas ou queimadas [...], e que ainda hoje encontram aplicação em ritos de diversas crenças religiosas.

86 Sobre isto, Rey Bueno (2009, p. 56) afirma: A tradição conta que o zimbro (*juniperus communis*) deu protecção à Família Sagrada, o qual ofereceu seus galhos para que a Família se escondesse nelas, com o Menino Jesus, durante a perseguição de Herodes. Desde então, possui propriedades especiais para expulsar os demónios e destruir qualquer sortilégio.

Um das indicações mais prementes da presença da invejidade no quotidiano madeirense é o facto da tradição anotar um conjunto de rezas para espantar o mau olhado⁸⁷ e a inveja. Os patuás ou saquinhos de proteção, talismãs e amuletos (ferradura, olho turco ou grego, figa, santinhos e medalhas e pendentos [Santo António, N. S. de Fátima, São Bento], o corno, as cruzes [cristã, Ankh, celta, de caravaca], o escaravelho egípcio, espada e estrelas de S. Jorge, estrela de seis pontas, mão de Fátima, dente de tubarão, figura em forma de trevo, olhos [de boi, de Hórus, de Santa Luzia, turco], pentagramas, sapo de três patas, selo de Salomão, talismã da vida, terceiro olho,...), os vasos de plantas (erva de Santa Barbara, espada de S. Jorge [Sansevieria trifasciata], alecrim [Sansevieria trifasciata], arruda [Ruta graveolens], pimenteira [Capsicum sp.], manjerição [Ocimum basilicum], guiné [Petiveria alliacea], comigo ninguém pode [Dieffenbachia sp.], rosa de Jericó [Selaginella Lepidophylla], asplénio [Asplenium nidus L.], o majericão sagrado, Tulasi ou Tulsi [Ocimum sanctum], zanioculcas [zamioculcas zamiifolia]..), têm poderes de proteção e estão estrategicamente colocadas à entrada das lojas comerciais e habitações⁸⁸. Plantas e objetos atuam como “simpas” para limpar/curar ou prevenir qualquer tipo de energia negativa e nociva.

tias” para limpar/curar ou prevenir qualquer tipo de energia negativa e nociva.

Em qualquer dos casos, o ramo de alecrim (*Rosmarinus L.*) era sempre usado pelo poder de espantar e curar estas energias negativas e destrutivas⁸⁹. Assim, assinalam-se rituais mágicos com o uso de diversas ervas (arruda, alecrim, boldo, folhas de pitangueira, de loureiro, de cedro, de eucalipto e funcho, espada de S. Jorge) em processos de defumação ou banhos de limpeza. Por outro lado, muitas destas plantas estavam e ainda hoje estão presentes nos jardins, casas e lojas dos madeirenses.

As curandeiras fazem rezas para curar ou afastar o mau-olhado e inveja de pessoas, casas, palheiros, galinheiros e de animais de estimação. Numa destas orações de cura do mau-olhado, fala-se em invejidade: *Oração para o olhado “-Maria, se tens olhado no comer, no beber, no vestir e no calçar, no próprio andar, no trabalhar, no cabelo e na tua formosura, a invejidade havemos de ouvir entrar para o perigo do mar, aos uivos fortes. Pode com o bem e com o mal, para sempre, amém.” Rezar um Credo em Deus Pai.* (MOTA, 1992: 44).

Temos ainda a reza para a cura da chamada “inveja empresada”: *Curar de inveja empresada- “Deus de Deus e o Verbo de Deus e o Filho do Pai Eterno”, (nome da pessoa a quem se cura) se estás empresada no comer, no beber, no vestir ou no calçar, na tua formosura ou no teu lidar, no teu dinheiro, no teu trabalho, no teu estudar, na tua casa, se estás empre-*

Fernán Caballero, no entanto, acredita que o alecrim (*Rosmarinus officinalis*) foi o que prestou ajuda à Virgem em sua fuga para o Egito. Diz-se que floresce no dia da Paixão de Cristo pelo fato de a virgem ter colocado para secar sobre os alecrins as fraldas do menino Jesus.

87 Rafael Bluteau diz-nos que o “Olhado, quebranto & fascinação são três nomes que significão o mesmo. Olhado denota a causa, quebranto denota o effeyto & fascinação que significa huma & outra cousa, porque se deriva de fascinare, & fascinare se deriva do verbo grego baskaimen ou Phaesikainem, que val o mesmo que matar com a vista. Em pymeiro lugar olhado denota a causa porque o verdadeyro olhado he só aquelle, que se faz pelfos rayos visiveis, & espíritos contagiosos & venesicos dos olhos, que corrompem o temperamento daquelle sugeyto racional, ou irracional, a que foram dirigidos, alterando pry me iro o ar & secundariamente ao corpo disposto a receber a tal alteração, no qual imprimem huma qualidade maligna, & mortífera, porem naturalmente & principalmente se for acompanhada com inveja; & se os sugeytos que receberem esta maligna impressão, forem moles & delicados como meninos, alvos, louros, gordos & formosos, & moças & homens destes requisitos, porque tem à pele delicada & porosa, & com leve ocasião se altera a sua saúde.

Em segundo lugar o olhado chama-se Quebranto, porque entre os muitos simptoms, que causa, he notavel o quebrantamento, pouco vigor & grande lassidão de todo o corpo, donde nascem grandes desejos de estar deitado, suspiros longos, bocejos muytos, apertos do coração, aborrecimento a todo o comer, as cores do rosto mudadas, a cabeça descahida, o rosto triste, dificuldade em levantar os olhos para cima, & as vezes alguns suores fora de toda a razão.” Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino*, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712. Citado por TRINDADE, 1999, 102-103.

88 Sobre estas plantas e o seu uso e ação em termos energéticos e espirituais temos uma diversidade de informações disponíveis na Internet. Mas aconselhamos alguns estudos científicos. Cf. GIMENES

(2010), LORENZI (2001, 2003, 2008), REY BUENO (2009), THOMAS (1988), ALBUQUERQUE (1997), AMOROZO (1996), AZEVEDO (1981, 1984), BIAZZI (1996), CAMARGO (1998), FARELLI (2002), GIMENES (2010), LABATE, GOULART (2005). Para a Madeira temos os estudos de FREITAS(2013), SEQUEIRA(2006).

89 Muitos ainda devem recordar, na década de oitenta do século XX, o ritual habitual que acontecia no Estádio dos Barreiros antes de qualquer jogo do Marítimo, em que um adepto do clube, todas as vezes que acontecia um jogo, percorria o estádio com uma grande cruz de alecrim para espantar a inveja e mau-olhado. A mais antiga informação que temos refere-se a 15 de Maio num jogo entre o Marítimo e Olhanense, de subida à primeira divisão nacional. E a última documentada por populares refere-se a 19 de abril de 2013, num jogo realizado nos Barreiros em que a equipa venceu. Esse mesmo ritual acompanhava a equipa do Marítimo, como sucedeu numa ida da equipa a Guimarães. Por outro lado, algumas figuras políticas, como foi o caso de Alberto João Jardim em diversos momentos e discursos referem a inveja, mau olhado e olhado roxo e à presença protetora do alecrim. Incluso algumas testemunhas referem o uso deste alecrim no momento da festa anual do PPD/PSD. Numa das ultimas intervenções de Alberto João Jardim em 21 de Março de 2014, na inauguração da unidade de gaz natural dos Socorridos refere-se à necessidade do alecrim para combater o mau-olhado e olhado roxo.

sada por parte do diabo, Deus te “desemprese”, se estás empatada Deus te “desempate”, se estás atravessada, Deus te “desentruvesse”, se estás amarrada, Deus te desamarre, se empresada nas horas das Avé Marias. Alecrim, deitar no prego do mar aonde não o ouça galo preto cantar, ovelha benta berrar, nem zangão zangar. Vai este mal para longe e não mais torne a voltar”. Curar 9 vezes (FOLCLORE, 2005: 13).

Em Santa Cruz, temos outras rezas, sobre o mesmo: *Em nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas Divinas da Santíssima Trindade, eu te curo de pragas. Deus te desate quem te atou a te desamarre quem te amarrou do olhado mal invejado. Pragas juradas ou protestadas eu te desconjuro para o mar coalhado onde este mal veio para lá torne. Em louvor do Santíssimo Sacramento do Altar. Sou eu que te curo e Deus que te sare assim como nosso Senhor foi alumiado todos os males inveja seja tirados.* (FOLCLORE, 1996: 10). E outra que fala do mal de quebrante⁹⁰ inveja e mal invejado: Curar de olhado - *“Maria foi o nome que te puzeram na pia, eu te curo com o nome de Deus e da Virgem Maria e das três pessoas da Santíssima Trindade, eu de olhado de homem ou de mulher, quebrante inveja, mal invejado, atravessados olhos que para ti olharam, se te deram olhado no teu olhar, no teu andar, no teu comer, no teu beber, na tua formosura, ou se te deram pelo caminho Deus te queira tirar tudo o que o teu corpo tem por essa inveja, deitado no fundo de qualquer mar, por alma viva não torne mais a voltar, eu é que te curo e Deus é que te saro em louvor das três pessoas da Santíssima Trindade, assim como nossa Senhora curou o seu Bendito Filho para lhe cheirar, eu também te curo para te sarar, alecrim verde que nasce no*

campo, tirai este mal, este quebrante, pelo Amor de Deus.” (FOLCLORE, 1996: 10).

Há ainda outra oração de cura do mau olhado e inveja recolhida no Campanário: ORAÇÃO CONTRA O MAU OLHADO- *Esta oração deve ser dita nove vezes durante 9 dias consecutivos. “(Nome da pessoa), eu te curo em nome de Deus e da Virgem Maria, com as três pessoas da Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Divino Espírito Santo, com alecrim verde do norte com que te estou a curar que todo o mal do teu corpo Nossa Senhora te queira tirar. Se é do teu comer, do teu beber, do teu vestir, do teu calçar, da tua gordura, da tua formosura, do teu trabalhar, do teu ganhar, do teu aproveitar, dos teus negócios, dos teus clientes, do teu comprar, do teu vender, se é inveja, se é impacto, se é mau olhado, se é pragas, se é feitiços, se é bruxarias, se é filtros ou encantamentos, que não oiças o galo cantar, nem a cabra berrar, que todo o mal do teu corpo Nossa Senhora te queira tirar, em nome do Deus Filho e de Deus Espírito Santo.”* (FOLCLORE, 1996: 16).

Na ilha, a cura dos efeitos da inveja, transmitida pelo mau-olhado, também chamado de olho gordo é, como vimos um trabalho assegurado pelas chamadas curandeiras. Noutras culturas esta função é atribuída ao xamã, feiticeiros ou até mesmo, nos tempos que correm, pelos chamados radiestesistas⁹¹. Hoje, estas

90 “Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, quebranto é estado de torpor, cansaço, languidez, quebrantamento; suposta influência maléfica de feitiço, por encantamento à distância; efeito malévolo, segundo a credence popular, que a atitude, o olhar etc. de algumas pessoas produzem em outras.

Nos antigos dicionários portugueses era registrado apenas como desfalecimento, prostração, quebramento de corpo.

Universalmente conhecido, o mau-olhado é o mal de ojo, na Espanha; mal-occhio, para os italianos; evil eye para os ingleses e mati, para os gregos. Na Grécia existe, inclusive, o famoso olho grego, um talismã contra a inveja e o mau-olhado, que funciona também como um símbolo da sorte e é um poderoso instrumento contra energias negativas. Normalmente é feito de vidro, na cor azul, sendo usado como pingentes em pulseira, colares e tatuagens.

No Brasil, o quebranto está sempre relacionado ao feitiço e a influências maléficas, sendo considerado uma doença causada pelo mau-olhado, também conhecida como quebrante.” GASPARG, Lúcia. Quebranto e mau-olhado. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: dia mês ano. Ex: 6 ago. 2009.

91 Atente-se que a radiestesia é hoje entendida, por alguns, como uma ciência, podendo ser entendida, à letra, como a ciência da sensibilidade às radiações energéticas. Através de instrumentos os radiestesistas captam radiações e emissões energéticas. Daqui evoluiu para múltiplas utilizações, em termos de limpeza e cura, com os chamados gráficos de radiestesia. Esta prática de manipulação das energias é muito antiga, estando documentada no Egito antigo e há mais de dois mil anos na China, mas foi a partir de princípio do século XX que se vulgarizou na Europa, por iniciativa dos abades Alexis-Timothée Bouly (1865-1958) e Louis Bayard e do padre Alexis Mermet (1866 – 1937) a partir da década de trinta do século XX. Cf. Lefebvre Thierry. Le pendule et le mortier. De quelques pharmaciens radiesthésistes et de Gabriel Lesourd en particulier. In: *Revue d'histoire de la pharmacie*, 92e année, N. 344, 2004. pp. 527-544. Disponível em [url :/web/revues/home/prescript/article/pharm_0035-2349_2004_num_92_344_5713](http://web/revues/home/prescript/article/pharm_0035-2349_2004_num_92_344_5713), Consulté le 25 septembre 2015.; Jean-Yves Durand, « Les mains heureuses », *Terrain* [En ligne], 49 | août 2007, mis en ligne le 12 mai 2014, consulté le 25 septembre 2015. URL : <http://terrain.revues.org/6381> ; DOI : 10.4000/terrain.6381; Durand J.-Y., 2004. « La baguette du sourcier, du coudrier aux matériaux composites, et retour », in Lieutaghi P. & D. Musset (dir.), *Plantes, sociétés, savoirs, symboles*, t. II, L'Arbre dans l'usage et l'imaginaire du monde. La plante, de l'aliment au remède, Mane, Alpes de Lumière / Musée ethnologique de Salagon.1998. « Des Lumières aux «illuminés» ? Le regain des ésotérismes », in Bromberger C. (dir.), *Passions ordinaires. Du match de football au concours de dictée*, Paris, Bayard; RODRIGUES, A. (2003). Radiestesia Clássica e cabalística. *Fábrica das letras*. Sobre a radiestesia prática cf. RODRIGUES, A. (2000). Os gráficos em radiestesia. *Ed Fábrica das Letras*. Sobre

capacidades difundiram-se em todo o mundo e o seu recurso parece ser universal.

Sabemos por tradição que curandeiras(os) ou feiticeiras(os)⁹² madeirenses sempre existiram e assumem um papel especial nas localidades da ilha, atuando com descrição na limpeza dos efeitos provocados pela inveja e mau olhado, que são quebranto e enguiços. Tal como vimos, nas rezas, faz-se apelo à intercessão de Deus, da Virgem Maria, da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo. Já noutras regiões, a intercessão é feita através doutras entidades espirituais.

Há um conhecimento popular que está para além do conhecimento científico e que se transmite de boca em boca. A Mobilidade Humana é um fator importante na sua divulgação e difusão, sendo de destacar as ligações da Madeira à Venezuela, Brasil e África do Sul.

Recordo que, nos anos noventa, a Madeira foi invadida por uma variedade de curandeiros africanos que terão tido algum sucesso, apesar dos problemas que geraram, razão pela qual quase desapareceram.

o debate destas formas de terapia, ditas alternativas, veja-se: SOUZA, E. F. de; LUZ, Madel Therezinha. 2009, Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp.393-405.

- 92 Há uma diferenciação entre mago, feiticeiro e bruxo. Assim enquanto o mago é aquele aprende a manipular as energias, o feiticeiro nasce e permanece com o dom que tem, sem capacidade para evoluir. O bruxo, segundo a tradição histórica, está ligado ao culto do diabo. Na cultura popular parece que estas diferenças não são muito lineares. Na Madeira temos na literatura popular a designação de feiticeiro para aquele, que sendo analfabeto, é capaz de soletrar quadras com histórias de cariz popular. Este título será talvez resultado do fato de o povo entender que este tem poderes alquímicos sobre a palavra Cf. RUSSELL, Jeffrey Burton. 2008, *História da Bruxaria*. S. Paulo, Aleph; GARDNER, Gerald B., 2003, *A Bruxaria Hoje*. Madras, São Paulo, SP; GRIMASSI, Raven. 2003, *Bruxaria Hereditária: Segredos da Antiga Religião*. S. Paulo, Gaia; BUCKLAND, Raymond. 2003, *O Livro Completo de Bruxaria do Buckland*. S. Paulo, Gaia; FARRAR, Janet; Farrar, Stewart. 1999, *Oito Sabás para Bruxas*. S. Paulo, Anubi; GRIMASSI, Raven. 2003, *Bruxaria Hereditária: segredos da antiga religião*. São Paulo, Gaia; MURRAY, Margaret Alice, 2003, *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, S. Paulo, Madras; NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo, 2002, *O Diabo ao imaginário cristão*, Bauru, EDUSC; id., 2004, *Bruxaria e História. As práticas Mágicas no Ocidente cristão*, S. Paulo, EDUSC.



À PROCURA DA INTERCULTURALIDADE: O FUNCHAL-CIDADE COMO ESPAÇO ABERTO E DE DESENCONTROS.

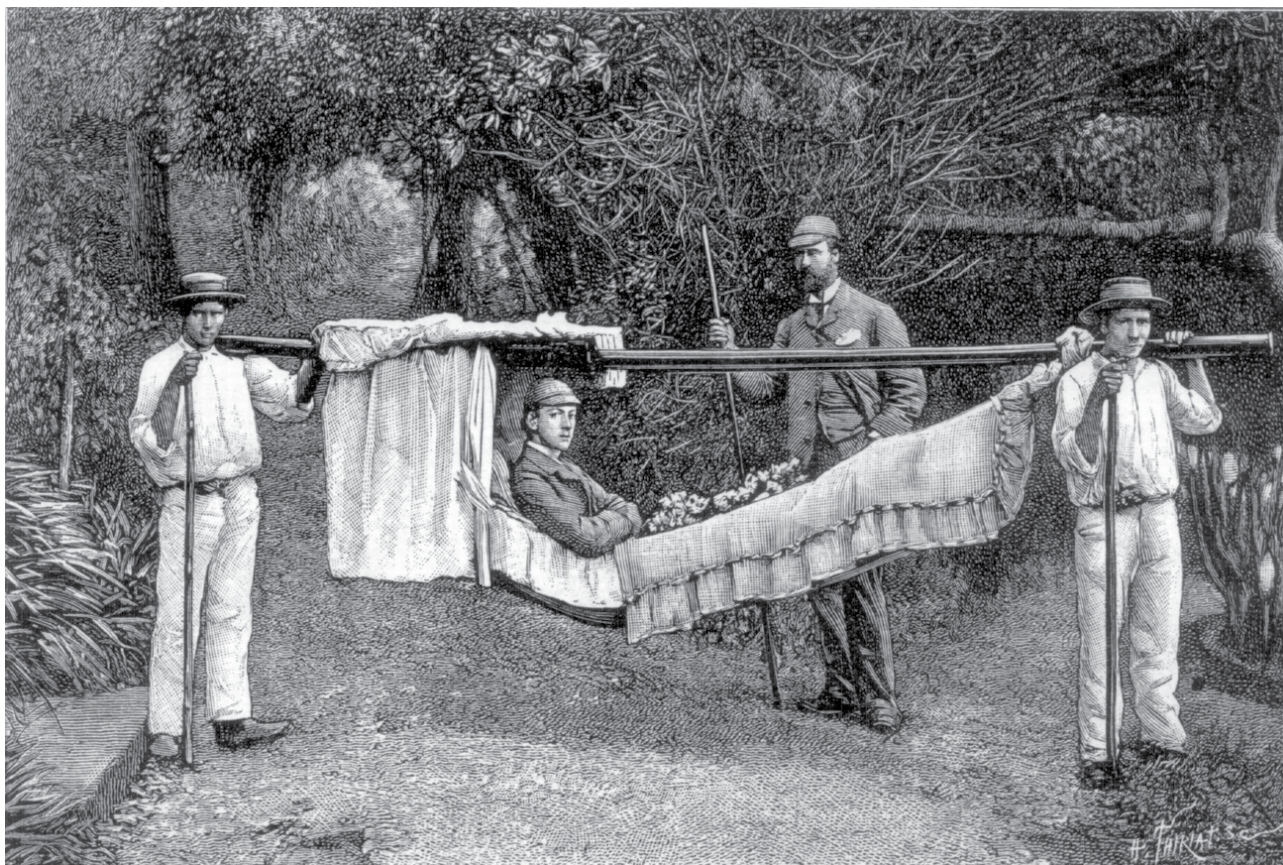
Há quase sempre a ideia de que o Funchal foi e é uma cidade intercultural, aberta ao exterior e ao mundo envolvente. A cidade é entendida vulgarmente como que fosse um espaço aberto, de liberdade e de aceitação do outro, onde se cruzam pessoas, culturas e visuais distintos. Mas isso parece ser um mito que paira sobre o burgo e que espelha um desconhecimento do seu povo e atitudes sociais mais evidentes.

É certo que, por força do seu protagonismo no processo de expansão europeia e, depois, na História do Atlântico, o Funchal afirmou-se como um ponto de passagem de gentes e produtos, mas falta esse convívio com a diferença, pois criaram-se barreiras linguísticas e culturais, que ainda hoje podemos dizer que persistem. Esse diálogo intercultural parece ter sido apenas um sonho e nunca uma realidade vivida. Senão, como entender certa animosidade social e

política em relação a algumas comunidades, nomeadamente os ingleses?

A primeira ideia que nos assoma é a de que o Funchal sempre se apresentou como uma cidade aberta ao mundo exterior. O facto de dispor de um porto oceânico que, embora não oferecesse grandes condições à navegação, era muito frequentado, por força do papel que a cidade desempenhou no processo de expansão e domínio dos novos espaços de ocupação europeia, primeiro para os portugueses e, depois, para os ingleses, é um elemento importante desta permanência de abertura ao mundo exterior. Primeiro, as grandes viagens oceânicas e de ocupação ou subjugação e outros espaços. Depois, o comércio de produtos entre os vários portos e mercados. E, finalmente, a assiduidade dos cientistas, curiosos pela descoberta da ilha ou de outras paragens, e os turistas, por questões de doença ou lazer.

O Funchal, que se apresenta de portas abertas a todos os que chegam, bem ou mal intencionados, poderá ser considerado como uma cidade intercultural apenas pelo facto de se abrir ao convívio com novas gentes e culturas?



Terá havido por parte dos madeirenses e visitantes a dimensão da alteridade,⁹³ tão necessária para a aceitação do outro e para o entabular de um diálogo?.

Será que os sentimentos e atitudes de intolerância, xenofobia, prepotência, subjugação, desdém (...) não fazem parte deste quotidiano que marcou a relação do indígena com o visitante ou o que vem para ficar?

Em que medida as expedições científicas, o turismo nas suas diversas vertentes contribuíram para a criação de uma nova cidade aberta ao diálogo, ao encontro de culturas?

A partir destas questões poderemos ir à procura de respostas ou de situações que possibilitem uma reflexão sobre o nosso propósito. Um dos aspetos mais referenciados do confronto do madeirense com outras culturas resulta da presença de escravos de diversas proveniências (Canárias, N. de África, Costa da

Guiné) nos primórdios da ocupação da ilha.

Será que este momento foi propício a um diálogo cultural, a um mútuo olhar, ou tudo não passou de um mero entreolhar?

Ao contrário do que aconteceu com os espaços que se seguiram à Madeira, a escravatura assumiu aqui características peculiares que não permitiram esse olhar ou esse diálogo, mas sim a imposição e subordinação do escravo a uma cultura europeia de matriz cristã. Logo à chegada, ou mesmo antes, à saída dos portos de origem, estes eram batizados à força. Depois, eram-lhes impostas regras de conduta, formas de trabalho e hábitos alimentares desconhecidos e muitas vezes adversos aos seus padrões culturais. Mas então que dizer a essas ditas manifestações conhecidas como de influência africana? Primeiro teremos que questionar se são todas de proveniência africana e depois é necessário saber se entraram no porto por via destes ou por iniciativa dos próprios madeirenses.

Será que uma cultura tão dominadora e intolerante como a europeia teria abertura para olhar es-

93 Cf. Frei Betto, *Alteridade*, (disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=7063>); Maurício da Silva, *ALTERIDADE E CIDADANIA* (online em <http://www.evirt.com.br/colonistas/mauricio08.htm>)



sas outras culturas, muitas vezes ditas primitivas, e daria oportunidade à sua expressão no seu próprio espaço de convívio?

Por outro lado, poderemos perguntar-nos se o escravo, tão amarrado que estava, no seu convívio social, a normas de conduta e de controlo definidas pelo seu dono, teria condições para poder fazer valer em qualquer momento a sua cultura e com que a mesma despertasse o olhar ou curiosidade do outro?

A reduzida dimensão do número de escravos por proprietário não favorece a construção e a manutenção desses elos sociais e culturais que se manifestam noutras áreas onde a dimensão do número de escravos por casa ou propriedade é muito significativa⁹⁴.

Outra dimensão deste olhar e diálogo poderá ser encontrada na relação do madeirense com o estrangeiro que, por diversas situações, reside ou está de passagem e visita à ilha e que raras vezes se introduz na ilha adentro, não passando do recinto urbano. A tradição anota a presença de uma multidão de forasteiros em diversas condições, como mercadores,



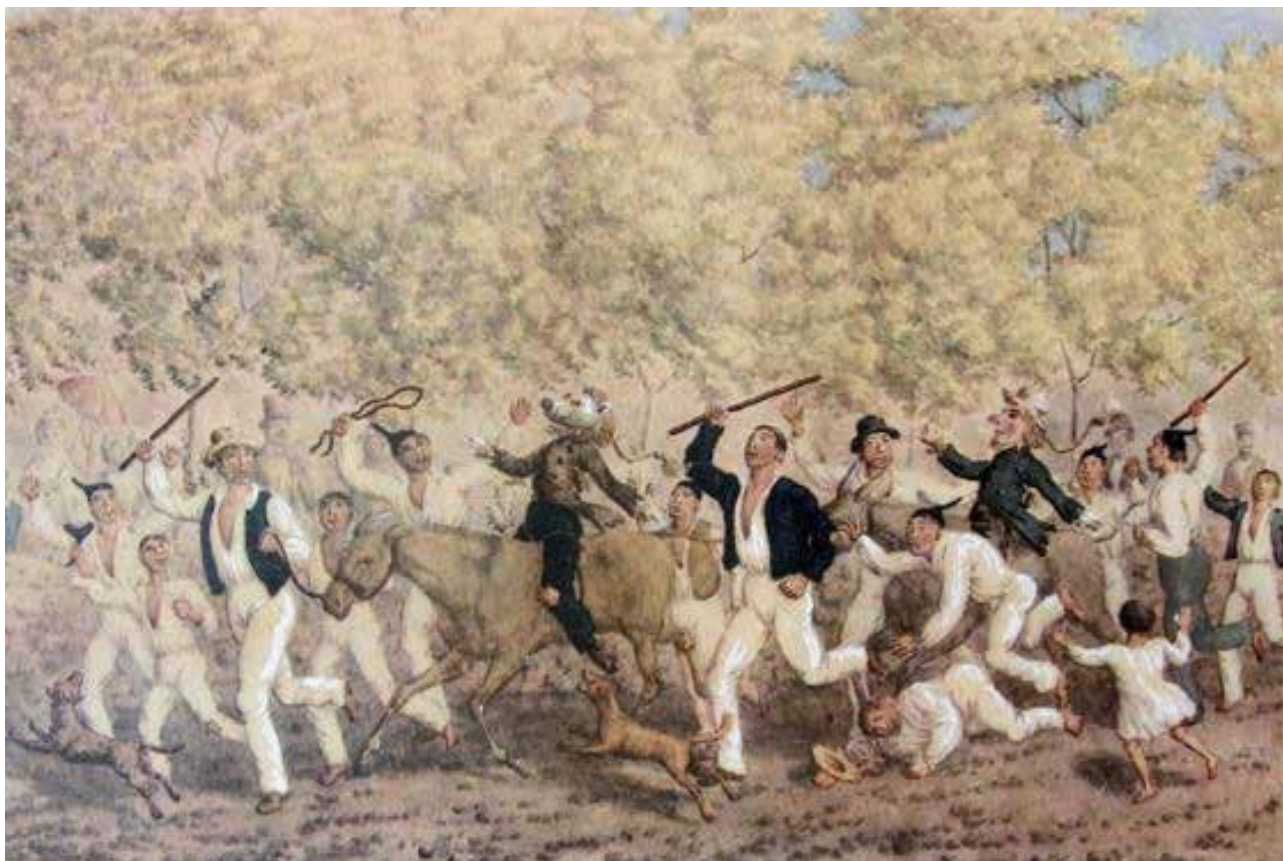
marinheiros, soldados, cientistas, e, por fim, os doentes da tísica pulmonar, os turistas.

Cada qual, tendo em conta a sua origem, é portador de determinados padrões culturais, que se expressam em atitudes e comportamentos diversos e que orientam o seu olhar para os madeirenses e a realidade local. É certo que diferentes culturas e posturas conduzem a diversos olhares e comportamentos, mas sem dúvida é evidente por parte de quem chega da Europa essa postura eurocêntrica do progresso e das vivências sociais e culturais do mundo dito civilizado e avançado. Para o caso dos britânicos, a crença religiosa de rutura orienta, de forma clara, o olhar para os comportamentos e as situações relacionados com o papel da igreja católica e dos rituais e as crenças dos madeirenses.

A intolerância manifesta-se não só no olhar preconceituoso do residente para com estes protestantes⁹⁵, mas também no testemunho negativo do visi-

94 Cf. Vieira, Alberto (1991), *A Escravatura do Arquipélago da Madeira, Séculos XV a XVII*, Funchal, CEHA.

95 Esta situação é testemunhada por alguns ingleses, nomeadamente por John Ovington (1689) que afirma: (ARAGÃO, 1983, 203): *O comerciante inglês, se casar, tem primeiramente de renunciar à sua religião e abandonar os cuidados da sua alma para conquistar aquela que adora...* Entre eles, o execrável pecado do homicídio ganhou também, não apenas impunidade, mas até reputação. Mergulhar as mãos em sangue tornou-se característica de qualquer cavalheiro de posição social e distinção. São muito propensos a este crime, caindo frequentemente nele, devido ao fácil acolhimento das igrejas que os resguardam de qualquer acção judicial e aonde acorrem sempre que se lhes ofereça oportunidade. Na capital, Funchal, que não é maior que uma cidade de província, há quase vinte igrejas e capelas, sem falar na abundância delas nas zonas rurais. Estes cristãos são tão desregrados na prática deste crime como indulgentes nos castigos merecidos por tais acções. Concedem indulgências àquele delito, mesmo para além das que o Todo Poderoso permitia aos judeus, pois até no caso do assassinato voluntário poupam o criminoso se ele se puder agarrar à Glória do Altar. A pena mais dura consiste no exílio ou prisão que podem ser remidos com uma valiosa dádiva. O número de clérigos aumenta aqui, assim como em outros países papistas, até



tante para com os preceitos e rituais religiosos que observa no seu dia-a-dia. A partir deste cruzar de olhares, poderemos partir para um exercício de definição, ainda que provisória, da forma como se estabelece o diálogo e das diversas perspetivas do olhar cruzado entre os madeirenses e os visitantes⁹⁶.

para opressão dos leigos com os quais parecem rivalizar em quantidade. Custa a crer como tantos ricos eclesiásticos podem ser sustentados com o labor de tão escassa população. 18 Reduz-se este espanto sabendo que- segundo nos dizem- com o fim de evitar uma sobrecarga para a Igreja, ninguém neste país é admitido na clerezia se não possuir algum património. São absolutamente contrários à admissão nas ordens sacras de alguém cujos antepassados sejam judeus ou mouros.

96 Tenha-se em conta o que nos diz Amin Malouf (1998) sobre os olhares: OLHARES: ...Por facilidade, englobamos as pessoas mais diversas no mesmo vocábulo; por facilidade também, atribuímos-lhe crimes, actos colectivos, opiniões colectivas - "Os sérvios massacraram..." os ingleses destruíram...", "os judeus confiscaram...", "os negros incendiaram...", "os árabes recusaram...". Emitimos friamente juízos sobre esta ou aquela população que consideramos "trabalhadora", "hábil" ou "preguiçosa", "susceptível", "manhosa", "orgulhosa" ou "obstinada", juízos que terminam muitas vezes em sangue. Sei que não é irrealista esperar de todos os nossos contemporâneos que modifiquem de um dia para o outro os seus hábitos de expressão. Mas parece-me importante que cada um de nós tome consciência do facto de que as nossas palavras não são inocentes e de que as mesmas contribuem para perpetuar preconceitos que demonstraram ser, ao longo da História, perversos e assassinos.. ". Porque se é o nosso olhar que aprisiona muitas vezes os outros nas suas pertenças mais estreitas é também o nosso olhar que tem o po-

O madeirense, embora apreciado à lupa pelo inglês através de narrativas e gravuras, não é visto como outro, como alguém diferente, mas sim como alguém que está fora dos padrões. Isto é, surge nas descrições com alguém feio, porco, sujo e contrário ao proclamado progresso da Revolução Industrial, isto para os textos do século XIX. Isabella de França⁹⁷, talvez um dos mais favoráveis sobre a ilha e os madeirenses, chega a defini-lo como "selvagem descalço"⁹⁸. Em muitos textos ingleses, vemos que esta

der de os libertar." Se vírmos a nossa identidade como sendo feita de pertenças múltiplas, algumas delas ligadas a uma história étnica e outras não, algumas ligadas a uma tradição religiosa e outras não; a partir do momento em que conseguirmos ver em cada um nós, nas nossas próprias origens, na nossa trajetória, os confluências diversos, as contribuições diversas, as mestiçagens diversas, as diversas influências subtis e contraditórias; a partir deste momento, cria-se uma relação diferente com os outros, tal como com a nossa própria "tribo". Deixa de haver simplesmente "nós" e "eles" - dois exércitos em posição de batalha que se preparam para o embate seguinte, para a vingança seguinte. [Amin MALOUF (1998), *As identidades Assassinas*, Difel, pp. 30-31, 42]

97 FRANÇA, Isabella (1969), *Jornal de uma Visita à Madeira e a Portugal, 1853-1854*, Funchal, JGDAF,

98 Esta ideia parece ter raízes e tradição histórica, senão veja-se o que diz Hans Sloane(1707): *Eu só esperava selvajaria e grosseria, tanto mais que existia uma fama muito generalizada de que os seus habitantes seriam criminosos para aqui banidos.*" (ARAGÃO, 1981:)



proximidade com África faz com que a ilha seja identificada com as populações deste continente. Quase que podemos dizer que é manifesta a rejeição da sociedade e da cultura local, que é posta de parte, não existindo qualquer possibilidade de integração, criando-se assim ghettos sociais. Por exemplo, quanto à comunidade britânica, a criação da dita feitoria no século XVIII é a expressão desta realidade, é a manifestação de uma cultura dominadora e imperial, que se pretende impor de forma implacável, que não aceita qualquer mistura e que chega ao limite de impor normas e leis próprias para a sua comunidade⁹⁹. Os ingleses conseguiram na ilha uma situação de privilégio através de sucessivos tratados, a partir de 1640, tendo sido detentores de enfermaria própria, igreja, cemitério e conservador para julgamento de causas. Criaram, deste modo, uma sociedade à parte dentro do espaço da cidade, que atuava de forma independente¹⁰⁰.

99 Sobre esta situação da feitoria britânica do Funchal veja-se, SILVA, Fernando Augusto da (1965), *Ingleses, Elucidário Madeirense*, vol. II, pp.157-161; GREGORY, Desmond (1988), *Beneficent Usurpers. A History of the British in Madeira*, London/Toronto, Associated University Press.

100 Tenha-se em conta que esta mesma situação é testemunhada por alguns dos visitantes estrangeiros, alguns deles ingleses. Assim AL-

As pretensões de afirmação da soberania britânica na ilha são expressas por diversas formas e manifestações. Neste sentido, podemos referenciar a questão em torno do descobrimento da ilha por Roberto Machim, no século XV, que, apesar da História hoje a considerar, o que estava em causa eram os interesses escondidos por detrás de tal teoria, como situa Álvaro Rodrigues de Azevedo¹⁰¹.

A História revela inúmeros desmandos por parte desta comunidade, como desrespeito da autoridade local que conduzem até à sua ocupação da ilha (1801- 1802, 1807-1814) com a única explicação de salvaguarda dos interesses dos seus compatriotas¹⁰². Esta evidente atitude imperialista e dominadora con-

fred LYALL (1827) refere: "...o círculo dos ingleses é tão amplo que de certo se torna independente dos naturais, com os quais pouco se misturam...". Idêntica opinião tem John DRIVER (1834): "...os mercadores ingleses residentes, em virtude do seu número ser suficiente para formarem eles próprios, uma sociedade, não se misturam muito com os portugueses...". Desta forma o contacto com os indígenas era escasso e segundo William White COOPER (1840) aconteciam quase só em actos públicos: "... ample society amongst themselves, and renders them independent of the portuguese."

101 Nota V-Descobrimento da ilha da Madeira por ingleses. O Caso de Machim e Anna de Arfet, in Frutuoso, GASPARD (1873), *Saudades da Terra*, Funchal.

102 SILVA, Fernando Augusto da (1966), *Ocupação da Madeira por Tropas inglesas, Elucidário Madeirense*, vol. III, pp.4-6.

ta, por vezes, com a complacência das autoridades que, para o efeito, são brindadas com algumas ofertas por altura do dia de Reis, através de receita resultante da arrecadação de tributos e direitos alfandegários, como se se tratasse de uma colónia britânica. Mas como se isso não bastasse socorrem-se de todos os meios para barrar o caminho a outras comunidades bem ou mal intencionadas, como foi o caso da presença da colónia alemã que ficou conhecida como a questão dos sanatórios¹⁰³.

A estes olhares e posturas auto e anglo centrados, imperais, portanto, alguém poderá contrapor o filantropismo oitocentista, o convívio, ao menos nos bailes com a aristocracia local e os casamentos. Um olhar mais atento revelará que todas ou quase todas estas situações são interesseiras e atuam no sentido do reforço desta posição dominante de alguém que não quer ver nem entender o outro e que o quer apenas sob o seu controlo, adaptado e ao serviço dos seus padrões culturais e interesses económicos.

O falar a sua língua, o convívio nos salões de baile e música, o uso das mesmas roupas, artefatos e estilos arquitetónicos fazem parte desta estratégia dominadora e não pode ser considerado como uma manifestação de interação cultural. É por tudo isto que surgiu na população madeirense, nomeadamente nos sectores mais bem informados uma certa britanofobia, que se acentua em momentos de crise, quando os mesmos, alheios a tudo e todos, fazem as malas e partem rumo a outros destinos.

Uma destas vozes foi o Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo que, em 1873, foi perentório na avaliação do papel dos ingleses na ilha: *A Madeira está em grande parte anglizada, na raça, nos costumes, na propriedade, no comércio, na moeda; e a língua inglesa é aqui a mais falada depois da nacional. Se nós somos imprudentes em dizer isto, o que são os governos se o ignoram? E pior, se o ignoram, pois que o não evitam, o que serão? Só o brio português nos mantém portugueses.*¹⁰⁴ Esta atitude chegou a assumir foros de extremismos com a República, tendo os republicanos madeirenses feito, em 1911, um ultimatum para que os britânicos abandonassem a ilha¹⁰⁵, desiderato

esse que não se cumpriu.

O visitante que, a partir de meados do século XVII, é predominantemente britânico, está também presente no olhar do madeirense, mas de forma especial do funchalense, com quem está em contacto permanente. Embora seja possível diferenciar diversos posicionamentos, de acordo com a situação social, não será difícil de apontar um permanente servilismo, assumindo, por vezes, uma forma pomposa, como se de hospitalidade se tratasse, não sendo senão desconfiança, inveja e rivalidade quase permanente para com aqueles que se ocupam em sectores idênticos a esta comunidade inglesa, como foi o caso do comércio do vinho¹⁰⁶.

As crenças religiosas foram uma das barreiras mais significativas e intransponíveis no diálogo entre as diasculturas e comunidades residentes e em trânsito. Primeiro tivemos o preconceito com o judeu. Embora à ilha não tivesse chegado o tribunal da inquisição, ocorreram diversas visitas e perseguições. Esta intolerância religiosa foi mútua quanto à comunidade britânica, ficando-se pelo lado britânico nas apreciações menos gratas ao clero e às crenças do povo e às cerimónias religiosas que presenciavam. Já do lado português permaneceu a desconfiança destes heréticos, a forma pouco digna como lhes era permitido despedir-se dos mortos, não lhes atribuindo, por muito tempo, uma campa segura.

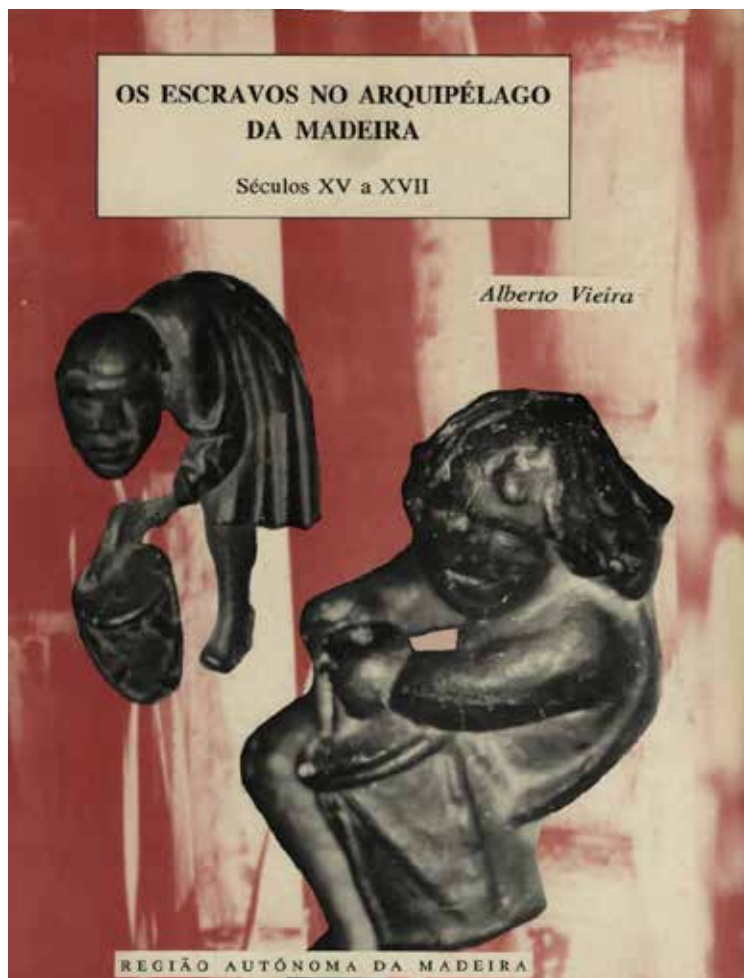
Um outro momento em que o madeirense demonstrou expressões de xenofobia e preconceito foi no século XV, com os mercadores estrangeiros do comércio do açúcar. As atitudes assumidas perante os escravos, quer de Canárias, quer da costa africana, não estão devidamente documentadas mas, por vezes, assinalam-se alguns estigmas que marcaram a visão destas comunidades, como a sua apetência para a violência e o roubo. O mesmo aconteceu no século XX, com a vinda de um grupo de cabo-verdianos para trabalhar em algumas obras no Funchal e Paul da Serra, em que houve evidentes expressões de racismo, que podemos sintetizar no registo toponímico do ca-

103 GUEVARA, Gisela Medina(1997), *As Relações Luso-Alemãs antes da Primeira Guerra Mundial. A questão da concessão dos Sanatórios da ilha da Madeira*, Lisboa, Edições colibri.

104 Citado por SILVA, Fernando Augusto da (1965), p.160.

105 Cf. GREGORY, Desmond (1988), pp.127-128.

106 Sobre isto refere-nos Fernando Augusto da SILVA (1965), p.161:- *...a colónia inglesa não chegou nunca a radicar a simpatia do nosso meio, apesar do predomínio e da influência de que gozava. O orgulho de raça, o isolamento que quase sempre procurou guardar, a altivez com que em geral tratava os naturais, as raras manifestações de filantropia ou benemerência em favor da terra que a tornou opulenta, são as principais causas de não ter criado um ambiente que lhe fosse propício e a tornasse benquista aos olhos do madeirense.*



minho dos Pretos no Funchal.¹⁰⁷

Persistirão, hoje, estes preconceitos racistas? Poderá ser essa a razão da relativa importância das comunidades de raça negra no arquipélago?

Pelo que acabámos de dizer e constatar, ocorrem-nos agora questionar se o burgo funchalense, considerado como um espaço aberto e de permanente circulação de gentes de diversas proveniências, permeável a culturas e padrões comportamentais, pode ser considerado como um espaço de celebração e expressão do diálogo intercultural. As situações assinaladas evidenciam diversos desencontros e confrontos que não favoreceram esse convívio multissecular e dizem-nos que a abertura é apenas sinónimo de aceitação e não de interação e de que o diálogo não existia, tratando-se quase sempre de um monólogo dominador e interesseiro.

O Funchal teve todas as condições históricas para ser um espaço de convívio e fusão de culturas, podendo-se afirmar como um espaço intercultural, mas como nenhum dos interlocutores conseguiu ver o outro na sua verdadeira dimensão, isto é, o princípio da alteridade esteve quase sempre ausente, isso nunca aconteceu. Cabe-nos agora a nós, como cidadãos do século XXI, fazer com que isso se torna uma realidade.

Tendo em conta que o Funchal continua a ser um espaço de movimento permanente de gentes de diversas culturas e crenças que a ilha acolhe por força da imigração e do turismo, é chegado o momento de construir a sociedade intercultural, alicerçada no reconhecimento e respeito pela diferença, assim como na valoração dos padrões da transculturalidade.¹⁰⁸ O principal elo capaz de irmanar e conduzir a

¹⁰⁷ Cf. VIEIRA, Alberto(1991), *Os Escravos no Arquipélago da Madeira. Séculos XV a XVI*, Funchal, CEHA.

¹⁰⁸ A TRANSCULTURALIDADE: Uma definição transcultural ganha força e uma visão de "abertura de todas as culturas àquilo que as atravessa e ultrapassa". Procura-se com a transculturalidade aquilo que está além, entre e através das culturas. A transculturalidade vai

uma sociedade transcultural passa pela aceitação e conhecimento da diferença e pelo estabelecimento de formas de relacionamento assentes na paz e harmonia social. E tal como é expresso na voz do poeta António Gedeão deveremos ter este espírito de pertença universal.

Perante esta realidade, vemos outra face da Madeira e dos madeirenses. Este é o carma que envolve todos os que nasceram e vivem no arquipélago, que desfaz uma ideia que vem desde a Antiguidade Clássica, da ilha paraíso ou da Atlântida. Passados muitos anos sobre o registo histórico do século XV, momento em que a Madeira teve população com regularidade, observa-se a presença de populações de variadas origens geográficas e étnicas, onde nem sempre o encontro foi pacífico. Entre estes, o racismo e xenofobia, a intolerância e a invejidade encontraram “terreno” e condições para medrarem. E a História e o seu registo documental são implacáveis em perpetuar e a assinalar sempre que for necessário aquilo que parece escondido e que, muitas vezes, se expressa de forma velada. Foi o que procuramos fazer nas páginas anteriores. Agora, importa perguntar, ainda que de forma silenciosa, se o Funchal, perante tudo isto, pode ser considerado um burgo intercultural, ou se, ao contrário, as evidências testemunhadas revelam o contrário.

Aparentemente, tendo em conta a sua quase omnipresente situação na História do Atlântico, a cidade do Funchal ergueu-se como um espaço urbano ribeirinho plasmado pela multiculturalidade e interculturalidade, mas a análise dos acontecimentos e das situações revelam muitas vezes um diálogo de surdos e mudos.

além da interpretação de uma cultura por outra cultura e também não se restringe a fecundação de uma cultura por outra cultura... O modelo transcultural permite e torna possível o diálogo entre as mais diferentes culturas e impede a sua homogeneização. (Nicolescu, B.(1999), *O Manifesto da Transdisciplinaridade*, apud NEIVA, Ricardo, *Transculturalidade e Tecnologias da Informação e comunicação*, online em <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/5hRicardo.pdf>)



CONCLUSÃO

O aforismo grego “Conhece-te a ti mesmo”¹⁰⁹ chama a atenção para a importância do auto conhecimento. Ficou na História do Ocidente como uma postura fundamental do nosso processo de conhecimento e de mudança comportamental. Mas, por incapacidade de interação, ou ausência de espelho, parece que estamos mais despertos para o que os outros, bem ou mal, dizem de nós.

Foi este e apenas este o propósito que nos moveu ao procurar “O VERSO E O REVERSO DA IMAGEM DA ILHA E DO MADEIRENSE”, através de diversas manifestações de interação social (“RACISMO, XENOFO-

BIA, INTOLERÂNCIA E INVEJIDADE”) que marcam o presente e o passado do arquipélago.

O tema não se esgota nestas palavras. Pretendemos apenas abrir uma nova frente de atenção para os especialistas e estudiosos, que deve ser merecedora da sua atenção. Esperamos que a Antropologia, Sociologia e Psicologia Social não se esqueçam de nós e destas realidades que nos abraçam à nascença porque herança histórica.

Não acreditamos no olhar ou visão dos outros que sempre tem um objetivo, embora escondido, em mente. O que os outros dizem de nós é importante, apenas no sentido que nos motiva a descobrir-nos a nós próprios e a encontrar afirmações ou negações de preconceitos, por vezes de caráter “xenófobo” que nos atingem.

Ninguém é perfeito, mas o caminho para a perfeição atinge-se questionando as nossas atitudes e

109 A frase completa: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”. Em grego é *gnōthi seauton* e em latim: *nosce te ipsum*. Este aforismo foi inscrito na entrada do templo de Delfos, construído em honra a Apolo. A autoria desta frase é atribuída ao sábio grego Tales de Mileto, sendo também dada como de Sócrates, Heráclito ou Pitágoras.

pensamentos e as implicações positivas ou negativas em nós próprios e junto daqueles que nos rodeiam.

Tendo em conta o facto de que esta abordagem, no sentido da definição social do madeirense e da madeirensidade, implica diversas áreas do conhecimento, queremos afirmar que a plenitude deste exercício de investigação só será alcançada através da Nissologia/Nesologia¹¹⁰, uma ciência transdisciplinar para o estudo e conhecimento das ilhas. Esta ciência das ilhas e dos insulares parece-nos o caminho mais indicado no sentido do alargamento deste debate sobre as atitudes, comportamentos que definem a madeirensidade, porque faz apelo a uma investigação e diálogo intercultural, que está para além dos problemas específicos de cada área do conhecimento.

O conhecimento do próprio não resulta apenas do estudo e sinalização das atitudes comportamentais do presente, pois filia-se no discurso histórico onde encontra as raízes escondidas do muito que o presente ignora. Daí a importância que deverá assumir, neste tipo de estudos e na sociedade atual, os estudos históricos, que são os avivadores da nossa memória e das nossas raízes. A História, ao contrário do que muitos pensam, não é um exercício de retórica, mas uma reflexão muito útil para entender o presente e construir o futuro, para que não estejamos constantemente a dizer que ela se repete.

AV: FUNCHAL. Dezembro de 2015.

110 Cf. MCCALL, G., 1994, Nissology: the study of Islands. *Journal of the Pacific Society*, v. 17, n. (2-3), pp. 1-14; MCCALL, G. 1996. Clearing Confusion in a disembedded World: The case for Nissology. *Geographische Zeitschrift*, v. 84, n. 2, pp. 74-85; BALDACCHINO, G., 2008. Studying Islands: On Whose Terms? Some Epistemological and Methodological Challenges to the Pursuit of Island Studies. *Islands Studies Journal*, v. 3 n. 1, pp. 37-56; VIEIRA, A. (2010). As Ilhas: da Nissologia à Nesologia. *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 2, 16-21; Espinola, P., & Cravidão, F. (2014). A ciência das ilhas e os estudos insulares: Breves reflexões sobre o contributo da geografia/The science of islands and the insular studies: Brief point of view about the importance of Geography. *Revista Sociedade & Natureza*, 26(3).



BIBLIOGRAFIA.

Pensar a Ciência e as diversas formulações dos discursos e debates científicos gerou, nas últimas décadas, uma evolução do nosso entendimento. Hoje, percebe-se que a evolução do conhecimento não se faz através da especialização dos debates e investigação, mas sim através de posturas discursivas e de investigação abertas, partilhando os diversos ramos do conhecimento. Deste modo, da interdisciplinaridade evoluiu-se até à transdisciplinaridade. O primeiro passo foi o ponto de rotura com o discurso positivista, tendo-se avançado já para uma forma de integração das disciplinas e campos de conhecimento. Falta, porém, encontrar aquilo que está presente em todas as ciências. Assim o indica o prefixo *trans*, que diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas e para além de cada uma delas em particular e que só pode ser encontrado através do contributo de todas. É este discurso interdisciplinar que, na década de setenta do século vinte, não passava de um sonho para Piaget¹¹¹, mas que, hoje, é uma realidade e uma

evidência do conhecimento.

Nos últimos tempos, os diversos debates clamam por uma nova postura de investigação, que passa pela procura de novos temas (pequenas ilhas e estados-small islands/small states), o recurso a diferentes metodologias e o uso de distintos conceitos (ilheidade, insularidade, maritimidade, insularidade, hypo-insularidade). Neste quadro, temos ainda a ideia de que a Nesologia, a afirmação e estudo da identidade dos espaços insulares, deve ser construída e estudada pelos próprios. Por outro lado, os estudos nesológicos devem ser também a expressão universal do mundo insular, que se alheia dos espaços oceânicos, da cor da bandeira, da língua materna e de escrita, assim como da dimensão geográfica e da condição política. Só assim poderemos afirmar que as ilhas, não obstante o seu tamanho geográfico, foram e são grandes em importância política, económica, estratégica, científica.

É importante abrir um debate que situe os problemas que nos ocupam, de forma diferente. Há situações que só podem ser entendidas se existir uma postura aberta da parte quem escreve e de

111 PIAGET, J. La epistemología de las relaciones interdisciplinarias. In: APOSTEL, L. et al. *Interdisciplinarietà: problemas de la enseñanza y de la investigación e las universidades*. México: Asociación Nacional de Universidades e Institutos de Enseñanza Superior, 1979. p.

quem lê. Não pretendemos que os problemas que equacionamos sejam vistos apenas numa perspetiva reducionista da História ou de uma área limitada do conhecimento. Antes, sim, queremos que as abordagens que se situam no âmbito dos espaços insulares sejam feitas, numa perspetiva aberta e interdisciplinar, como o define a Nesologia, a ciência do estudo e conhecimento das ilhas. Daí que, para este debate que pretendemos abrir sobre o modo de ser e estar do madeirense no mundo, queremos valorizar os estudos das diversas áreas, nomeadamente da Psicologia e Antropologia Social, da Geografia, sem esquecer a perspetiva histórica. O presente tema não pode ser abordado sem esta abertura e sem o apelo ao que tem sido feito noutras áreas de conhecimento para além da História. Compilámos, então, os estudos que nos serviram de ponto de partida para esta abordagem e reflexão. Queremos abrir novos caminhos da investigação e debate na ilha que sejam o mais abertos possível, permitindo, deste modo, o adequado entendimento das realidades em causa. É nossa convicção de que os rumos que algumas áreas do saber têm assumido nos últimos anos podem abrir espaço e caminho para essa forma de discussão que pretendemos realizar.

Há que rever todas as nossas práticas de investigação, se acaso pretendemos que aquilo que fazemos se enquadre no chapéu desta ciência. A aposta em projetos com equipas de trabalho e espaços de discussão transdisciplinar são o meio seguro para mostrarmos que estamos no caminho certo da NESOLOGIA.

1. GERAL. Psicologia e Antropologia Social, Geografia.

Com esta compilação, reunimos todos os trabalhos considerados fundamentais para a abordagem do tema e que nos serviram de orientação teórica para o nosso estudo.

- ABRAMOVAY, R. 1998. *Bases para a formulação da política brasileira de desenvolvimento rural: agricultura familiar e desenvolvimento territorial*. Brasília: IPEA.
- ABRAMS, D., e Hogg, M. A. (1990). An introduction to the social identity approach. In D. Abrams e M. A. Hogg (Eds.). *Social Identity Theory: Constructive and Critical Advances and Research* (pp. 1-27). Londres: Harvester.
- ABRAMS, D., e Hogg, M. A. (Eds.) (1999). *Social Identity and Social Cognition*. Oxford: Blackwell.
- ABREU, M. V. (1985). Identidade. Polis – *Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*: Vol. 3 (pp. 360-364). Lisboa: Verbo.
- ABREU, M. V. (1996). *Mudanças, identidades e projectos de desenvolvimento. Separata de Dinamismos Sócio-Económicos e (Re)Organização Territorial: Processos de Urbanização e de Reestruturação Produtiva*. Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- AGAMBEN, Giorgio, 2004. *Estado de exceção* (Homo Sacer I, II). Tradução de Iraci Poletti. São Paulo: Boitempo.
- AGAMBEN, Giorgio, 2008. *O que resta de Aushwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Tradução de Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo.
- AGAMBEN, Giorgio, 2009. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinicius Honesko. Chapeco: Argos.
- AGAMBEN, Giorgio., 2002. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- AGNEW, J. A. e DUCAN, J.S. 1989. *The Power of Place: bringing together geographical and sociological imaginations*. Boston: Unwin Hyman.
- AGNEW, JOHN. (1997). Representing space: space, scale and culture in social science. Em J. Duncan, et al. (Eds.), *Place / Culture / Representation* (251-271). Londres: Routledge.
- AGNEW, J. A., & Duncan, J. S. (Eds.). (2014). *The Power of Place (RLE Social & Cultural Geography): Bringing Together Geographical and Sociological Imaginations*. Routledge.
- AGUIAR, Gilson Costa de.(2007) “Migrações e fronteiras.” *Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Apli-*

- cad. 7.1 : 111-117.
- ALAMINOS, A., López, C., & Santacreu, O. (2010). Etnocentrismo, xenofobia y migraciones internacionales en una perspectiva comparada. *Convergencia*, 17(53), 91-124. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-14352010000200005&script=sci_arttext.
- ALBAGLI, S. 1993. *Imaginário Político e Território*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, (mimeo).
- ALBAGLI, Sarita. 1999. Globalização e espacialidade: o novo papel do local. Cassiolato, JE Lastres, HM M., *Globalização e inovação localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul*. Brasília, IBICT/MCT.
- ALBAGLI, S. 2004. Território e territorialidade. In: LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G. (orgs). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção Competitiva*. Brasília: Sebrae, p. 23-69.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. 2007. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. 1997. *Folhas sagradas: as plantas litúrgicas e medicinais nos cultos afro-brasileiros*. Recife: Ed. da UFPE.
- ALEMANY, J.M., et al. (2002): *La inmigración, una realidad en España*, Centro Pignatelli, Zaragoza.
- Alexandre, V. (1993). Ideologia, economia e política: a questão colonial na implantação do Estado Novo. *Análise Social*, 1117-1136.
- ALEXANDRE, V. (1999). O Império e a ideia de raça (séculos XIX e XX). *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*, Oeiras, Celta Editora, 133-144.
- Allison Weir (2008). Home and Identity: In Memory of Iris Marion Young. *Hypatia* 23 (3):pp. 4-21.
- ALLPORT, G. W. 1954. *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: AddisonWesley.
- ALMADA, David Hopffer, 1992. *Caboverdianidade e tropicalismo*, Recife: Massangana.
- ALMADA, David Hopffer, 2006. *Pela cultura e pela identidade. Em defesa da caboverdianidade*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro.
- ALMEIDA, M. V. (2000). *Um Mar da Cor da Terra. Raça, Cultura e Política da Identidade*. Oeiras: Celta.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. (2002). Estado-Nação e Multiculturalismo [Versão Electrónica]. Manifesto 1, 63-73. Disponível em: <http://site.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/estado-nacao-e-multiculturalismo.pdf>.
- ALMEIDA, Miguel Vale de, 2007, "From Miscegenation to Creole Identity: Portuguese Colonialism, Brazil, Cape Verde", in Charles Stewart (org.), *Creolization. History, Ethnography, Theory*, Walnut Creek: Left Coast Press, pp. 108-32.
- ALVARADO, J. y GREEDY, J. (1998) Population ageing, migration and social expenditure. Cheltenham. Edward Elgar.
- ÁLVAREZ GÁLVEZ, J. (2009) La representación mediática de la inmigración. Entre el encuadre y el estigma, *Revista Migraciones Internacionales*. Ministerio de Trabajo e Inmigración, nº 80: 61-80.
- ÁLVAREZ GÁLVEZ, J. (2011). *La reproducción mediática del racismo: diseño de indicadores para la medición de actitudes racistas y xenófobas*. <http://eprints.ucm.es/13013/1/T33017.pdf>.
- ALVES, Rubem. 2004. *Dogmatismo & Tolerância*. São Paulo: Edições Loyola.
- AMÂNCIO, L. (1988). Dimensões de comparação e discriminação intergrupos: Uma abordagem psicossociológica das relações entre grupos "dominantes" e "dominados". *Análise Psicológica*, VI, 3/4, 307-319.
- AMÂNCIO, L. (1989). Social differentiation between "dominant" and "dominated" groups: Toward an integration of social stereotypes and social identity. *European Journal of Social Psychology*, 19, 1-10.
- AMÂNCIO, L. (1993). Identidade social e relações intergrupais. In J.Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- AMÂNCIO, L. (1993a). Género - Representações e identidades. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 14, 127-140.
- AMÂNCIO, L. (1993b). Níveis de análise no estudo da identidade social. *Análise Psicológica*, 2, XI, 213-221.
- AMÂNCIO, L. (1998). Sexismo e Racismo - Dois exemplos de exclusão do 'Outro'. In H. G. de Araújo, P. M. Santos, e P. C. Seixas (Coords). *Nós e os Outros: A exclusão social em Portugal e na Europa* (pp. 79-88). Porto: S.P.A.E.
- AMARO, Ana Maria, 2005. A Integração Silenciosa, Labiosa e quase sempre de Sucesso, *Boletim ACIME*, nº 30, Lisboa.
- AMORES, J. A. B. (1998). Ethos y pathos de la xenofobia y racismo occidentales. *Acciones e investigaciones sociales*, (7), 29-50. <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=170228>.
- AMOROZO, M. C. 1996. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, C. (Org.). *Plantas medicinais: Plantas medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- ANASTASIO, P., Bachman, B., Gaertner, S., e Dovidio, J. (1997). Categorization, recategorization and common ingroup identity. In R. Spears, P. J. Oakes, N. Ellemers, e S. A. Haslam (Eds.). *The social psychology of stereotyping and group life* (pp. 236-256). Oxford, UK: Blackwell.
- ANDERSON, Benedict. [1983] (2006). *Imagined Communi-*

- ties: *Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres, Nova Iorque: Verso.
- ANDRADE, L. L. (2000). Negotiating from the inside: Constructing racial and ethnic identity in qualitative research. *Journal of Contemporary Ethnography*, 29, 268-290.
- ANDRADE, Manuel C. *A questão do território no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- ANDRADE, Manuel Correia de. 1994, "Territorialidades, Desterritorialidades, Novas Territorialidades: Os Limites do Poder Nacional e do Poder Local". In: SANTOS, Milton; Souza, Maria Adélia Aparecida de & SILVEIRA, Maria I.aura (orgs.). *Território. Globalização e Fragmentação*. São Paulo, Hucitec-ANPUR, pp. 213-220.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa (2008): "A construção do território açoriano em São Paulo", em *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. São Paulo: ANPUH/SP-US. Disponível em <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Elis%20Regina%20Barbosa%20Angelo.pdf>. Consultado em 01 de novembro de 2009.
- ANTHIAS, F. (1997). Anti-racism, multiculturalism and struggles for a multicultural democracy. In M. Roche e R. V. Berkel (Eds.). *European citizenship and social exclusion* (pp. 247-259). Aldershot: Ashgate.
- ANTÓN, J. (2006). Inmigración y xenofobia política: la teoría política de la nueva derecha europea. *Flujos migratorios y su (des) control*, 43-108.
- APPADURAI, Arjun. 1990: "Disjuncture and difference in the global cultural economy". *Public Culture*, 2(2), 1-24.
- APPADURAI, Arjun. 1993: "Patriotism and its futures". *Public Culture*, 5(3), 411-429.
- APPADURAI, Arjun. 1996. *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- APPADURAI, ARJUN. (1996a). Global Ethnoscapes: Notes and Queries for a Transnational Anthropology. Em A. Appadurai (Ed.), *Modernity at Large Cultural Dimensions of Globalization* (6ª ed., 48-65). Minneapolis USA: University of Minnesota Press.
- ARANTES, A.A. 2004. Cultura e territorialidade em políticas sociais. In: LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G. (orgs.). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Brasília: Sebrae.
- ARAUJO, F. G. de. HAESBAERT, R. (Org.). 2007. *Identidade territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro.
- ARAUJO, H. G. de, Santos, P. M., e Seixas, P. C. (Coords.) (1998). *Nós e os Outros: A exclusão social em Portugal e na Europa*. Porto: S.P.A.E.
- ARDREY, Robert. 1966. *The territorial imperative: A personal inquiry into the animal origins of property and nations*. New York: Atheneum.
- AREIA, M. L. R. (1998). Portugal e o "outro" africano: A imigração e o racismo. In *Colóquio Internacional sobre Portugal na transição do milénio em Lisboa, 1977* (pp. 409-417). Lisboa: Fim de Século.
- ARENDT, H. (1979). *As origens do totalitarismo: anti-semismo, instrumento de poder*. Rio de Janeiro: Editora Documentário.
- ASAD, Tal. 1973. (org) *Anthropology and the Colonial Encounter*. New York: Humanities Press.
- AUGÉ, M. 1994. *Não lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.
- AUGOUSTINOS, M.; REYNOLDS, K. J. (Ed.). 2001. *Understanding prejudice, racism, and social conflict*. London: Sage.
- AZEVEDO, Guila. 2009. *Histórias de (in)tolerância*. São Paulo: Larousse Jovem.
- AZEVEDO, J. (1992). Perspectivas psicossociais no estudo da identidade. In *Sociologia*, 2, 111-119.
- AZEVEDO, Jucélia Medeiros. 2011. *Culinária do Seridó: Um Elemento da Identidade Territorial*. Dissertação de Mestrado. Natal.
- AZEVEDO, Téó. 1981. *Plantas medicinais e benzeduras*. São Paulo, Top-livros.
- AZEVEDO, Téó. 1984. *Plantas medicinais, benzeduras e simpatias*. São Paulo, Global.
- AZZI, A. E. (1998). From competitive interests, perceived injustice, and identity needs to collective action: Psychological mechanisms in ethnic nationalism. In C. Dandeker (Ed.), *Nationalism and Violence* (pp.73-138). New Brunswick: Transaction.
- BACELAR DE VASCONCELOS, P. (1998). Racismo e Xenofobia: a realidade portuguesa-A comunidade cigana em Portugal. HG de Araújo, PM Santos, e PC Seixas (Coords). *Nós e os Outros: A exclusão social em Portugal e na Europa*, 35-40.
- BACHELARD, GASTON. [1957] (2000). *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHMANN-MEDICK, Doris Cultural Turns. *Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften*, Reinbek: Rowohlt, 2007.
- BAGANHA, M. I., Marques, J. C., e Fonseca, G. (2000). *Is an ethclass emerging in Europe? The portuguese case*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
- BALABANIS, George y Adamantios Diamantopoulos (2004), "Domestic Country Bias, Country-of-Origin Effects,

- and Consumer Ethnocentrism: a multidimensional unfolding approach”, in *Academy of Marketing Science*, 32:1.
- BALLESTERO, J. L., & Slonimsqui, P. (2003). *Estudios sobre discriminación y xenofobia*. Fabián J. Di Plácido Editor.
- BANIWA, G. (2005). Truculência e intolerância étnica. *UNICEF. Direitos Negados—a violência contra crianças e o adolescente no Brasil*. Brasília.
- BANTON, M. (1977). *The idea of pace*. London: Tavistock.
- BANTON, Michael 1979; *A idéia de raça*, trad. Antonio Marques Bessa, Livraria Martins Fontes, São Paulo.
- BANTON, M. 1996. Race: as a classification. In: CASHMORE, E. et al. (Org.). *Dictionary of race and ethnic relations*. 4 th. Londres: Routledge, p. 294-296.
- BARASH, Jeffrey. 2002. A filosofia moral de Paul Ricoeur. In.: CÉSAR, Constança (Org.). *A hermenêutica francesa: Paul Ricoeur*. Porto Alegre: Edpucrs.
- BAREL, Y. 1986. Le social et ses territoires. In: Auriac, F. e Brunet, R. (orgs.) *Espaces, Jeux et Enjeux*. Paris: Fayard e Fondation Diderot.
- BARKER, M. (1984). *The new racism: Conservatives and the ideology of the tribe*. Frederick, MD: Aletheia Press.
- BARON, R. S., Kerr, N. L., e Miller, N. (1992). *Group Process, Group Decision, Group Action*. Buckingham: Open University Press.
- BARRADAS, A. (1991). *Ministros da Noite: Livro negro da Expansão portuguesa*. Lisboa: Antígona.
- BARRERA, A. 1983. La Etnobotânica. In: *LA ETNOBOTÂNICA: três pontos de vista y una perspectiva*. Xalapa: Instituto Nacional de Investigaciones sobre Recursos Bióticos.
- BARRETO António (org.), 2005. *Globalização e migrações* (Lisboa: ICS).
- BARROCO, M. L. S. (2011). Barbarism and neoconservatism: the challenges of the ethical-political project. *Serviço Social & Sociedade*, (106), 205-218.
- BARROS, J. D’Assunção. (2006). História, Espaço e Tempo: Interações Necessárias. *Revista Varia História*, Vol. 22, nº 36. Belo Horizonte, p. 460-476, Jul/Dez 2006.
- BARTH, Frederick, 1969, *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference*. Oslo: Universitetsforlaget.
- BARTH, Frederick, 2000. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: BARTH, Frederick. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. (org. Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- BARTOLY, Flávio. 2011. Debates e perspectivas do lugar na geografia. *GEOgraphia*, Vol.13, nº 26.
- BARTLETT, F. C. (1932). *Remembering*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BASTIDE, Roger *As Américas negras*, trad. de Eduardo de Oliveira e Oliveira, São Paulo, Difel, 1974.
- BASTOS, J. G. P. (2000). *Portugal Europeu. Estratégias identitárias inter-nacionais dos portugueses*. Oeiras: Celta.
- BASTOS, J. G. P., e Bastos, S. P. (1999). *Portugal Multicultural. Situação e estratégias identitárias das minorias étnicas*. Lisboa: Fim de Século.
- BAUGNET, L.1998. *L’identité sociale*. Dunod: Paris.
- BAUMAN, Zygmunt. 2005. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BECKER, Bertha K. 1983, O uso político do território: questões a partir de uma visão do terceiro mundo. In: BECKER, B. K. et al (Org.). *Abordagens políticas da espacialidade*. Rio de Janeiro: UFRJ/Departamento de Geociências, PPG, p. 1-21.
- BELLO, A., & Hopenhayn, M. (2001). *Discriminación étnico-racial y xenofobia en América Latina y el Caribe*. Cepal. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/handle/11362/5987>.
- BELLO, Alvaro y Marta Rangel (2000), “Etnicidad, ‘raza’ y equidad en América Latina y el Caribe, CEPAL, Santiago, LC/R.1967.
- BENKO, G.; PECQUEUR, B. 2001. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. *Geosul*, Florianópolis, v.16, n.32, p 31-50, jul./dez.
- BENKO, G. 2001a. A recomposição dos espaços. Interações. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol. 1, N. 2, p. 7-12, Mar.
- BENKO, G., & de Pádua Danesi, A. (1996). *Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI*. Hucitec.
- BENKO, Georges. 1996, Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura. (org’s). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 3ª ed, p. 51-71.
- BÉRARD, L., & Marchenay, P. (1995). *Lieux, temps et preuves. La construction sociale des produits de terroir* (No. 24, pp. 153-164). Ministère de la culture/Maison des sciences de l’homme.
- BÉRARD, L., & Marchenay, P. (2004). *Les produits de terroir. Entre cultures et règlements*, Paris: CNRS Editions.
- BERGER, P. L., e Luckmann, T. (1966). *The social construction of reality*. Garden City, NY: Doubleday.
- BERISTAIN, A. (2004). Inmigración/xenofobia ante las instituciones culturales y religiosas. *Migraciones. Publicación del Instituto Universitario de Estudios sobre Migraciones*, (15), 185-222. <https://revistas.upcomillas.es/index.php/revistamigraciones/article/view/4263/4085>.

- BERRY, J. W. (1984). Cultural relation in plural societies: Alternatives to segregation and sociopsychological implications. In N. Miller e M. B. Brewer (Eds.). *Groups in contact: The psychology of desegregation* (pp. 11-27). Nova Iorque: Academic Press.
- BERRY, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5-68.
- BERRY, J. W., Kim, U., Power, S., Young, M., e Bujaki, M. (1989). Acculturation attitudes in plural societies. *Applied Psychology: An International Review*, 38, 185-206.
- BETHENCOURT, Francisco. 2013. *Racisms: from the Crusades to the Twentieth Century*. Princeton: Princeton and Oxford University Press.
- BHABHA, Homi K. 1998. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- BIAZZI, Eliza S. 1996. *Saúde pelas plantas*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.
- BICCA, Luis, 1999: *O mesmo e os outros*. Rio de Janeiro, Sette Letras.
- BIERBRAUER, G., e Pedersen, P. (1996). Culture and migration. In G. R. Semin, e K. Fiedler (Eds.). *Applied social psychology*. Londres: Sage.
- BILBAO, A., & Gantxegi, J. L. (1998). Una reflexión sobre el racismo y la xenofobia en la hora actual. *Harlax: Ertzainaren lanbide aldizkaria= Revista técnica del Ertzaina*, (25), 108-117.
- BILLIG, M. (1981). *L' internationale Raciste: De la Psychologie à la "Science" des Races*. Paris: Maspero.
- BILLIG, M. (1996). Nationalism as an international ideology: imagining the Nation, others and the world of nations. In BREAKWELL, G. M., e Lyons, E. (eds). *Changing european identities. Social psychological analysis of social change*. (pp.181-194). Oxford: Butter Worth-Heinemann.
- BILLIG, M., e Tajfel, H. (1973). Social categorization and similarity in intergroup behavior. *European Journal of Social Psychology*, 3, 27-52.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). 2001. *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo. Três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Edições Loyola.
- BLAINE, B., e Crocker, J. (1995). Religiousness, race, and psychological well-being: Exploring social psychological mediators. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 1031-1041.
- BLANZ, M., Mummendey, A., e Otten, S. (1995). Positive-negative asymmetry of social discrimination: the impact of stimulus valence and size and status differentials on intergroup evaluations. *British Journal of Social Psychology*, 34, 409-419.
- BLAUT, James M. (1993), *The Colonizer's Model of the World: Geographical Diffusionism and Eurocentric History*. New York: The Guilford Press.
- BLUMER, H. (1958). Race and prejudice as a sense of group position. *Pacific Sociological Review*, v.1, nº.1, 3-7.
- BOBBIO, Norberto, 1992, *As razões da Tolerância*, Bobbio, Norberto, *A Era dos Direitos*, Campus.
- BOBO, L. (1988) «Group conflict, prejudice and the paradox of contemporary racial attitudes», en Katz, P. A. y TAYLOR, D. A., *Eliminating racism: profiles in controversy*. New York. Plenum.
- BOGARDUS Emory S., 1926, «Social Distance in the City». *Proceedings and Publications of the American Sociological Society*. 20, 40-46.
- BOGARDUS, E. S. (1928). *Immigration and race attitudes*. Boston: Heath.
- BOLAFFI, Guido, 2003. *Dictionary of race, ethnicity and culture*. SAGE Publications Ltd.
- BOLIGIAN, Levon; ALMEIDA, Rosângela D. 2003. A transposição didática do conceito de território no ensino de Geografia. In: GERARDI, Lúcia H. *Ambientes: Estudos de Geografia*. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia teórica – AGETEO, p. 235-248.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. 2008. *O homem e o espaço*. Curitiba: Editora da UFPR.
- BOMMES, M. y GEDDES, A. (2000) *Immigration and Welfare. Challenging the borders of the welfare state*. London. Routledge.
- BONNEMAISON, J. 1981. "Viagem em torno do território". In: Rosendahl, Z. e Corrêa, R.L.(orgs). *Geografia Cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- BONNEMAISON, Joel (1981): "Voyage Autour du Territoire". In: *l'Espace géographique*, 10 (4): 249-262.
- BORGES, E., & Medeiros, C. A. (2002). *Racismo, preconceito e intolerância*. Atual.
- BOTZ-BORNSTEIN, T. (2006). Ethnophilosophy, comparative philosophy, pragmatism: Toward a philosophy of ethnoscapas. *Philosophy east and west*, 153-171.
- BOURDIEU, Pierre. 1980. "L'Identité et la Représentation. Éléments pour une Réflexion Critique sur l'Idée de Région". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 35:63-72.
- BOURDIEU, P. 1999. *A economia das trocas simbólicas*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva.
- BOURDIN Alain, 2000, *La question locale*, Paris, Puf.
- BOURHIS, R. Y., e Gagnon, A. (1994). Les préjugés, la discrimination et les relations intergroupes. In R. J. Vallerand (Ed.). *Les fondements de la psychologie Sociale*. Boucherville, Québec: Gaetan Morin.
- BOURHIS, R. Y., e Leyens, J.-Ph. (1994). Perceptions et rela-

- tions intergroupes: deux solitudes? In R. Y. Bourhis, e J.-Ph. Leyens (Eds.). *Stéréotypes, Discrimination et Relations Intergroupes* (pp. 5-12). Liège: Mardaga.
- BOURHIS, R. Y., e Leyens, J.-Ph. (1994). *Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes*. Liège: Mardaga.
- BOURHIS, R. Y., Gagnon, A., e Moïse, L. C. (1994). Discrimination et relations intergroupes. In R. Y. Bourhis e J.-Ph. Leyens (Eds.) *Stéréotypes, Discrimination et Relations Intergroupes* (pp. 161-200). Liège: Mardaga.
- BOURHIS, R. Y., Moïse, L. C., Perreault, S., e Senécal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology*, 32, 369-386.
- BOURHIS, R.Y., GAGNON, A. y MÖISE, L. C. (1996) «Discriminación y relaciones intergrupales», en Bourhis, R. Y. y Leyens, J. P., *Estereotipos, discriminación y relaciones entre grupos*. Madrid. McGraw Hill.
- BRACINHA-VIEIRA, A. (1995). Racismo e teoria. *Ethnologia*, 3/4, 23-38.
- BREAKWELL, G. (1978). Some effects of marginal social identity. In H. Tajfel (Ed.) *Differentiation Between Social Groups - Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 301-338). Londres: Academic Press.
- BREHM, S. S., Kassin, S. M., Fein, S. (Eds.) (1999). Social psychology. Boston: Mifflin Company.
- BREWER, M. B. (1979). The role of ethnocentrism in intergroup conflict. In W. G. Austin e S. Worchel (Eds.). *The Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 71- 84). Monterey, California: Brooks/Cole.
- BREWER, M. B. (1993). Social identity, distinctiveness, and in-group homogeneity. *Social Cognition*, 11, 150-164. BREWER, M. B. (1994). The social psychology of prejudice: Getting it all together. In M. Zanna e J. M. Olson (Eds.). *The Psychology of Prejudice: The Ontario Symposium* (Vol. 7, pp.315-330). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- BREWER, M. B. (1998). Category-based vs. Person-based perception in intergroup contexts. *European Review of Social Psychology*, 9, 77-105.
- BREWER, M. B., e Brown, R. J. (1998). Intergroup Relations. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske e, G. Lindsey (Eds.) *The Handbook of Social Psychology* (4.^a ed., Vol.2, pp.552-594). Nova Iorque: McGraw-Hill.
- BREWER, M. B., e Campbell, D. T. (1976). *Ethnocentrism and intergroup attitudes: East African Evidence*. Nova Iorque: Sage.
- BREWER, M. B., e Miller, N. (1984). Beyond the contact hypothesis: Theoretical perspectives on desegregation. In N. Miller e M. B. Brewer (Eds.) *Groups in Contact: The Psychology of Desegregation* (pp. 281-301). Orlando: Academic Press.
- BREWER, M. B., e Schneider, S. K. (1990). Social identity and social dilemmas: A double-edged sword. In D. Abrams e M. A. Hogg (Eds.). *Social Identity Theory: Constructive and Critical Advances and Research* (pp. 169-184). Londres: Harvester.
- BREWER, M. B., e Weber, J. G. (1994). Self-evaluation effects of interpersonal versus intergroup social comparison. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 268-275.
- BREWER, M. B., Weber, J. G., e Carini, B. (1995). Person memory in intergroup contexts: categorization versus individuation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 29-40.
- BRIGGS, A., e Cobley, P. (1999). I like my shit sagged: fashion, "black musics" and subcultures. *Journal of Youth Studies*, 2, 337-352.
- BRITO, R. (1998). *Racismo e assimetria positivo-negativo no enviesamento endogrupal ao nível das avaliações intergrupais*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE.
- BROWN, R. 1995. *Prejudice: its social psychology*. Oxford: Blackwell.
- BROWN, R., e Turner, J. C. (1981). Interpersonal and intergroup behaviour. In J. C. Turner e H. Giles (Eds.). *Intergroup Behaviour*. Oxford: Blackwell.
- BROWN, R., e Wootton-Millward, L. (1993). Perceptions of group homogeneity during group formation and change. *Social Cognition*, 11, 126-149.
- BROWN, R., Vivian, J., e Hewstone, M. (1999). Changing attitudes through intergroup contact: The effects of group membership salience. *European Journal of Social Psychology*, 29, 741- 764.
- BRÜCKER, H., EPSTEIN, G. S., MCCORMICK, B., SAINT-PAUL, G., VENTURI, A. y ZIMMERMANNE, K. (2002) «Managing migration in the European Welfare State», en Boeri, T., Hanson, G. y McCormick, B., *Immigration policy and the welfare system*. New York. Oxford University Press: 1-167.
- BUCK, C.D. (1916). Language and the sentiment of nationality. *American Political Science Review*. 10. pp. 44-69.
- BUENO, A. M. (2006). *Intolerância linguística e imigração*. Master's Dissertation, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-31072007-143055/>.
- BUENO, Alexandre Marcelo. *Intolerância linguística e imigração* [online]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, 2006. Master's Dissertation in Semiótica e Linguística Geral. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-31072007-143055/>.

- BURGUIÈRE, A., e Grew, R. (Eds.). (2001). *The construction of Minorities: Cases for comparison across time and around the world*. Michigan: University of Michigan Press.
- BURITY, Joanildo Albuquerque (1997), *Identidade e Política no Campo Religioso*. Recife, Editora Universitária.
- BURITY, Joanildo Albuquerque (1999), Globalização e Identidade: desafios do multiculturalismo, Recife, *I Conferência Latino Americana e Caribenha de Ciências Sociais*.
- BURSZTYN, M. A exclusão e o local: tempos e espaços da diversidade social. In: DINIZ, C. C. (Org.) *Políticas de Desenvolvimento Regional: desafios e perspectivas à luz as experiências da União Europeia e do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. 79-101.
- BUTTNER, A. 1985. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: *Perspectivas da Geografia*. Antônio Carlos Christofolletti (org.). São Paulo, Difel, p. 165-193.
- BUTTNER, A. 1985a. Hogar, Campo de Movimiento y sentido del Lugar. In: Teoría y Método en la Geografía Anglosajona. Maria Dolores Garcia Ramón (org.), Barcelona, Ariel, p. 227-241.
- CABANNES, Robert, 1986, « Les associations créatrices de localité », in, *L'esprit des lieux, localités et changement social en France*, Paris, Editions du CNRS, 345 p. p. 209-233.
- CABECINHAS, R. (1994). *Assimetrias na percepção dos outros: para uma abordagem psicossociológica do processamento da informação sobre grupos sociais*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE.
- CABECINHAS, R. (1996). Enviesamentos na percepção dos grupos sociais: o papel da posição social e do contexto. *Análise Psicológica*, XIV(1), 73-86.
- CABECINHAS, R. (2002). Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. In *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século. Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação* (pp.407-418). Lisboa: Vega.
- CABECINHAS, R. (2002a). *Racismo e etnicidade em Portugal: Uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. Dissertação de Doutoramento, Braga, Universidade do Minho.
- CABECINHAS, R. (2002b). *Racismo e etnicidade em Portugal: Uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25/1/TESE_RC_FINAL.pdf.
- CABECINHAS, R. (2003). Categorização e diferenciação: A percepção do estatuto social de diferentes grupos étnicos em Portugal. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. *Cadernos do Noroeste, Sociedade e Cultura*(5), 69-91.
- CABECINHAS, Rosa e Luís Cunha, 2003a. "Colonialismo, identidade nacional e representações do 'negro'", in Luís Reis Torgal e Luís Oliveira Andrade (orgs.), *Colonialismo, anticolonialismo e identidades nacionais* (Coimbra: Quarteto), pp. 157-84; <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/1791>.
- CABECINHAS, R.; AMÂNCIO, L. 2003b. A naturalização da diferença: representações sobre raça e grupo étnico. In: *jornada internacional sobre representações sociais*, 3., 2003, Rio de Janeiro. Actas.. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Maison des Sciences de l'Homme, p. 982-1007.
- CABECINHAS, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14(28), 125-137.
- CABECINHAS, R. (2008). *Racismo e xenofobia: a actualidade de uma velha questão*. Em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9639>.
- CABECINHAS, R. & AMÂNCIO, L. (2004) Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas. *Actas do V Congresso Português de Sociologia: Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*, Universidade do Minho, Braga, 12-15 de Maio de 2004.
- CABECINHAS, R. 2007. *Preto e branco: a naturalização da discriminação racial*. Porto: Campo das Letras.
- CABECINHAS, R. 2008. Racismo e Xenofobia. A Actualidade de uma velha Questão, *Comunicación e Ciudadania*, 2, 163-182.
- CABECINHAS, R. (2010) "Expressões de racismo: mudanças e continuidades". In: Mandarin, A.C.S. & Gomberg, E. (Eds.) *Racismos: Olhares plurais* (pp.11-43). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- CABRAL, João Pina, 1998. "Racismo ou etnocentrismo?", in Henrique Gomes de Araújo, Paula Mota Santos e Paulo Castro Seixas (orgs.), *Nós e os outros: a exclusão em Portugal e na Europa*, Porto: Gradiva, pp. 19-26.
- CABRAL, L. O. 2002. A paisagem como campo de visibilidade e de significação: um estudo de caso. *Espaço e cultura*, Rio de Janeiro, n. 13, p.47-62, jan./jun.
- CAIRO, Heriberto; GROSGOUEL, Ramón. 2010. *Descolonizar la modernidad, descolonizar Europa. Un diálogo Europa-América Latina*. Madrid: IEPALA Ediciones.
- CALLAI, H. C. 2000. Estudar o lugar para compreender o mundo: o lugar na geografia. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 7ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, P.83 a 131.
- CALVO BUEZAS, Tomás (1997): *Racismo y solidaridad de españoles, portugueses y latinoamericanos. Los jóvenes ante otros pueblos y culturas*, edic. Libertarias, Madrid.

- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. 1998. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II: estudo etnofarmacobotânico*. São Paulo: Ícone.
- CAMPBELL, D. T. (1958). Common fate, similarity, and other indices of the status of aggregates of persons as social entities. *Behavioral Science*, 3, 14-25.
- CAMPBELL, D. T., e LeVine, R. A. (1968). Ethnocentrism and intergroup relations. In R. Abelson et al. (Eds.). *Theories of cognitive consistency: A sourcebook*. Chicago, IL: Rand McNally.
- CANCLINI, Néstor Garcia. 1996. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- CANDAU, J. 1998. *Mémoire et identité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. 2004. Uma reflexão sobre ciência e conceitos: o território na geografia. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. *Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste.
- CANELLA, M. (2014). *TODOROV, Tzvetan. Os inimigos íntimos da democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. *MovimentAção*, 1(1), 81-84.
- CANTER, DAVID. (1977). *The psychology of Place*. Londres: Architectural Press.
- CAPOZZA, D., e Nanni, R. (1986). Differentiation processes for social stimuli with different degrees of category representativeness. *European Journal of Social Psychology*, 16, 399-412.
- CAPOZZA, D., e Volpato, C. (1994). Relations intergroupes: Approches classiques et contemporaines. In R. Y. Bourhis e J.-Ph. Leyens (Eds.). *Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes* (pp. 13-39). Liège: Mardaga.
- CAPOZZA, D., Voici, A., e Licciardello, O. (2000). Individualism, collectivism and social identity theory. In Capozza, D. e Brown R. (Eds). *Social identity processes: Trends in theory and research* (pp. 62-116). Londres: Sage.
- CAPOZZA, D., e Brown, R. (Eds.) (2000a). *Social identity process*. Londres: Sage.
- CARDOSO, C.M., 2003, *Tolerância e seus limites. Um olhar latino-americano sobre a diversidade e desigualdade*, Sao Paulo UNESP.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri, 1993. "O lugar: mundialização e fragmentação" in *Fim de século e globalização*. Hucitec São Paulo.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. 1997. "O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton et. al. (Org.) *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. 1999, "Novas" contradições do espaço. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (org.). *O Espaço no fim do século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto.
- CARLOS, A. F. 1996, 2007. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec.
- CARMEN, Isabel Leal Soares, «Tolerância e xenofobia ou a consciência de um universo multicultural nas Histórias de Heródoto», *Humanitas*. Coimbra. 53 (2001) 49-82.
- CARMONA CALDERA, Cristóbal Gonzalo (2009), "Pueblos indígenas y la tolerancia occidental: los derechos humanos como forma sublimada de asimilación", en *Polis: Revista académica de la Universidad Bolivariana*, núm. 23.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (1996). "O discurso da intolerância: fontes para o estudo do racismo." *Fontes históricas: abordagens e métodos*, São Paulo, Ed. UNESP : 28.
- CARONE, I (2003). Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: Caroe & Bento (orgs) *Psicologia Social do Racismo*. Petrópolis: Vozes. pp 13- 24.
- CARPENTER, C.-R., 1958. Territoriality : A Review of Concepts and Problems, in *Behavior and Evolution*, Ed. A. Roc, G.-G. Simpson, New Haven.
- CARRILHO, M. (1992). Portugal, por um Mundo Multiracial e Multicultural. *Portuguese Studies*, 34-39.
- CASEY, Edward, 1993. *Getting Back into Place: Toward a Renewed Understanding of the PlaceWorld*. Bloomington: Indiana University Press.
- CASHMORE, E. (1996). Ethnicity. In E. Cashmore, M. Banton, J. Jennings, B. Troyna e P. L. van der Berghe (Orgs.) *Dictionary of race and ethnic relations* (4th Ed., pp.119-124). Londres: Routledge.
- CASTANHEIRA, Elisabete, Objeto e lugar: o não presente micro intervenções possíveis para não-lugares, in *III Congresso Internacional de Cidades Criativas*. Disponível na web: https://www.researchgate.net/profile/Elisabete_Castanheira_Bebe_Castanheira/publication/260219964_OBJETO_E_LUGAR_O_NO_PRESENTE_MICRO_INTERVENES_POSSIVEIS_PARA_NO_LUGARES/links/00b4953032ead8b5f3000000.pdf.
- CASTAÑO GARCÍA, F. Javier; Rafael Pulido y Angel Montes del Castillo (1998), "La educación multicultural y el concepto de cultura", en *Revista de Educación Bilingüe Intercultural*, Organización de Estados Iberoamericanos, (<http://www.oei.org.com>).
- CASTAÑO, F. JAVIER GARCIA e RUIZ-MATAS, CRISTINA BARAGÁN. (2000). Sociedad multicultural e interculturalismo versus inmigración extranjera: aporta-

- ciones teóricas para el debate. Documentación Social -. *Revista de estudios sociales y de sociología aplicada* 121: 209-232.
- CASTEL, P., e Lacassagne, M.-F. (1993). L'émergence du discours raciste: une rupture des routines. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 6, 7-19.
- CASTELLS, M. 1999. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELO, C. (1998). "O Modo Português de Estar no Mundo". *O Luso-tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento.
- CASTELO, Lineu. 2007. *A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo*. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS.
- CASTLES, S. y KOSACK, G. (1973) Immigrant workers and class structure in Western Europe. Oxford University Press.
- CASTLES, S. y MILLER, M. J. (2004) La era de la migración. Movimientos internacionales de población en el mundo moderno. México. Universidad Autónoma de Zacatecas.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (org's). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47; 77-116.
- CASTROGIOVANNI, A. C. 2007. Lugar, no-lugar y entre-lugar: los ángulos del espacio turístico. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v. 16, n. 1, p. 5-25.
- CAVALCANTI, Roberto (2002), Preconceito, Tolerância, Radicalismo e Discriminação, protocolo disponível em <http://www.geocities.yahoo.com.br/amigosdafamilia/preconceito.ht-12k> (Data de acesso: 13 de abril de 2005).
- CEA D'ANCONA, M.^a A. (2002) «La medición de las actitudes ante la inmigración: evaluación de los indicadores tradicionales de racismo». *R.E.I.S.*, 99: 87-111.
- CEA D'ANCONA, M.^a A. (2004) *La activación de la xenofobia en España. ¿Qué miden las encuestas?* Madrid, CIS/Siglo XXI, Monografía nº 210.
- CEA D'ANCONA, M.^a A. (2004b) *La activación de la xenofobia en España. ¿Qué miden las encuestas?* Madrid. CIS/Siglo XXI. Colección Monografías n.º 210. (2005).
- CEA D'ANCONA, M.^a A., Valles Martínez, M. y Álvarez Gálvez, J. (2006-2008) *La medición de la xenofobia en la España de comienzos del siglo XXI: nuevos indicadores y diseños de encuesta para las políticas de integración de los inmigrantes*. I+D MEC.
- CEA D'ANCONA, M.^a A. (2007), «La exteriorización de la xenofobia». *R.E.I.S.*, 112: 197-230. *Inmigración, racismo y xenofobia en la España del nuevo contexto europeo*. Madrid.
- CEA D'ANCONA, M.^a A. y Valles Martínez, M. (2008) *Evolución del racismo y la xenofobia en España*. Madrid, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Observatorio Español de Racismo y Xenofobia.
- CEA D'ANCONA, M. A. (2009). Filias y fobias ante la imagen poliédrica cambiante de la inmigración: Claves en la comprensión del racismo y la xenofobia. *Revista del Ministerio de Trabajo e Inmigración*, (80), 39-60. Disponível em: http://www.empleo.gob.es/es/publica/pub_electronicas/destacadas/revista/numeros/80/est02.pdf.
- CERTEAU, Michel de. 1994, *A invenção do cotidiano I: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CÉSAR, Constança Marcondes (org.), 1998. *Paul Ricoeur: Ensaios*. Paulus. São Paulo.
- CESAR, Constança Marcondes. 1999. "O problema da tolerância em Paul Ricoeur". In: *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, v. XLIV, Fasc. 195, p. 296-306.
- CEVASCO & ZAFIROUPOULOS. (2001). Odio i Segregacion (cópia mimeo). CHNAIDERMAN, M. (1996). Racismo, o Estranhamente Familiar: uma Abordagem Psicanalítica. In L. Schwartz & R. S. Queiroz (orgs), *Raça e Diversidade*. São Paulo: Edusp.
- CHAFFIN, V. Frank, 1989. Dwelling and Rhythm: The Isle Breville as a Landscape of Home. *Landscape Journal*, 7, 96-106.
- CHANLAT, J. F. (Coord.). 1996. *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas.
- CHARTIER, Roger. 2002. *A beira da falésia*. Porto Alegre: EDUFRGS.
- CHATELIN, Yvon (1986): "Avant-propos." In: BLANC-PAMARD et alii (eds.). *Milieux et Paysages: essai sur diverses modalités de connaissance*. Paris, Masson, p. 1-3.
- CHAUCHAT, H.; DURAND-DELVIGNE, A. 1999. *De l'identité du sujet au lien social*. Paris: Presses Universitaires de France, .
- CHELLOTI, Marcelo C. 2010. Reterritorialização e identidade territorial. *Sociedade e Natureza*, Uberlândia, UFU, v.1, n. 22, p. 165-180, abr.
- CHOW, E. N.-L., Wilkinson, D., e Zinn, M. B. (1996). Race, class, e gender: Common bonds, different voices. Londres: Sage.
- CIAMPA, Antônio da Costa. 1989. Identidade. In: CODO, Wanderley; LANE, Sílvia T. M. (et al.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense.
- CISNEROS, I. H. (2001). Intolerancia cultural: racismo, nacionalismo, xenofobia. *Perfiles latinoamericanos*:

- revista de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Sede México, (18), 177-189. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2212253>.
- CISNEROS, I. H. (2005). *Formas modernas de la intolerancia: De la discriminación al genocidio*. Editorial Oceano.
- CLAVAL, Paul (2002) El Enfoque Cultural y Las Concepciones Geográficas del Espacio, In *Boletín de la AGE*, Nº 34. pp 21-39;.
- CLAVAL, Paul 1999. O território na transição da pós-modernidade. *Geographia. Revista de Pós Graduação em Geografia da UFF, Niterói/R./, UFF/EDD*, ano L n. 2, p. 7-26.
- CLAVAL, Paul, 2001. *A Geografia Cultural*. 2.ed. Florianópolis: Ed da UFSC.
- CODOL, J.P. (1982). *Cognitive analysis of social behavior*. Londres: Martinus Nijhoff Publishers.
- COHEN, W (1980). *Français et Africains*. Paris: Gallimard.
- CONDE, I. (1998). Contextos, culturas, identidades. In J. M. L. Viegas e A. F. Costa (Orgs.). *Portugal, que modernidade?* (pp. 79-118). Oeiras: Celta Editora.
- CONNERTON, P. (1989/1993). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta.
- CONTRA, C. E. D. L. J., EL RACISMO, L. X., & EL ANTISEMITISMO, Y. L. I. (1995). Somos diferentes, somos iguais. *Madrid: Instituto de la Juventud*.
- COOLS, H. (1995). Fragile national identity(s) and the elusive multicultural society. In B. Baumgartl, e A. Favell (Eds). *New xenophobia in Europe*, 28-44.
- CORRÊA, Roberto Lobato. 1992, Corporação, Práticas Espaciais e Gestão do Território. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 115-122, jul/set.
- CORRÊA, Roberto Lobato. 1995. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias et al. *Geografia. conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, p. 15-47.
- CORRÊA, R. L. (1995a). *O espaço Urbano*. São Paulo: Ática.
- CORRÊA, Roberto L. (orgs.). 1995b. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CORRÊA, R. L. 2001. *Trajetórias Geográficas*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CORRÊA, R. L. 2007. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. *GEOgraphia*, Niterói, v. 9, n. 17, p. 7-17.
- CORREIA, C. B. (2009). *Ser brasileira em Portugal. Uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais*. Dissertação de mestrado (não publicada), ISMAI, Instituto Superior da Maia, Maia, Porto, Portugal.
- COSGROVE, D. 2000. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: FERREIRA, L. F. *Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo*. Território, Rio de Janeiro, n. 9, p.65-83, jul./dez.
- COSGROVE, D. E. 1978. *Place, Landscape, and the Dialectics of cultural Geography*. *Canadian Geographer*, 22 (1): 1978.
- COSTA, W.M. da. 1992. *Geografia Política e Geopolítica. Discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo.
- COSTA, A. B. da (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- COSTA, Benhur P da. 2005. As relações entre os conceitos de identidade, território e cultura no espaço urbano: Por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato, *Geografia: Temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- COSTA, Fábio R. ROCHA, Márcio Mendes. 2010, Geografia: conceitos e paradigmas –apontamentos preliminares. in. *GEOMAE Campo Mourão V.1 nº2*, p. 25-56.
- COSTA, Francisco Lima, 2004. *Turismo Étnico, Cidades e Identidades: Espaços multiculturais na Cidade de Lisboa. Uma viragem cognitiva na apreciação da diferença*, Socinova, Lisboa.
- COSTA, R. (2015). Estrangeiros em própria terra: uma reflexão sobre Filosofia na América Latina a partir da questão indígena. *Problemata-Revista Internacional de Filosofia*, 6(1), p-151. <http://www.okara.ufpb.br/ojs2/index.php/problemata/article/view/24245/13683>.
- COSTA, R. H. (2004). *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Bertrand Brasil.
- COSTA, S., Casanova, C., & Lee, P. (2008). Especiessismo: percepções sociais portuguesas e guineenses sobre os outros. In *Mundos sociais: saberes e práticas* (p. 91).
- CRANDALL, C. S., Tsang, J.-A., Harvey, R. D., e Britt, T. (2000). Group identity-based self-protective strategies: the stigma of race, gender, and garlic. *European Journal of Social Psychology*, 30, 355-381.
- CRESWELL, Tim, 2004. *Place: A Short Introduction*. London: Blackwell.
- CRUZ, N. D. R. (2004). *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*. Rio de Janeiro: UFF.
- CULLEN, GORDON. [1961] (2008). *A Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- CUNHA, L. (1994). *A imagem do Negro na banda desenhada do Estado Novo. Relatório de aula teórico-prática*. Braga: Universidade do Minho.
- CUNHA, M. I. 2000. A natureza da 'raça'. *Cadernos do No-*

- roeste, n. 13, p. 191-203, Sociedade e Cultura 2.
- CUNHA, L. (2001). *A Nação nas malhas da sua identidade: O Estado Novo e a construção da identidade nacional*. Porto: Afrontamento.
- CUNHA, L. (2003). *Entre espaço e representação: Comunidade e memória social*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- CUNHA, M. (2000). A natureza da “raça”. Sociedade e Cultura 2. *Cadernos do Noroeste*, 13, 191-203.
- D’ANCONA, M. Á. C. (2007). *Inmigración, racismo y xenofobia en la España del nuevo contexto europeo*. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Subdirección General de Información Administrativa y Publicaciones.
- D’ANCONA, M. A. C. (2009). Filias y fobias ante la imagen poliédrica cambiante de la inmigración: Claves en la comprensión del racismo y la xenofobia. *Revista del Ministerio de Trabajo e Inmigración*, (80), 39-60.
- D’ANCONA, M. A. C., & Valles, M. (2009). *Evolución del racismo y la xenofobia en España*. Ministerio de Trabajo e Inmigración, Subdirección General de Información Administrativa y Publicaciones.
- D’ANCONA, C., & Martínez, V. MS (2008) “Nuevos-viejos discursos ante la inmigración y su reflejo vivencial de racismo, xenofobia y xenofilia en la España inmigrante”. *Migraciones*, 23, 237-277.
- DA COSTA, M. R. (2002). Velhas e novas ordens mundiais: as múltiplas faces do racismo e da violência. *À margem dos 500 anos: reflexões irreverentes*, 7, 143.
- DA CUNHA, M. I. (2008). *Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários*. Educação Unisinos, 12(3), 182-186.
- DA SILVA, P. J. (2009). Territorialidade e desterritorialidade: os assentamentos rurais e a reterritorialização do campesinato no espaço agrário do cerrado mineiro-10.5216/bgg. v21i2. 4215. *Boletim Goiano de Geografia*, 21(2), 83-102.
- DASKALAKI, M.; STARAB, A; IMAS, M. 2008. The ‘parkour organisation’: inhabitation of corporate spaces. *Culture and Organization*, v. 14, n. 1, p. 49-64, Mar.
- DAHLSTEDT, M., & Neergaard, A. (Eds.). (2015). *International Migration and Ethnic Relations: Critical Perspectives*. Routledge.
- DAMATTA, Roberto. 1985. *A casa & e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- DARDEL, Eric (1990): *l’Homme et la Terre - nature de la réalité géographique*. Paris, Ed. CTHS, (P ed. Paris, PUF, 1952).
- DE LUCAS MARTÍN, F. J. (1990). Xenofobia, racismo y unidad europea (sobre la garantía de los derechos fundamentales de los extranjeros en España). *Jueces para la Democracia*, (11), 67-78.
- DE LUCAS MARTÍN, F. J. (1994). *El desafío de las fronteras: derechos humanos y xenofobia frente a una sociedad plural*. Temas de hoy.
- DE VILHENA, J. (2006). A Violência da Cor: sobre racismo, alteridade e intolerância. *Revista Psicologia Política*, 6(12), 2.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1996. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- DELGADO, A. M. (1997). Branco e Negro. Construção social da assimetria (expressão de identidades entre crianças brancas e negras). Tese de Licenciatura. Lisboa: ISCTE.
- DEL PRETTE, A., & Del Prette, Z. A. (2008). Assertividade, sistema de crenças e identidade social. *Psicologia em Revista*, 9 (13), 125-136.
- DESCHAMPS, J.-C., (1979). Différentiation catégorielle et différetation de soi par rapport à autrui. *Recherches de Psychologie Sociale*, 1, 29-38.
- DESCHAMPS, J.-C., (1982). Social identity and relations of power between groups. Em H. Tajfel (org.), *Social Identity and Intergroup Relations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DESCHAMPS, J.-C., (1982a). Différentiations entre soi et autrui et entre groupes, J. P. Codol e J-Ph. Leyens (Eds.), *Cognitive Analysis of Social Behaviour*. Haia: Martinus Nijhoff.
- DESCHAMPS, J.-C., (1984). The social psychology of intergroup relations and categorical differentiation. In H. Tajfel (Ed.). *The social dimension: European developments in social psychology* (Vol. 2, pp. 541-559). Londres / Paris: Cambridge University / Maison des Sciences de L’Homme.
- DESCHAMPS, J.-C., (1987). L’individuel et le collectif dans representation de soi. In J. Kellerhals, et la live D’Epinay (Eds). *La représentation de soi. Études de sociologie et d’éthnologie* (pp. 9-18). Genève: Université de Genève.
- DESCHAMPS, J.-C., Devos, T., Bréchet, C., Capponi, L., Gue-not, N., Pesenti, O., e Solari, G. (1992). Effects de la saillance d’une appartenance sociale, dans une situation de catégorisation croisée. *Revue Internationale de Psychologie sociale*, 5, 21-36.
- DESCHAMPS, J.-C., e Devos, T. (1999). Les relations entre identité individuelle et collective ou comment la similitude et la différence peuvent covarier. In J.-C. Deschamps, J.-F. Morales, D. Páez, e S. Worchel (Eds.). *L’identité social: La construction de l’individu dans les relations entre groupes* (pp. 149-168). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

- DESCHAMPS, J.-C., Morales, J.-F., Páez, D., e Worchel, S. (1999a). *L'identité social: La construction de l'individu dans les relations entre groupes*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- DESCHAMPS, J.-C., et al. 2005. Intergroup relations, racism and attribution of natural and cultural traits. *Psicología Política*, n. 30, p. 27-39.
- DEZCALLAR, J. (1993). Una rápida visión de las relaciones hispano-magrebíes en busca de las raíces de la xenofobia. em *Felipe Mellizo, Racismo y xenofobia. Búsqueda de la raíces*, Madrid: Fundación Rich.
- DI MEO, G. 1991. "La Genèse du Territoire Local: complexité dialectique et espace-temps". *Annales Geographie*, 559.
- DI MEO, Guy. 1991. *L'homme, la société, l'espace*. Paris, Anthropos-Economica.
- DI MEO, G. 1995, *Les territoires du quotidien*. Paris: L'harmattan.
- DIAS, M. R., Garcés-Ferrer, J., e Ródenas-Rigla, F. (1997). Investigação transcultural sobre atitudes face aos imigrantes: estudo piloto em Lisboa. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 25, 139-153.
- DIAS, R. 2006. *Turismo e Patrimônio Cultural. Recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva.
- DIEGUES, Antonio Carlos. 1996. "Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais". In *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento*, P.F. Vieira e J. Weber, orgs., 407-432. São Paulo: Cortez Editora.
- DIETZ, Gunther (2003), *Multiculturalismo, interculturalidad y educación: una aproximación antropológica*, Granada: Universidad de Granada.
- DÍEZ NICOLÁS J., 1998. *Actitudes Hacia los Inmigrantes*, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Instituto de Migraciones y Servicios Sociales (IMSERSO), Madrid.
- DÍEZ NICOLÁS J., 1999. *Los Españoles y la Inmigración*. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Instituto de Migraciones y Servicios Sociales (IMSERSO), Madrid.
- DÍEZ NICOLÁS J., 2000. «La Escala de post-materialismo como medida del cambio de valores en las sociedades contemporáneas», em F. ANDRÉS ORIZO y J. ELZO, (eds.) *España 2000, entre el localismo y la globalidad. La Encuesta Europea de Valores en su tercera aplicación, 1981-1999*. Madrid: Editorial Santa María.
- DÍEZ NICOLÁS, J. (2005) *Las dos caras de la inmigración*. Madrid. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Documentos del Observatorio Permanente de la Inmigración, n.º 3.
- DÍEZ NICOLÁS, Juan (2005a), *Las dos caras de la inmigración*, Documentos del Observatorio Permanente de la Inmigración, núm. 3, Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.
- DIMEO, G. 1991. "La Genèse du Territoire Local: complexité dialectique et espace-temps". *Annales Geographie*, 559.
- DINES, G., e Humez, J. M. (Eds.) (1995). *Gender, Race and Class in Media: A TextReader*. Londres: Sage.
- DOISE, W. (1972). Relations et représentations entre groupes. In S. Moscovici (Ed.). *Introduction à la Psychologie Sociale* (Vol. 2, pp. 195-214). PCORRÊA, Roberto Lobato. aris: Larousse.
- DOISE, W. (1976-84). *A articulação psicossociológica e as relações entre grupos*. Lisboa: Moraes Editores (tradução portuguesa de L'articulation psychosociologique et les relations entre groupes, Bruxelles: Éditions A. de Boeck).
- DOISE, W. (1982). *L'Explication en Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaire de France.
- DOISE, W. (1984). Social representations, intergroup experiments and levels of analysis. Em R. Farr & S. Moscovici (org.), *Social Representations*. Cambridge: University Press.
- DOISE, W. (1984a). Social representations, intergroup experiments and levels of analysis. In R. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DOISE, W. (1985). Differentiation entre groupes, prototypes et représentations sociales. *Ressegna di Psicologia*, 2, 13-29.
- DOISE, W. (1987). Le social et l'individuel: théories générales et recherches intergroupes. *Psychologie et Éducation*, 11, 57-74.
- DOISE, W. (1988). Individual and social identities in intergroup relations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 99-111.
- DOISE, W., e Lorenzi-Cioldi, F. (1989). Patterns of differentiation within and between groups. In van Oudenhoven, J. P., e Willemsen (Eds.). *Ethnic minorities. Social psychology perspective* (pp. 43-57). Amesterdão: Swets & Zeitlinger.
- DOISE, W. (1992). L'ancrage dans les études sur les représentations sociales, *Bulletin de Psychologie*, XLV (405), 189-195.
- DOISE, W., Clemence, A. & Lorenzi-Cioldi, F. (1992a). *Représentations Sociales es Analyses de Données*. Presses Universitaires de Grenoble.
- DOISE, W., Dubois, N., e Beauvois, J.-L. (1999). *La construction sociale de la personne*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- DONALD, J., e Rattansi, A. (1992/1997). 'Race', culture e

- difference*. Londres: Sage.
- DOOSJE, B., Spears, R., Ellemers, N., e Koomen, K. (1999). Perceived group variability in intergroup relations: The distinctive role of social identity. *European Review of Social Psychology*, 10, 41-70.
- DOVIDIO J. F., e Gaertner, S. L. (Eds.). (1986). *Prejudice, Discrimination and Racism*. Nova Iorque: Academic Press.
- DOVIDIO, J. F., Evans, N., e Tyler, R. B. (1986a). Racial stereotypes: The contents of their cognitive representations. *Journal of Experimental Social Psychology*, 22, 22- 37.
- DOVIDIO, J. F., Hrigham, J. C., Johnson, H. T., e Gaertner, S. L. (1996). Stereotype, prejudice and discrimination: Another look. In C. N. Macrae, C. Stangor e M. Hewstone (Eds.). *Stereotypes and stereotyping* (pp. 276-319). Nova Iorque: Guilford.
- DOWDS, L., e Young, K. (1997). National identity. In R. Jowell, J. Curtice, A. Park, L. Brook, e K. Thomson (Eds.). *British Social Attitudes: The 13th Report*. Dartmouth: Social and Community Planning Research.
- DUARTE, Isabel et al. 2005. *Coexistência Inter-Etnica, Espaços e Representações Sociais*, ACIME, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, Agosto.
- DUCKITT, J., e Mphuthing, T. (1998). Group identification and intergroup attitudes: A longitudinal analysis in South Africa. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 80-85.
- DUCROCQ, Françoise. *A intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (2000): 60-73.
- DUSSEL, E. (2003). Deconstrucción del concepto de 'tolerancia'. (De la intolerancia a la solidaridad). In XVI Congreso Interamericano de Filosofía, II Congreso Iberoamericano de Filosofía.
- DUSSEL, Enrique (1993), *O Encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade*, Petrópolis, Vozes.
- DUSSEL, Enrique (1995), *The Invention of the Americas: Eclipse of 'the Other' and the Myth of Modernity*, trad. M.D. Barber. New York: Continuum.
- DUVIGNAUD, Jean, 1977. *Lieux et nom lieux*. Paris: Ed. Galilée.
- ECHABE, A. E., & Castro, J. L. G. (1995). Xenofobia: representación social del inmigrante y barreras intergrupales. In *Psicología política, jurídica y ambiental* (pp. 51-64).
- ECHEBARRIA-ECHABE, A., e Castro, J. L. (1996). Images of immigrants: a study on the xenophobia and permeability of intergroup boundaries. *European Journal of Social Psychology*, 26, 341-352.
- ECHEVERRI, R. P. 2009. *Identidade e território no Brasil*. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura.
- ECO, Umberto. 1998. Definições léxicas. In: DUCROCQ, Françoise Barret. *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, P. 15-19;.
- EDUARDO, Márcio F. 2006. Território, trabalho e poder: por uma geografia relacional. *Campo-Território: Revista de Geografia Agrária*, v. 1, n. 2, p. 173-195, ago.
- ELLEMERS, N., Spears, R., e Doosje, B. (Eds.) (1999). *Social Identity*. Oxford: Blackwell.
- ENDERS, Armelle (1997) "Le lusotropicalisme, théorie d'exportation. Gilberto Freyre en son pays", *Lusotopie*, pp. 201-10;.
2002. *Ensaio sobre a intolerância: inquisição, marranismo e anti-semitismo: (homenagem a Anita Novinsky)*. Humanitas, FFLCH.
- ENTRIKIN, J. Nicholas (1997). Place and region 3 Progress in *Human Geography*, 21 (12): 263-8.
- ESSED, P. (1991). *Understanding every day racism: An interdisciplinary theory*. Newbury Park: Sage.
- EUROPEIA, E. D. X. N. U. (1996). Migrações internacionais e aumento do racismo e da xenofobia na união europeia Por Manuel Gonçalves Martins. *Africana*, (16), 75.
- EZE, E.C. (1997), "The Color of Reason: the Idea of 'Race' in Kant's Anthropology", in E.C. Eze (org.), *Postcolonial African Philosophy: A Critical Reader*. Cambridge, MA: Blackwell, 103-140.
- FANON, Frantz (1965), *A Dying Colonialism*, trad. H. Chevalier. New York: Grove Press.
- FANON, Frantz (1975), *Pele negra, máscaras brancas*, trad. Alexandre Pomar. Porto: Paisagem.
- FARELLI, Maria Helena. 2002. *Plantas que curam e cortam feitiços*. 6. ed. Rio de Janeiro: Pallas.
- FARR, ROBERT. 2008. M. *As raízes da psicologia social moderna*. RJ, Vozes.
- FAVELL, A. (2001) *Philosophies of integration immigration and the idea of citizenship in France and Britain*. New York. Palgrave.
- FENTON, S. (1999). *Ethnicity: Racism, class and culture*. Hong Kong: Rowman & Littlefield.
- FERNANDES, A. T. (1995). Etnicização e racização no processo de exclusão social. *Sociologia*, V, 7-67.
- FERNANDES, B. M. (1996). *MST: formação e territorialização*. São Paulo: Hucitec.
- FERNANDES, Florestan, 1972, *O negro no mundo dos brancos*, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- FERNÁNDEZ, P. A. T. (1999). El valor de la identidad nacional. *Cuadernos electrónicos de filosofía del derecho*, (2), 5.

- FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano 5, nº 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000.
- FERREIRA, V. S. (1998). Atitudes perante a sociedade. In J. M. Pais (Org.). *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea* (pp. 149-244). Lisboa: ICS / SEJ.
- FERRÉOL, Gilles, et Guy Jucquois, 2003. *Dictionnaire de l'altérité et des relations interculturelles*, (eds.), Armand Colin, Paris.
- FIASSE, G. (2006), *L'autre et l'amitié chez Aristote et Paul Ricoeur. Analyses Éthiques et Ontologiques*. Louvain: Éditions Peeters.
- FILHO, Michel Zaidan. 2009. Ética, Violência e História. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Ângela de Faria (Orgs). *Cultura, Cidadania e Violência*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 9-13;.
- FIRMINO DA COSTA, ANTÓNIO (1985). Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros. *Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, XXI (3º, 4º, 5º) 87-88-89: 735-756.
- FIRMINO DA COSTA, ANTÓNIO (1999). *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Oeiras: Celta.
- FIRMINO DA COSTA, ANTÓNIO (2002). Identidades Culturais urbanas em época de Globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 48: 15-30.
- FIRMINO DA COSTA, António e RIBEIRO, Manuel João E. (1989). Construção social de um objecto de reabilitação - Notas sobre o caso de Alfama. *Sociedade e Território* 10-11: 85-95.
- FISKE, S. T., Gilbert, D. T., & Lindzey, G. (Eds) (2010). *Handbook of social psychology* (5th ed.). New York, NY: Wiley.
- FLORES, Murilo. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento - Uma visão do estado da arte. Disponível em: www.rimisp.org/getdoc.php?docid=3702.
- FOMINAYA, C. F., & Cox, L. (Eds.). (2013). *Understanding European movements: new social movements, global justice struggles, anti-austerity protest*. Routledge.
- FONSECA, Maria Lucinda Fonseca e Jorge Malheiros, 2004, Immigration and Globalisation from Below: The Case of Ethnic Restaurants in Lisbon, *Finisterra*, 77, pp.129-156.
- FONSECA, Maria Lucinda, 2003. Integração dos Imigrantes: Estratégias e Protagonistas, *Actas do I Congresso Imigração em Portugal – Diversidade, Cidadania e Integração*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- FORTUNA, Carlos. 2012. *(Micro)territorialidades: Metáfora dissidente do social*. Terra Plural, Ponta Grossa, PR, UEPG, v. 6, n. 2, p. 199-214, jul./dez.
- FOUCAULT, Michel. 1992, *Genealogia del racismo*. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta.
- FOUCAULT, Michel. 1984. Sobre a geografia. In: *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- FOURIER, M., e Vermès, G. (1994). *Ethnicisation des rapports sociaux. Racismes, nationalismes, ethnicismes et culturalismes*. Paris: Éditions L'Harmattan.
- FOWLER, P. J. (2003). *World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002*. Paris: UNESCO World Heritage Centre.
- FRANÇA, L. (1993). *Portugal: Valores europeus, identidade cultural*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- FRANCH BENAVENT, R. (2015). Inmigración extranjera y reacciones de xenofobia a finales del Antiguo Régimen: algunas consideraciones sobre su incidencia en los casos de Valencia y Alicante. *Saitabi*. <https://ojs.uv.es/index.php/saitabi/article/viewFile/6177/5934>.
- FRANK, J. and Boli, Frank J. and John (2012). *The Globalization Reader* (4th ed.). John Wiley & Sons, Ltd.
- FRAZIER, E. Franklin, 1957; *Race and Culture Contacts in the Modern World*, Alfred A. Knopf, New York.
- FREDRICKSON, G. M. 2002. *Racism: a short history*. Princeton: University.
- FREIRE, Madalena. 1992. O Que é um Grupo? In: GROSSI, E.P e BORDIN, J. (org.) *Paixão de Aprender*. 2ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- FREITAS, C. L. (2014). Uso Terapêutico e Religioso das Ervas. *Caminhos*, 12(1), 79-92. <http://revistas.ucg.br/index.php/caminhos/article/view/3032/1837>.
- FREMONT, Armand. 1980. *A região, espaço vivido*. Lisboa: Almedina.
- FREYRE, G. (1933). *Casa Grande e Senzala*. Lisboa: Livros do Brasil.
- FREYRE, G. (1940). *O mundo que o português criou*. Lisboa: Livros do Brasil.
- FROELICH, José Marcos (2003): "A (re)construção de identidades e tradições: o rural como tema e cenário", *Revista Antropológica*, nº 14, pp.117-132.
- FROELICH, J. M. & ALVES, H. F. I. 2007. Novas identidades, novos territórios – mobilizando os recursos culturais para o desenvolvimento territorial. In: *Extensão Rural*. Santa Maria: DEAER/PPGExR – CCR – UFSM; Ano XIV, Jan – Dez; pp.65-90. Disponível em <http://w3.ufsm.br/extensaorural/art3ed14.pdf>. Consultado em 15 de dezembro de 2010.
- FUKS, B. B. (2000). *Freud e a judeidade, a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Zahar.

- FUKS, B. B. (2006). Moisés e o monoteísmo: um estudo sobre a intolerância. *Trabalho apresentado no I Simpósio Sobre Intolerância. Laboratório de Estudos sobre a Intolerância*, USP, São Paulo, SP.
- FUKS, B. B. (2007). O pensamento Freudiano sobre a intolerância. <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/05.pdf>.
- GAERTNER, S. L.; DOVIDIO, J. F. 1986. The aversive form of racism. In: DOVIDIO, J. F.; GAERTNER, S. (Ed.). *Prejudice, discrimination, and racism*. Nova Iorque: Academic, p. 61-89.
- GALHOZ, Maria Aliete Dore, 1987, *Romanceiro Popular Português. I – Romances Tradicionais*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Geográficos.
- GALHOZ, Maria Aliete Dore, 1988. *Romanceiro Popular Português. II – Romances Religiosos e Orações Narrativas. Romances Vulgares e Cantigas Narrativas*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Geográficos.
- GALISSOT, R. (1991). Qu'est-ce qu'une minorité? *Sciences Humaines*, 3, 19-21.
- GALTUNG, JOHAN, 1976, «Social Position and the Image of the Future», en H. ORNAUER et al. (eds.), *Images of the World in the Year 2000*. Paris: Mouton.
- GARCÍA CASTAÑÓN, F.Javier; Rafael Pulido y Angel Montes del Castillo (1998), “La educación multicultural y el concepto de cultura”, en *Revista de Educación Bilingüe Intercultural*, Organización de Estados Iberoamericanos, (<http://www.oei.org.com>).
- GAY, Paul du (ed.), 2000. *Identity: A Reader*, Sage Publications, London-Thousand OaksNew Delhi.
- GEERTZ, Clifford (1996), *Los usos de la diversidad*, Barcelona: Paidós.
- GEIGER, Pedro P., 1994, “Desterritorialização e Espacialização”, In: SANTOS, Milton; Souza, Maria Adélia Aparecida de & SILVEIRA, Maria Laura (org.). *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo, Hucitec-ANPUR, pp. 233-246.
- GERSTNER, L. O. (2015). La estigmatización del inmigrante. xenofobia literaria a finales del siglo xix en Argentina. <http://rephip.unr.edu.ar/handle/2133/4641>.
- GIBSON, C. C. et. al. (2000) The concept of scale and the human dimensions of global change: a survey (Analysis). *Ecological Economics* 32: 217–239 p.
- GIDDENS, A. 1991. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Hucitec.
- GIDDENS, A. 2002. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GIMENES, Bruno J. 2010. *Fitoenergética: a energia das plantas no equilíbrio da alma*. 4a edição. Nova Petrópolis: Luz da Serra Editora.
- GOFFMAN, E. (1959/1989). *A representação do eu na vida quotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, Erving (1998), *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 4ª ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara.
- GOMES, P.C.C. O Conceito de Região e Sua Discussão. In: C ASTRO, Iná E.; G OMES, Paulo C.C.; C GOMES, P. C. da C.; COSTA, R. H. da. 1988. O espaço da Modernidade. In: SANTOS, M. et. al. (Orgs.) *O espaço em questão*. São Paulo: Editora Marco Zero Ltda. e Associação dos Geógrafos Brasileiros. Coleção Terra Livre 5. 47-67 p.
- GOMES, P. C. C. 1995. O Conceito de Região e Sua Discussão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.C.; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- GONÇALVES, A. (1996). *Imagens e clivagens. Os residentes face aos emigrantes*. Porto: Afrontamento.
- GONZÁLEZ, M. R., & González, A. (2003). Recursos para la educación intercultural. *Educación y futuro: revista de investigación aplicada y experiencias educativas*, (8), 131-140.
- GOROSTIZA, J. M. L. (2004). Racismo, xenofobia y Estado democrático. *Eguzkilore: Cuaderno del Instituto Vasco de Criminología*, (18), 59-72.
- GRAD, H., & Sanz, A. (2008). La contribución de valores, nacionalismo étnico e identidad comparativa a la xenofobia: Un estudio intercultural. *Revista de Psicología Social*, 23(3), 315-327.
- GRINÁN, P. B. (1997), 1997. *Extranjería, racismo y xenofobia en la España contemporánea: la evolución de los setenta a los noventa* Madrid : Siglo XXI de España.
- GUATTARI, Félix. 1985, Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. *Espaço & debates*. n.16, v. 5,p. 109-120.
- GUBERT, Paulo, G. 2012. *Alteridade e Reconhecimento mútuo em Paul Ricoeur*. Dissertação (Mestrado).
- GUERREIRO, Sara. 2005. *As Fronteiras da Tolerância Liberdade religiosa e proselitismo na Convenção Europeia dos Direitos do Homem*. Coimbra: Almedina.
- GUICHOT, Reina, Virginia (2002), “Identidad, ciudadanía y educación: del multiculturalismo a la interculturalidad”, en *Cuestiones Pedagógicas: Revista de Ciencias de la Educación*, núm. 16.
- GUIGOU, Jean-Louis. 1995. *Une ambition pour le territoire. Aménager le temps et l'espace*. Paris, l'Aube/Datar.
- GUILLAUMIN, C. (1972). *L'idéologie raciste: Genèse et langage actuel*. Paris: Mouton.
- GUILLAUMIN, C. (1992). *Sexe, Race et Pratique du Pouvoir: L'idée de Nature*. Paris: Côté-femmes.

- GUNDARA, J. S. (1998). Interculturalidad y xenofobia en la Europa multicultural. In *La educación intercultural en Europa: un enfoque curricular* (pp. 93-104). Ediciones Pomares-Corredor.
- GUPTA, Akhil e James Ferguson, (1992), "Beyond 'Culture': Space, Identity, and the Politics of Difference", *Cultural Anthropology*, v. 7, n. 1 pp. 6-23.
- GUSMÃO, N. M. M. (1999). Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), 107 (jul.), 41-77.
- GUSMÃO Neusa Maria Mendes de, 2005; *Os filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- HAASE, V. G., Pinheiro-Chagas, P., & Arantes, É. A. (2009). A natureza e a criação da xenofobia: uma perspectiva da neurociência cognitiva social. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 2(2), 53-66. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-82202009000200002&script=sci_arttext.
- HABERMAS, Jürgen, 2002. *A inclusão do outro: estudos de teoria política. Tradução de George Sperber e Paulo Astar Soethe*. São Paulo: Loyola.
- HAESBAERT, Rogério. 1988. *Latifúndio e Identidade Regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto Editora.
- HAESBART, Rogério 1994. O mito da desterritorialização e as "regiões-rede". *Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia*. Curitiba: AGB, pp. 206-214.
- HAESBAERT, Rogério. 1997. *Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no nordeste*. Niterói: EdUFF.
- HAESBAERT, Rogério. 1995. *"Gaúchos" no Nordeste: modernidade, des-territorialização e identidade*. Tese de Doutorado em Geografia. São Paulo: FFLCH-USP.
- HAESBAERT, Rogério. 1997. *Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste*. Niterói: EDUFF.
- HAESBAERT, Rogério. 1998, A noção de rede regional: reflexões a partir da migração "gaúcha" no Brasil. *Revista Território*, ano III, nº 4, jan./jun. pp. 55-71.
- HAESBAERT, Rogério, 1998a. Região e redes transfronteiras em áreas de migração brasileira nos vizinhos de Mercosul. In: STROHAECKER, T. M. et al. (Orgs.). *Fronteiras e Espaço Global*. Porto Alegre, AGB (Seção Porto Alegre), pp. 59-68.
- HAESBAERT, Rogério. 1999. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z. CORRÊA, R. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 169-190.
- HAESBAERT, Rogério. 1999a, A desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E., et al., *Geografia: Conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 165-206.
- HAESBAERT, Rogério. Região, 1999b. *Diversidade Territorial e Globalização*. Niterói: DE GEO/UFF.
- HAESBART, Rogério 2001. Da desterritorialização à multi-territorialidade. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR*. Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR.
- HAESBAERT, Rogério. & BÁRBARA, Marcelo de Jesus Santa. 2001a. Identidade e Migração em áreas Transfronteiras. *Geographia*, Niterói, v. 5, pp. 45-65.
- HAESBAERT, Rogério. 2001b. Território, Cultura e Des-territorialização. In: ROSENDHAL, Z. CORRÊA, R. (Orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 115-144.
- HAESBART, Rogério (2002). Concepções de território para entender a desterritorialização. SANTOS, M. et al. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*, 2, 43-70.
- HAESBART, Rogério 2002a. A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda. *Terra Livre* n. 7. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros.
- HAESBART, Rogério 2002b. *Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: Lopes, L. e Bastos, L. (org.) Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras.
- HAESBART, Rogério, 2002c. *Territórios alternativos*. Niterói: edUFF; São Paulo: CONTEXTO.
- HAESBART, Rogério e Glauco Bruce. 2002c. "A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari." *GEOgraphia* 4(7). <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/74/72>.
- HAESBAERT, Rogério; RAMOS, Marina T. 2004. O mito da desterritorialização econômica. *Geographia*, ano 6, n. 12, p. 25-48.
- HAESBAERT, Rogério. 2004a, Desterritorialização, multiterritorialidade e regionalização. In LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério e MOREIRA, Ruy (org's). *Brasil século XXI por uma nova regionalização – agentes, processos e escalas*. São Paulo: Max Lomonad, p.173-193.
- HAESBART, Rogério (2004b). Definindo território para entender a desterritorialização. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertoud Brasil.
- HAESBART, Rogério (2004c). Desterritorialização, multiterritorialidade e regionalização. *Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial*, 4.
- HAESBART, Rogério (2004d). *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HAESBAERT, Rogério. 2005. Da Desterritorialização a Mutiterritorialidade. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de – Universidade de São Paulo*.
- HAESBAERT, Rogério. 2005a, Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. São Paulo: Universidade de São Paulo, pp. 6774- 6792.

- HAESBAERT, Rogério. 2005b, Migração e Desterritorialização. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, pp. 35-46.
- HAESBAERT, Rogério. 2005c. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. *Anais da Oficina sobre a Política Nacional de Ordenamento Territorial*, Brasília, 13-14 de novembro de 2003 / Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional (SDR). – Brasília: MI.
- HAESBART, Rogério (2005b). Migração e desterritorialização. *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 35-46.
- HAESBART, Rogério, 2006, *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HAESBAERT, Rogério. 2006a. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton et al. *Território, Territórios*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HAESBAERT, Rogério. 2006b, Questões sobre a (Pós) modernidade. In: HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, p. 51-76.
- HAESBAERT, Rogério. 2006c. *Territórios Alternativos*. 2 ed. São Paulo: Contexto.
- HAESBAERT, Rogério. PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. 2006d. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP.
- HAESBART, R. 2007. Território e Multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, ano IX, n.17, p.19-46.
- HAESBAERT, Rogério. 2007a, Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. de. HAESBAERT, R. (Org.). *Identidade territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, pp. 33-56.
- HAESBART, Rogério, (2013). Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais: Encontros Nacionais da ANPUR*, 9.
- HAESBART, Rogério. 2013a. Identidades territoriais. In: ROSENDAL, Zeny.(Orgs) *Geografia cultural: uma ontologia*, volume III RIO DE Janeiro: EdUERJ.
- HALBWACHS, M. (1925/1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.
- HALBWACHS, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- HALL, EDWARD T. (1968). Proxemics. Em S.M. Low, et al. (Eds.), *The anthropology of space and place: locating culture* (51-73). Malden USA, Oxford UK, Victoria Australia: Blackwell Publications.
- HALL, S. (1995). The Whites of their eyes: racist ideologies and the media. In G. Dines, e J. M. Humez (Eds.). *Gender, Race and Class in Media: A Text-Reader* (pp.18-27). Londres: Sage.
- HALL, Stuart. 2001. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALL, S. 2007. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T., *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- HAMILTON, D. L. (1979). A cognitive-attributional analysis of stereotyping. In L. Berkowitz (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 12. New York: Academic Press.
- HAMILTON, D. L. (Ed.). (1981). *Cognitive Processes in Stereotyping and Intergroup Behavior*. Hillsdale: Erlbaum.
- HAMILTON, D., e Sherman, S. (1996). Perceiving persons and groups. *Psychological Review*, 103, 336-355.
- HARDT, Michael; Negri, Antonio (2004), *Império*, trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editora Livros do Brasil.
- HART, William D. (2002), “Slavoj Žižek and the Imperial/Colonial Model of Religion”, *Nepantla: Views from the South* 3(3), 553-578.
- HARVEY, David. 2005. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. 2004, Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In RIBAS, Alexandre D.; SPOSITO, Eliseu S. e SAQUET, Marcos A. (org's). *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Edunioeste, p.37-66.
- HÉRITIER, Françoise, 1997, “O Eu, O Outro e A Tolerância” in *Uma mesma ética para todos?*, Lisboa, Instituto Piaget : 111-119.
- HÉRITIER, Françoise. 1998. O Eu, o Outro e a intolerância. In: DUCROCQ, Françoise Barret. *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, P. 24-27.
- HÉRITIER, F. (2000). O Eu, o Outro e a intolerância. *A intolerância. Fórum Internacional sobre a Intolerância* (1997: Paris, França). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HERRANZ DE RAFAEL GONZALO, *Xenofobia y Multiculturalidad*, Ed. Tirant lo Blanch, Valencia, 2008.
- HEWSTONE, M., e Brown, R. (Eds.). (1988). *Contact and Conflict in Intergroup Encounters*. Oxford: Blackwell.
- HEYD, David, 1996, *Tolerance*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press.
- HIERNAUX NICOLAS, Daniel. 1994, “Tempo, Espaço e Apropriação Social do Território: Rumo à Fragmentação da Mundialização?” In: SANTOS, Milton; SOU7.A,

- Maria Adélia Aparecida de & SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo, Hucitec-ANPUR, pp. 85-101.
- HILGERS, M., & Mangez, É. (Eds.). (2014). *Bourdieu's Theory of Social Fields: Concepts and Applications*. Routledge.
- HIRSHFELD, L. (1996). *Race in the Making: Cognition, Culture, and the Child's Construction of Human Kinds*. Cambridge, MT: Massachussets Institute of Technology Press.
- HIRSCH, E. (1995), "Introduction: Landscape: between place and space", in E. Hirsch & M. O'Hanlon, *The anthropology of landscape: perspectives on place and space*, Oxford, Clarendon Press, pp. 1-30.
- HOBSON, J. A. 1965. *Imperialism*, Ann Arbor, Toronto,;.
- HOFBAUER Andreas, 2006. "Ações afirmativas e o debate sobre racismo no Brasil". *Lua Nova*, n. 68, pp. 9-56.
- HOFBAUER Andreas, 2006a. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*, São Paulo: Edunesp.
- HOFBAUER, A. (2011). Crioulidade versus africanidade: percepções da diferença e da desigualdade. *Afro-Ásia*, (43), 91-127.
- HOFSTADTER, Richard, 1967; *Social Darwinism in American Thought*, Beacon Press, Boston.
- HOGG, M. A., e Abrams, D. (1988). *Social Identifications: A Social Psychology of Intergroup Relations and Group Processes*. Londres: Routledge.
- HOLZER, W. (1997). Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Revista Território*, 2(3), 77-85. http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_6_holzer.pdf.
- HOLZER, W. 1999. O lugar na geografia humanista. *Território*, Rio de Janeiro, n.7, p.7-78, jul./dez.
- HONNETH, A. 2003. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34.
- HOPENHAYN, M., & BELLO, A. (2000). Tendencias generales, prioridades y obstáculos en la lucha contra el racismo, la discriminación racial, la xenofobia y las formas conexas de intolerancia. *América Latina y el Caribe.[En línea]*. CEPAL. Disponível em: <http://www.cepal.org/prensa/noticias/comunicados/0/5550/xeno.pdf>.
- HORTA, Beja "Places of Resistance. Power, Spatial Discourses and Migrant Grassroots Organizing in the Periphery of Lisbon", *City*, v. 10, n. 3 (2006), pp. 143-70;.
- HORWITZ, M., e Rabbie, J. (1982). Individuality and membership in the intergroup system. In H. Tajfel (Ed.). *Social Identity and Intergroup Relations* (pp. 241-276). Cambridge: Cambridge University Press.
- HOYOS, F. M. (2014). El discurso de la hispanofobia: racismo y xenofobia en el nacionalismo catalán. *Aportes. Revista de Historia Contemporánea*, 29(84).
- HUNTINGTON, Samuel (1993), "The Clash of Civilizations", *Foreign Affairs*, verão, 1993.
- HUNTINGTON, Samuel P. 1997. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*, trad.de M.H.C. Cortes, Objetiva, Rio de Janeiro.
- HUTNIK, N. (1991). *Ethnic minority identity: A social psychological perspective*. Oxford Oxford: Clarendon Press.
- IANNI, O. (2004). Dialética das relações raciais. *Estudos avançados*, 18(50), 21-30. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100003&script=sci_arttext.
- IBARRA, E. (2010). Xenofobia en tiempos de crisis. *Cuadernos de análisis*, (39), 5-8.
- IGLESIAS CASAL, Isabel (1998), "Comunicación intercultural y enseñanza de lenguas extranjeras: hacia la superación del etnocentrismo", en Caramés Lage, José Luis et al. [coords.], *El discurso artístico norte y sur: eurocentrismo y transculturalismos*, vol. 2, tomo 13.
- INGLEHART, R., 1997. *Modernization and Post-modernization*, Princeton: Princeton University Press.
- INGLEHART, Ronald, 1977. *The Silent Revolution*. N.J.: Princeton University Press.
- IOÉ (1995), *Discurso de los españoles sobre los extranjeros. Paradojas de la alteridad*, Colección Opiniones y Actitudes, núm. 8, Madrid: CIS.
- JACKSON, J. S., Brown, K. T., e Kirby, D. C. (1998). International perspectives on prejudice and racism. In L. E. Eberhardt, e S. T. Fiske (Eds.). *Confronting Racism: The Problem and the Response*. Thousand Oaks: Sage. p. 101-135.
- JACKSON, John Brinckerhoff (1994). *A sense of place, a sense of time*. New Haven/ London : Yale University Press.
- JAGUARIBE, H. (2008). Nação e nacionalismo no século XXI. *Estudos Avançados*, 22(62), 275-279.
- JANET, P. 1929. *L'évolution psychologique de la personnalité*. Paris: Ed. A. Chahine.
- JENNESS, D. 2001. Origins of the myth of race. In: CASHMORE, E.; JENNINGS, J. (Ed.). *Racism: essential readings*. Thousand Oaks: Sage, p. 304-310.
- JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. (2006) *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância*. São Paulo: Editora da UNESP.
- JODELET, D. (1989). Les Représentations sociales: un domaine en expansion. In: D. Jodelet (ed.), *Les représentations Sociales*, Paris, PUF.

- JODELET, D. (1998). A alteridade como processo e produto psicossocial. Em A. Arruda (Org.), *Representando a alteridade* (pp. 47-67). Petrópolis, RJ: Vozes. .
- JOHNSON, P. E. (2004). *Ciência, intolerância e fé: a cunha da verdade: rompendo os fundamentos do naturalismo*. Tradução: Elizabeth Gomes. Viçosa: Ultimato, MG.
- JOHNSTON, Ronald John (1991). *A question of place: exploring the practice of IUI/IJallgeography*. Oxford/ Cambridge : Blackwell Publishers.
- JONES, Frank y Philip Smith (2001), "Diversity and Commonality in National Identities: An Exploratory Analysis of Cross-National Patterns", en *Journal of Sociology*, vol. 37, núm. 1.
- JONES, J. M. 1972. *Prejudice and racism*. New York: McGraw-Hill.
- JONES, William R. (1998), *Is God a White Racist?: A Preamble to Black Theology*. Boston: Beacon Press.
- JORGE, V. O. (1998). Racismo, xenofobia, outras formas de discriminação – não podemos ser indiferentes, temos o dever de intervir. In H. G. de Araújo, P. M. Santos, e P. C. Seixas (Coords). *Nós e os Outros: A exclusão social em Portugal e na Europa* (pp. 11-14). Porto: S.P.A.E.
- JOVCHELOVITCH, S. 1998. Re(des)cobrimdo o Outro: Para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais.(pp. 69-82) In A. ARRUDA (Ed) *Representando a Alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- JÚNIOR, A. D. R. (2006). Da Europa dos mercados à Europa das prisões quando terrorismo, xenofobia e paranóia tentam entrar no direito da União Européia. *Seqüência: Estudos Jurídicos e Políticos*, 27(53), 173-196.
- JÚNIOR, D. M. D. A. (2008). O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *FRONTEIRAS Revista de História*, 10(17), 55-67. <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/62/72>.
- JUNQUERA, C. (1985). La antropología frente a dos realidades histórico-sociales: el racismo y la xenofobia. *Cuadernos de realidades sociales*, (25), 49-68.
- KASHIMA, E. S., & Kashima, Y. (1993). Perceptions of general variability of social groups. *Social Cognition*, 11, 1-21.
- KATZ, D., e Braly, K. W. (1935). Racial prejudice and racial stereotypes. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 30, 175-193.
- KAWAUCHE, Thomaz. (2010). "Tolerância e intolerância em Rousseau". *O outro como problema: o surgimento da tolerância na modernidade*. São Paulo: Alameda.
- KEGLER, J. Q. D. S., FROELICH, J. M., VENDRUSCOLO, R., MACIEL, C. R., & LOUZADA, J. A., sd, *Identidade territorial e representação social: a percepção do público da Mostra Gastronômica da Quarta Colônia/RS/Brasil sobre o território*, Disponível em: <http://www.catedrapanaia.com.ar/augm/MV.38.doc>.
- KELLNER, D. (1995). Cultural studies, multiculturalism and media culture. In G. Dines, e J. M. Humez (Ed). *Gender, race and class in media: A text-reader* (pp. 5-17). Londres: Sage.
- KINTZLER, Catherine. 2005. *Tolerancia y laicismo*. Trad. de María Elena Ladd. Buenos Aires: Ediciones del signo.
- Kirsten Jacobson (2009). *A Developed Nature: A Phenomenological Account of the Experience of Home*. *Continental Philosophy Review* 42 (3):355-373.
- KLEIN, G. (1989). 'Language policy during the fascist period: the case of language education'. In Wodak, R. (Org.) (1989). *Language, Power and Ideology: Studies in Political Discourse*. Amsterdam: John Benjamins. pp.39-56.
- KLEIN, Jill G. y Richard Ettenson (1999), "Consumer animosity and consumer ethnocentrism: An analysis of unique antecedent", em *Journal of International Consumer Marketing*, 11:4.
- KLEINPENNING, G., e Hagendoorn, L. (1993). Forms of racism and the cumulative dimension of ethnic attitudes. *Social Psychology Quarterly*, 56, 21-36.
- KOVEL, I. (1970). *White racism: A psychohistory*. Nova Iorque: Pantheon.
- KRASE, Jerome. (2004a). *Navigating Ethnic Vernacular Landscapes* Disponível em: http://www.brooklyn-soc.org/docs/Krase_NavigatingEthnicVernacularLandscapes.pdf.
- KRASE, Jerome. (2004b). Seeing Community in a Multicultural Society: Theory and Practice. Em M. Mesiaë (Ed.), *Perspectives of Multiculturalism - Western and Transitional Countries* (151-177). Zagreb: Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb.
- KRASE, Jerome. (2009). A Visual Approach to Multiculturalism. Em G.B. Prato, et al. (Eds.), *Beyond Multiculturalism: Views from Anthropology* (21-38). Surrey: Ashgate Publishing Limited.
- KRETSEDEMAS, P., Capetillo-Ponce, J., & Jacobs, G. (2013). *Migrant marginality: a transnational perspective* (Vol. 98). Routledge.
- KRISTEVA, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*, Rio de Janeiro: Rocco.
- KRUEGER, J. (1996). Personal beliefs and cultural stereotypes about racial characteristics. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 536-548.
- KRYSAN, M. (1998): «Privacy and the expression of white racial attitudes. A comparison across three contexts».

- ts». *Public Opinion Quarterly*, 62: 506-544.
- Kwame Anthony Appiah (1997). Identity: Political Not Cultural. In Marjorie Garber, Rebecca L. Walkowitz & Paul B. Franklin (eds.), *Field Word: Sites in Literary and Cultural Studies*. Routledge 34-40.
- LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia. 2005. *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado das Letras; Fapesp.
- LACOSTE, Y. 1981. "Geografia". In: CHÂTELET, François (Org) *A Filosofia das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 221-274.
- LACOSTE, Y. 1984. "Le passé des territoires". *Herodote* (Paris), n. 74, 3º trimestre, p.3-5.
- LAFER, Celso. 1988. *A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LAGES, M., Policarpo, V., Marques, J. C., Matos, P., & António, J. (2006). *Os imigrantes e a população portuguesa - imagens recíprocas*. Lisboa: ACIME.
- LAGES, Mário e Verónica Policarpo, 2005. *Atitudes e valores Perante a Imigração*, Lisboa, ACIME.
- LAGES, V., BRAGA, C., & MORELLI, G. (2004). *Territórios em Movimento*. Rio de Janeiro: Relume/Brasília: Sebrae.
- LANDER, Eduardo (org.) (1993), *La colonialidad del saber: Eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO.
- LANE, S. T. M. (1981). *O que é Psicologia Social: Vol. 39. Primeiros Passos*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- LANE, S. T. M e CODO, W. (orgs), 1984. *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- LANE, S. T. M. (1984a). O processo grupal. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento* (pp. 78-98). São Paulo, SP: Brasiliense.
- LARA, S. A. M. (2007). Migraciones internacionales, seguridad y xenofobia: los límites del modelo francés de integración1. *OASIS: Observatorio de Análisis de los Sistemas Internacionales*, (12), 209-227.
- LARROSA, J., LARA, N.P. (orgs.), 1998. *Imagens do outro*. Rio de Janeiro: Vozes.
- LE BERRE Maryvonne, 1992, « Territoires », dans A. Bailly, R. Ferras, D. Pumain, *Encyclopédie de la géographie*, Paris, Economica, 1132 p., p. 617-633.
- LE BOSSÉ, M. 2004, "As questões de Identidade em Geografia Cultural- algumas concepções contemporâneas". In: Corrêa, R.L. e Rosendahl, Z (orgs). *Paisagem, textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp.157-180.
- LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidades em geografia cultural – algumas concepções. In. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAL, Zeny. (Orgs) 2013. *Geografia cultural: uma ontologia*, volume III Rio de Janeiro: EdUERJ.
- LEACH, C. W., Peng, T. R., e Volckens, J. (2000). Is racism dead? Comparing (expressive) means and (structural equation) models. *European Journal of Social Psychology*, 39, 449-465.
- LEFEBVRE, Henri. ([1974] 2000), *La production de l'espace*. Paris, Anthropos.
- LEFEBVRE, Henri. [1974] (1991). *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publishing.
- LEISS, William. 1972. *The Dominations of Nature*. New York, G. Braziller.
- LEITE, A. F. (1998). O lugar: duas acepções geográficas. *Anuário do Instituto de Geociências*, 21, 09-20.
- LEITE, C. (1998). *Eva, depois do paraíso: Modos de habitar e identidade no percurso migratório*. Tese de Doutorado. Braga: Universidade do Minho.
- LEITE, G., & Fadaká, O. (2001). Minorias étnicas religiosas e lingüísticas. In *Anais de Seminários Regionais Preparatórios para Conferência Mundial contra racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata*. Brasília: Ministério da Justiça/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos(pp. 277-294).
- LEITE, M. Q. (2012). *Preconceito e intolerância na linguagem*. Editora Contexto.
- LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. 1994. *Destruição e Desconstrução? Questões da Paisagem e Tendências de Regionalização*. São Paulo, Hucitec/FAPESP.
- LEJEUNE, Philippe, 1980. *Je Est un Autre*, Éditions du Seuil, Paris.
- LEMAINE, G., e Ben Brika, J. (1988). Racisme et descendance. *Information sur les Sciences Sociales*, 27(2), 237-264.
- LEMAINE, G., e Ben Brika, J. (1994). Le rejet de l'autre: putré, descendance, valeurs. In M. Fourier e G. Vermès (Orgs.), *Ethnicisation des rapports sociaux. Racismes, nationalismes, ethnicismes et culturalismes* (pp. 196-235). Paris: L'Harmattan.
- LEONHARDT, R. R. 2004. Pessoaalidade e alteridade em Paul Ricoeur. *Analecta, Guarapuava*, v.5, n. 2, p. 43-57, jul/dez.
- LEONHARDT, Ruth Rieth, 2007. As Reflexões éticas de Paul Ricoeur. *Revista Analecta, Guarapuava* v.7 nº2 p.61-76 jul/dez.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1977. *L'identité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1983/1986). *O Olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70.
- LEVINAS, Emmanuel. 1980. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
- LEVINAS, Emmanuel. 1993. *Humanismo do outro homem*.

- Petrópolis: Vozes.
- LEVINAS, Emmanuel. (1994). *Dios, la muerte y el tiempo*. Madri: Colección Teorema.
- LEVINAS, Emmanuel. (1997). *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes.
- LEVINE, R. A. (1972). *Ethnocentrism: Theories of Conflict, Ethnic Attitudes and Group Behavior*. Nova Iorque: Wiley.
- LEVY, Jacques. 1994. *l' espace légitime, sur la dimension géographique de la fonction publique*. Paris, Prcsses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques.
- LEYENS, J.-Ph., e Désert, M. 2003. Racismo, essencialismo e ameaça do estereótipo. In L. Lima, P. Castro e M. Garrido (Eds.). *Temas e debates em psicologia social*. Lisboa: Livros do Horizonte.
- LEYENS, J.-Ph., Yzerbyt, V., e Schadron, G. (1994). *Stereotypes and social cognition*. Londres: Sage.
- LIMA, M. E. 2002. *Normas sociais e racismo: efeitos do individualismo meritocrático e do igualitarismo na infra-humanização dos negros*. Tese (Doutoramento) - Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- LIMA, M. E. O. & VALA, J. (2004) Sucesso social, branqueamento e racismo. *Psic. Teor. Pesq.*, jan./abr., vol.20, no.1, p.11-19.
- LIPOVETSKY, Giles, 1991. "Espace privé, espace public à l' âge postmoderne" in AAVV. *Citoyenneté et urbanité*. Paris: Éditions Esprit.
- LITTLE, P. E. (2002). *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade* (No. 322). Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- LITTLE, Paul E. 1994. Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização. *Textos de História: Revista de Pós-Graduação em História UNB*, Brasília, v. 2, n. 4, p. 5-25.
- LOPES FILHO João, 2007. *Imigrantes em terra de emigrantes*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- LOPES, Baltasar, 1956. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*, Praia: Imprensa Nacional – Divisão de Propaganda.
- LOPES, J. G. 2009. *A (re) construção do território e da dignidade camponesa no assentamento Cachoeira do Fogo-Independência/CE*, Fortaleza: dissertação de mestrado apresentada ao Prodepa – UFC.
- LOPES, Paulo, 2004. *O Lugar do "Outro" nos Discursos e Ação Racistas*, Escola Superior de Educação de Beja. Disponível em: <http://pubol.ipbeja.pt>.
- LÓPEZ-PINTOR, R., & Ortega, J. I. W. (1982). La otra España. Insolidaridad e intolerancia en la tradición político-cultural española. *Reis*, 7-25. http://www.jstor.org/stable/40182907?seq=1#page_scan_tab_contents.
- LORENZI-CIOLDI, F. (1988) *Individus Dominantes et Groups Domines*. Grenoble: Presses Universitaires.
- LORENZI-CIOLDI, F. (1991). Self-stereotyping and self-enhancement in gender groups. *European Journal of Social Psychology*, 21,403-417.
- LORENZI-CIOLDI, F., e Doise, W. (1994). Identité sociale et identité personnelle. In R. Y. Bourhis e J.-Ph. Leyens (Eds.). *Stéréotypes, Discrimination et Relations Intergruppes* (pp. 69-96). Liège: Mardaga.
- LORENZI-CIOLDI, F., e Dafflon, A.-C. (1999). Comment l'identité et le statut sont étudiés en psychologie sociale. In J.-C. Deschamps, J.-F. Morales, D. Páez, e S. Worchel (Eds.). *L'identité social: La construction de l'individu dans les relations entre groupes* (pp.215-234). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- LORENZI-CIOLDI, F. (2002). *Les Représentations des groupes dominants et dominés* Collections et agrégats. Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.
- LORENZI, Harri. 2001. *Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras*. 3a edição Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum.
- LORENZI, Harri et al. 2003. *Árvores exóticas no Brasil: madeiras, ornamentais e aromáticas*. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum.
- LORENZI, Harri e MATOS, Francisco José de Abreu. 2008. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2a edição. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum.
- LOSURDO, Domenico, 1999. Os intelectuais e o conflito: responsabilidade e consciência histórica. In: BAS-TOS, Elide Rugai & RÊGO, Walkiria Leão (orgs.). *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'Água.
- LOWENTHAL, David. "Past Time, Present Place: Landscape and Memory". *The Geographical Review* 1, vol. LXV, Jan. 1975.
- LOW, Setha M., 1996 "Spatializing Culture: The Social Production and Social Construction of Public Space," *American Ethnologist* 23(4): 861-879.
- LOW, Setha M., 2000, *On the Plaza: The Politics of Public Space and Culture*. Austin: University of Texas Press.
- LOW, Setha M., 2003, *The Anthropology of Space and Place: Locating Culture*, [with co-author Denise Lawrence-Zuñiga]. Oxford: Blackwell.
- LUCAS, J. D. (1991). Xenofobia y racismo en Europa. *Claves de razón práctica*, (13), 14-27.
- LYMAN STANFORD M., Marvin B. Scott, 1967, «Territoriality: a neglected sociological dimension», *Social problems*, vol. 15, nº2, p. 236-249.

- MACHADO, Fernando Luís, (1992). Etnicidade em Portugal: Contrastes e politização. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 12, 123-136.
- MACHADO, Fernando Luís, (1994). Imigração, etnicidade e minorias étnicas em Portugal. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 16, 187-192.
- MACHADO, Fernando Luís, (1994a). Luso-africanos em Portugal: Nas margens da etnicidade. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 16, 111-134.
- MACHADO, Fernando Luís, (1997). Contornos e especificidades da imigração em Portugal. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 24, 9-44.
- MACHADO, Fernando Luís, (1999). Imigrantes e estrutura social. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 29, 51-76.
- MACHADO, Fernando Luís, (2001). Contextos e percepções de racismo no quotidiano. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 36, 53-80.
- MACHADO, Fernando Luís, e Ana Raquel Matias, *Bibliografia sobre Imigração e Minorias Étnicas (2000-2006)*. Disponível em <http://www.gulbenkian.pt/media/files/fundacao/Beneficiencia/forum%20imigra%C3%A7%C3%A3o/BiblFGL.pdf>.
- MACHADO, Fernando Luís, (2000). Os novos nomes do racismo: Especificação ou inflação conceptual? *Sociologia, Problemas e Práticas*, 33, 9-44.
- MACHADO, Fernando Luís, 2002, *Contrastes e Continuidades-Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Celtas Editora, Oeiras.
- MACHADO, Fernando Luís, 2003, Imigração e Imigrantes em Portugal, Parâmetros de regulação e cenários de exclusão, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 41, pp. 183-188.
- MACHADO, Fernando Luís, 2006, “Novos portugueses? Parâmetros sociais da identidade nacional dos jovens descendentes de imigrantes africanos”, in Joana Miranda e Maria Isabel João (orgs.), *Identidades nacionais em debate*, Oeiras: Celta, pp. 19-46.
- MACHADO, Fernando Luís, 2007, “Jovens como os outros? processos e cenários de integração dos filhos de imigrantes africanos em Portugal”, in António Victorino (org.), *Imigração: oportunidade ou ameaça?*, Estoril: Príncipe.
- MACHADO, M. S. (1997). Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. *GEO UERJ*, (1).
- MACRAE, C. N., Stangor, C., e Hewstone, M. (Eds.). (1996). *Stereotypes and Stereotyping*. Nova Iorque: Guilford.
- MAFFESOLI, Michel, 2001, *Sobre o Nomadismo. Vagabundagens pósmodernas*, Rio de Janeiro, Record.
- MALDI, D. (2007). A questão da territorialidade na etnologia brasileira. *Sociedade e Cultura*, 1(1).
- MALDONADO-TORRES, N. (2008). A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista crítica de ciencias sociais*, (80), 71-114.
- MALGESINI, Graciela y Carlos Giménez (2000), *Guía de conceptos sobre migraciones, racismo e interculturalidad*, Madrid: La Catarata (Asociación Los Libros de la Catarata).
- MALMBERG, Torsten. 1980. *Human territoriality: Survey of behavioral territories in man with preliminary analysis and discussion of meaning*. Haia: Mouton.
- MALPAS, J. E. (1999). *Place and experience: a philosophical topography*: Cambridge: Cambridge University Press.
- MARCONDES, I. L. (2008). *Os consultórios gramaticais: um estudo de preconceito e intolerância linguísticos*. Master's Dissertation, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo. Retrieved 2015-09-11, <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-25092008-112643/>.
- MARGER, M. N. (1991). *Race and Ethnic Relations* (2.^a ed.). Belmont, CA: Wadsworth.
- MARQUES, J. F. (1997). Ainda podemos falar de ‘raças’? A ‘raça’ enquanto conceito sociológico. In M. Silva, F. Reis, J. A. Silva, e I. Meneses (Orgs.). *O que é a Raça? Um debate entre Antropologia e Biologia* (pp. 65-70). Lisboa: Oikos.
- MARQUES, J. F. (2000). O neo-racismo europeu e as responsabilidades da Antropologia. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 56, 35-60.
- MARQUES, J. F., 2007, *Do ‘não racismo’ português aos dois racismos dos portugueses*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- MARSDEN, Terry; MURDOCH, Jonathan; LOWE, Philip; MUNTUN, Richard E FLYNN, Andrew.1993. *Constructing the Countryside*. Londres: University College London.
- MARTÍN ROJO, L., Gómez Esteban, C., Arranz, F., & Gabilondo, A. (1994). *Hablar y dejar hablar. Sobre racismo y xenofobia*. Madrid: Ediciones de la UAM.
- MARTÍN-BARÓ, I. (1989). *Sistema, grupo y poder*. San Salvador: UCA.
- MARTINS, H. (1998). *Classe, status e poder e outros ensaios sobre o Portugal contemporâneo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- MARTINS, M. G. (1996). Migrações internacionais e aumento do racismo e da xenofobia na União Europeia. *Africana*, (16), 75-91.
- MARTINS, M. G. (2002). Imigrações, racismo e xenofobia em Portugal (1974-2002). *Africana*, (25), 71-90.
- MARTINS, M. L. (1996). *Para uma inversa navegação. O*

- discurso da identidade*. Porto: Afrontamento.
- MARTINS, M. L. (2002). *A linguagem, a verdade e o poder. Ensaio de semiótica social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARTINS, T. R. M. (2015). UMa abordagem sobre: cultura, modernidade, globalização e identidade. *Revista Visão Universitária*, 1(1). <http://www.visaouniversitaria.com.br/ojs/index.php/home/article/view/50/27>.
- MARUGÁN, N. (2012). La lucha contra el racismo, la xenofobia y formas conexas de intolerancia y discriminación. In *La hora de la integración* (pp. 188-213). Bellaterra.
- MARX, Karl, 1969, *A questão judaica*, trad. de Wladimir Gomde, Laemmert, Rio de Janeiro.
- MASSEY, D. 2008, Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MASSEY, Doreen B. 2000, Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). *O espaço da diferença*. SP: Papirus, pp. 176-185.
- MATIAS, A. (2007). *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa. Interação multissecular via Macau*. Lisboa, ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1270>.
- MATOS Patrícia Ferraz de, 2008, *Discursos e Saberes sobre "Raça": Bibliografia Portuguesa (1870-1970)*. Lisboa, ACIDI (base de dados encontra-se disponível para consulta em <http://www.ceasiscte.org/projra-ca.asp>).
- MATOS Patrícia Ferraz de, 2006; *As côres do Império. Representações raciais no Império Colonial Português*, Lisboa: ICS.
- MATTOSO, J. (1998). *A identidade nacional*. Lisboa: Gradi-va / Fundação Mário Soares.
- MAYNARD, Dilton. 2012, *História, neofascismos e intolerância: reflexões sobre o tempo presente*. São Cristóvão/rio de Janeiro: Edufs/Luminárias.
- MCCONAHAY, J. B. (1986). Modern racism, ambivalence, and the modern racism scale. In J. F. Dovidio, & S. L. Gaerner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism: Theory and research* (pp. 61-89). Orlando, FL: Academic Press.
- MCCONAHAY, J., e Hough, J. C. (1976). Symbolic racism. *Journal of Social Issues*, 32, 23-45.
- MCCONAHAY, J. B. 1986. Modern racism, ambivalence, and the modern racism scale. In: DOVIDIO, J. F.; GAERTNER, S. L. (Ed.). *Prejudice, discrimination, and racism*. Nova Iorque: Academic, p. 91-125.
- MCGARRY John e Bredan O' Leary (orgs.), *The Politics of Ethnic Conflict Regulation*, Routledge, London, 1993;.
- MEDEIROS, R. M. V. (2009). *Território, espaço de identidade. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular.
- MEERTENS, R., e Pettigrew, T. F. (1999). Será o racismo subtil mesmo racismo?. In J. Vala, (Coord.). *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas* (pp. 11-30). Oeiras: Celta.
- MEINTEL, Deirdre, 1984. *Race, Culture, and Portuguese Colonialism in Cabo Verde*, New York: Syracuse University Press.
- MEMMI, Albert 1966; *Portrait du colonise*, Jean-Jacques Pauvert Éditeur, Utrecht.
- MEMMI, A. (1993). *O racismo*. Lisboa: Caminho.
- MENDES, José Sacchetta Ramos. 2011. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)*. Editora da Universidade de São Paulo.
- MENDES, Maria Manuela. (2012), "Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo". *Sociologia*, número temático, pp. 15-41.
- MEREU, I. (2003). *Historia de la intolerancia en Europa*. Editorial Paidós.
- MESSICK, D. M., & Mackie, D. M. (1989). Intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 40,45-8 1.
- MIGNOLO, Walter (2000), *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- MIGNOLO, Walter (2003), "Os esplendores e as misérias da 'ciência': Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica", in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências* revistado. Porto: Edições Afrontamento.
- MILES, R. (1989/1995). *Racism*. Nova Iorque: Routledge.
- MIRANDA, C. 1998. *Identidade: síntese das múltiplas identificações*. São Paulo: Cabral Editora Universitária, .
- MIRANDA, J. C. (1994). *Os estereótipos que os "portugueses" desenvolvem sobre os grupos étnicos residentes em Portugal*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- MIRANDA, J. C. (2001). *A identidade nacional. Do mito ao sentido estratégico*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta.
- MIRANDA, Joana Catarina Tarelho de, 1994. *Grupos Étnicos em Portugal. Os Estereótipos dos "Portugueses"*, Dissertação de Mestrado em Relações Inter-culturais, Universidade Aberta, Lisboa.
- MIRANDA, Joana Catarina Tarelho de, 2002, *A Identidade Nacional do Mito ao Sentido Estratégico*, Universidade Aberta, Celta editora, Oeiras.

- MIRANDA, Joana Catarina Tarelho de, 2005, *Os Imigrantes Chineses em Portugal*, <http://ooutrochines.no.sapo.pt>, Abril.
- Miranda, Joana. (2006). Portugueses Face a Espanhóis, Americanos e Cabo-Verdianos, em Portugal: Distância Social, Estereótipos e Predisposição para a Mudança Atitudinal. *Psicologia*, 20(2), 167-186. Disponível: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492006000200008&lng=es&tlng=pt..
- MLINAR, Zdravko. 1990. "Territorial Identities: Between Individualization and Globalization". Em KUKLINSKI, A. (ed.). *Globality versus Locality*. Warsaw, Insriture of Space Economy-University of Warsaw.
- MOESSINGER, P. 2000. *Le jeu de l'identité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- MOLAR, Jonathan de Oliveira, *alteridade uma noção em construção*. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/493_215.pdf.
- MOLES, A., ROHMER, E. (1979): *Psychologie de l'espace*, Castermann, Tournai.
- MOLET, J. M. B., Garrido, D. L., & Castresana, R. I. (1994). *Xenofobia en Europa: instrumentos jurídicos contra el racismo*. Editorial Popular.
- MONGIN, Olivier. Paul Ricoeur, 1994. *As fronteiras da filosofia*. Ed: Instituto Piaget. Lisboa.
- MONTEIRO, M., Lima, M., e Vala, J. (1991). Identidade social. Um conceito chave ou uma panaceia universal?. *Sociologia – Problemas Práticos*, 9, 107-120.
- MONTIEL, Edgar. 2003. A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização. IN: SIDEKUM, Antônio. *Alteridade e Multiculturalismo*. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, p. 15-50.
- MONTINGELLI, D. (2011). Os perigos do Holocausto, da xenofobia, do racismo e do fundamentalismo político. *Jus Humanum: Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais*, 1(1), 180-18.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. *Ideologias geográficas*. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005;.
- MORALES, J. F. M., López, M., e Vega, L. (1999). Influence de L'individualism sur le comportement social. In J.-C. Deschamps, J.-F. Morales, D. Páez, e S. Worchel (Eds.). *L'identité social: La construction de l'individu dans les relations entre groupes* (pp. 173-184). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- MOREIRA Adriano, e José Carlos Venâncio (orgs.), 2000. *Luso-tropicalismo. Uma teoria social em questão*, Lisboa: Vega.
- MORGENSEN, Scott Lauria. 2011. *Spaces between Us: Queer Settler Colonialism and Indigenous decolonization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- MORGENSEN, Scott Lauria. 2010. Theorizing Settler Colonialism within Queer modernities. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 16(1), pp. 105-131.
- MOSCOVICI, S. (1961). *La Psychanalyse, son image et son public*. Paris: Press University de France.
- MOSCOVICI, S. (1972/1977). *A sociedade contranatura*. Amadora: Bertrand.
- MOSCOVICI, S. (1976). *Social Influence and Social Change*. Londres: Academic Press.
- MOSCOVICI, S. (1981). On social representations. In: J. P. Forgas (ed.), *Social Cognition - Perspectives on Everyday understanding*, London, Academic Press.
- MOSCOVICI, S. (1984). The phenomena of social representations. In R.M. Farr e S. Moscovici (Eds.), *Social Representations* (pp. 3-69). Cambridge: Cambridge University Press.
- MOSCOVICI, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- MOSCOVICI, S. (1989). Des représentations collectives aux Représentations Sociales. Em D. Jodelet (org.), *Les Représentations Sociales*. Paris, Press University de France.
- MOSCOVICI, S. (1998). The history and actuality of social representations. In U. Flick (Ed.). *The Psychology of the social* (pp. 209-247). Cambridge: Cambridge University Press.
- MOSCOVICI, S. (2009). Representações sociais: investigações em psicologia social. In *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Vozes.
- MOSHER, Jeffrey C. 2000, "Political Mobilization, Party Ideology, and Lusophobia in Nineteenth-Century Brazil: Pernambuco, 1822-1850" *Hispanic American Historical Review* - 80:4, November, pp. 881-912.
- MOTA, P. G. (1997). A essência da raça: variações sobre o conceito de raça. In M. Silva, F. Reis, J. A. Silva, e I. Meneses (Orgs.). *O que é a Raça? Um debate entre Antropologia e Biologia* (pp. 29-42). Lisboa: Oikos.
- MOTA, R. D. 2012, Práticas Culturais e Produção Territorial em Goiás: as ações governamentais e as transformações no espaço da festai. In: *Atas do VIII CITURDES - Turismo rural em tempos de novas ruralidades*. Atas. Chaves, 25-27, junho, 20-28.
- MOYNIHAN Daniel Patrick, 1994; *Pandemonium: Ethnicity in International Politics*, Oxford University Press Oxford.
- MUGERAUER, Robert, 1994. *Interpretations on Behalf of Place: Environmental Displacements and Alternative Responses*. Albany, New York: State University of New York Press.
- MÜLLER, Denis (1993): «Patria de los viajeros para una ética de las migraciones», *Concilium*, núm. 248, pp.

- 741-761.
- MUNANGA, K. (1990). Racismo: da desigualdade à intolerância. *São Paulo em perspectiva*, 4(2), 51-54.
- NASCIMENTO, D.E.; SOUZA, M. 2004. Valorização do terroir – uma estratégia de desenvolvimento local. In: LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G. (orgs). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Brasília: Sebrae.
- NATA, Gil, 2011, *Diferença cultural e democracia Identidade, cidadania e tolerância na relação entre maioria e minorias*, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI). Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/Tese35_WEB.pdf.
- NATÁLIO, Carlos. 2013. “Territorialização / desterritorialização: movimentos cinematográficos.” In *Atas do II Encontro Anual da AIM*, editado por Tiago Baptista e Adriana Martins, 199-211. Lisboa.
- NAVARRO DE BRITO, Luiz A. 1986. *Política e Espaço Regional*. São Paulo, Nobel.
- NETO, F. (1997). *Estudos de psicologia intercultural: Nós e os Outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- NETO, M. M. (1996). *Nós e os outros. Dinâmicas intergrupais: turismo e identidade social no Algarve*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE.
- NEVES, G. R. (1996). Territorialidade, desterritorialidade, novas territorialidades (algumas notas). SANTOS, Milton; SOUZA Maria Adélia D. de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). *Território, globalização e fragmentação*, 4.
- NEVES, Maria do Céu Patrão, 2002, “Tolerância: Entre o absolutismo e o indiferentismo morais” in *Brotéria*, Lisboa, vol. 155, nº1,: 31-39.
- NICOLÁS, J. D. (2009). Construcción de un índice de Xenofobia-Racismo. *Revista del Ministerio de Trabajo e Inmigración*, (80), 21-38.
- NOGUEIRA, Oracy, 1985, *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*, T.A. Queiroz, São Paulo.
- NORA, Pierre.1993. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v.10, p.7-28, dez.
- O’FARRELL, Pablo Badillo (org.). 2003. *Pluralismo, tolerância, multiculturalismo: Reflexiones para un mundo plural*. Madrid: Universidad Internacional de Andalucía.
- OBERAXE. Ministerio de Trabajo e Inmigración. (2008b) «Nuevos-viejos discursos ante la inmigración y su reflejo vivencial de racismo, xenofobia y xenofilia en la España inmigrante». *Migraciones*, 23: 237-277.
- OBERAXE. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. (2009) «La compleja detección del racismo y la xenofobia a través de encuesta. Un paso adelante en su medición». *R.E.I.S.*, 125: 13-45.
- OBERAXE. (2007) *Opinión de los españoles en materia de racismo y xenofobia*. Madrid. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. OBERAXE.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino, 1999. *Território e Migração: Uma Discussão Conceitual na Geografia*. São Paulo. Dep. de Geografia: USP(mimeo).
- OLIVEIRA, Aurenéa Maria de (2006), *Multiculturalismo, Pluralismo e (In) Tolerância Religiosa: o relacionamento dos espíritos pernambucanos com os adeptos de outras religiões (1990-2004)*, Recife, Tese de doutorado em Sociologia - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.
- OLIVEIRA, Aurenéa Maria de(2007), “Preconceito, Estigma e Intolerância Religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados Multiculturais”, em *Estudos de Sociologia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, v. 13, nº 1, p. 219 a 244, janeiro a junho de 2007. Disponível em <http://www.politica hoje.com/sociologia/>.
- OLIVEIRA, D. G. D. (2015). Multiculturalismo: a comunicação como ponto de encontro entre o particularismo e o universalismo. *Comunicologia-Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília*, 7(2), 247-267.
- Olwig Karen Fog (1997). Introduction and Cultural Sites: Sustaining a Home in a Deterritorialized World. In Karen Fog Olwig & Kirsten Hastrup (eds.), *Siting Culture: The Shifting Anthropological Object*. Routledge.
- OLWIG, Karen Fog. 1997. “Cultural sites: sustaining a home in a deterritorialized world”. In: *Siting Culture: the shifting anthropological object*. K.F. Olwig e K. Hastrup, eds., págs. 17-38. Londres: Routledge.
- OOMMEN, T. K. (1994). Les relations entre race, ethnicité et classe. *Revue Internationale des Sciences Sociales*, 139, 101-113.
- PACHECO FILHO, R. A. (2002). *Migração, desamparo, racismo e xenofobia. Psicanálise, cultura e migração*. São Paulo: YM.
- PACHECO, Joice Oliveira. 2004. Identidade Cultural e Alteridade: problematizações necessárias. *Revista eletrônica da UNISC*. Santa Catarina.
- PÁEZ, D., Martínez-Taboada, C., Arróspide, J. J., Insúa, P., e Ayestarán, S. (1999). Collectivisme, conscience de groupe et discriminations. In J.-C. Deschamps, J.-F. Morales, D. Páez, e S. Worchel (Eds.). *L’identité sociale: La construction de l’individu dans les relations*

- entre groupes (pp. 185-194). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- PAGANINI, N. C., & Leoni, R. A. P. *Direito internacional e imigração: a problemática da xenofobia nos países europeus* <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30956043/DireitoInternacionalMigracao.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1442739533&Signature=SW67R-QKhRX77eLu6i6DwRFIncwY%3D&response-content-disposition=inline>.
- PAJARES, M. (2005) *La integración ciudadana. Una perspectiva para la inmigración*. Barcelona. Icaria & Antrazyt.
- PANIKKAR, K.M. 1977; *A dominação ocidental na Ásia*, trad.de Nemesio Salles, 3ª ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- PARKES, Don & THRIFT, Nigel. 1980. *Time, Spaces and Places: A Chronogeographic Perspective*, Chichester/N. York/Brisbane/Toronto, John Wiley & Sons.
- PATRICE Mele. 2009, Identifier un regime de territorialite reflexive. Martin Vanier. Territoires, territorialite, territorialisation; controverses et perspectives, PUR, p. 45-55, *Espaces et territoires*. <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00189874v2/document>.
- PAULA, José Realino de; TRESVENZOL, Leonice M. F. 2001. *Introdução à fitoterapia*. Goiânia: Associação Cultural Nova Acrópole de Goiânia; Faculdade de Farmácia/UFG.
- PECQUEUR, B., 1987. *De l'espace fonctionnel à l'espace-territoire: essai sur le développement local*. Grenoble, Université des Sciences Sociales, Thèse de doctorat.
- PECQUEUR, B. 1989. *Le développement local*. Paris: Syros.
- PECQUEUR, B. 1992. Territoire, Territorialite et Développement. In: *Coloque Industrie et Territoire*, IREPD, Grenoble.
- PECQUEUR, B. 2000. Qualite et développement – L'hypothese du panier de biens. In: *Symposium sur le développement regional*. INRA-DADP. Montpellier.
- PEDONE, Claudia. 2002, El potencial del análisis de las cadenas y redes migratorias em las migraciones internacionales contemporáneas". CATAÑO, J. G; LÓPEZ, C, M. (Eds), *Actas Del III Congreso sobre la Inmigración en España. Contextos y alternativas*. Granada: Laboratórios de Estudos Interculturales, Vol. II, pp. 223-235.
- PELIZZOLI, M. L. A relação ao Outro em Husserl e Lévinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- PELLERIN, Hélène. 2010. *L'invention des catégories de la migration. Étude d'un processus social en Europe et au Canada*. Conférence. Disponível em : <http://tv.uqam.ca/?v=52574>, Acesso em: 14 de janeiro.
- PERCEVAL, J. (1995). *Nacionalismos, xenofobia, y racismo en la comunicación: Una perspectiva crítica*. Barcelona, Paidós.
- PERCEVAL, J. M. (1997). Todos son uno: arquetipos, racismo y xenofobia en la monarquía española durante los siglos XVI y XVII. *Almería, España: Instituto de Estudios Almerienses*.
- PEREA, E. A. (2005). Percepciones sobre el caudal migratorio, distancia social y xenofobia. In *España: sociedad y política en perspectiva comparada: un análisis de la primera ola de la Encuesta Social Europea* (pp. 299-315). Tirant lo Blanch.
- PEREIRA, C. R. 2007. *Preconceito, normas sociais e justificações na discriminação: o modelo da discriminação justificada*. Tese (Doutorado) - Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- PEREIRA, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial [versão electrónica]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107.
- PEREIRA, Luís. 2012, Paul Ricoeur, o caminho da sabedoria prática. *Diacrítica* [online]. vol.26, n.2 [citado 2015-09-12], pp. 470-489. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672012000200027&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0807-8967.
- PEREIRA, R. (1986). A antropologia aplicada na política colonial portuguesa do Estado Novo. *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 4/5, 191-235.
- PÉREZ YRUELA, M. y DESRUES, T. (2006) *Opinión de los españoles en materia de racismo y xenofobia*. Madrid. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.
- PETTA, G., e Walker, I. (1992). Relative deprivation and ethnic identity. *British Journal of Social Psychology*, 31, 285-293.
- PICKIES, John. 1985. *Phenomenology, Science and Geography: Spatiality and the Human Sciences*. Cambridge, Cambridge Univcrsity Press.
- PIMENTA, Alessandro. 2010. Existência, linguagem e alteridade. Um diálogo entre Sartre, Camus e Ricoeur. IN: NASCIMENTO, Daniel Arruda; PONTES, Herimátéria (orgs.). *Entrecruzamentos da linguagem: filosofia, literatura, análise do discurso e educação*. Teresina: EDUFPI.
- PINA-CABRAL, J. (1998). Racismo ou etnocentrismo. In H. G. de Araújo, P. M. Santos, e P. C. Seixas (Coords). *Nós e os Outros: A exclusão social em Portugal e na Europa* (pp. 19-26). Porto: S.P.A.E.
- PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi (org.). 2004. *Faces*

- do fanatismo. São Paulo: Contexto.
- PINSON, Daniel & Bekkar, Rabia. (1999), "Urban renewal, ethnicity and social exclusion in France". In: Khaker, Abdul, Somma, Paola & How, Thomas (eds.). *Urban renewal, ethnicity and social exclusion in Europe*. Inglaterra/Estados Unidos, Ashgate Publishing, pp. 103-125.
- PINTO DE ANDRADE, M. (1958/2000). Cultura negro-africana e assimilação. In Pires Laranjeira (Org.). (2000). *Negritude Africana de Língua portuguesa: Textos de apoio (1947-1963)* (pp. 41-48). Coimbra: Angelus Novus.
- PIPPI, Joseline. 2012, *Visibilidade midiática e relações de poder: em busca de uma identidade para o desenvolvimento*. Santa Maria, Tese de doutorado (programa de pós-graduação em extensão rural) – Universidade Federal de Santa Maria, São Maria.
- PIRES DE LIMA, (1940a) *Influência dos Mouros, Judeus e Negros na Etnografia Portuguesa*. In *Congresso Nacional de Ciências da População: Resumo das memórias e comunicações*. Porto: Comissão Executiva dos Centenários.
- PIRES DE LIMA, J. A. (1940b). *Mouros, Judeus e negros na história de Portugal*. Porto: Livraria Civilização.
- PIRES, Rui Pena, 2003. *Migrações e Integração. Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Celta Editora, Oeiras.
- PIRES, Rui Pena, 2005. As Consequências do Pseudo-Arrastão, *Boletim do ACIME*, nº 31, Julho/Agosto.
- PIVATTO, Pergentino. 2009. Ética da alteridade. In: Oliveira, Manfredo A. de.(Org) *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes.
- POCHE, B. (1996). *L'espace fragmenté: éléments pour une analyse sociologique de la territorialité*. Editions L'Harmattan.
- POLLACK; Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos história*, nº 10. Rio de Janeiro, 200-212.
- PORTES, Alejandro, 1999 , *Migrações Internacionais, Origens, Tipos e Modos de Incorporação*, Celta Editora, Oeiras.
- PORTES, Alejandro. (org.) 1995. *The Economic Sociology of Immigration. Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*; New York: Russel Sage Foundation, pp.128-165.
- PORTES, Alejandro, 2004, O Estudo do Transnacionalismo Imigrante, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 69, Outubro.
- POSEY, D. A. 1987. *Etnobiologia: teoria e prática. Suma etnobiológica Brasileira, etnobiológica Brasileira Etnobiologia*. Petrópolis, v. 1.
- PRATO, Giuliana. 2009. "Introduction – Beyond Multiculturalism: Anthropology at the intersections between the local, the national and the global". In *Beyond Multiculturalism. Views from Anthropology*. Cornwall: Ashgate, pp. 01-19.
- PREUSS, Ori. 2011, *Bridging the Island: Brazilians' Views of Spanish America and Themselves 1865-1912*. Madrid: Iberoamericana.
- PRÉVÉLAKIS Georges. 1996. *Les réseaux des diasporas*. Paris-Nicosie, L'HarmattanKyrem.
- PROST, A. 1992. Fronteiras do espaço privado. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (dirs.). *História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias*. V. 5. São Paulo: Companhia das Letras.
- QUEIROZ, M. S. 1980. Feitiço, mau-olhado e susto: seus tratamentos e prevenções: aldeia de Icapara. *Religião e Sociedade*, v. 5, p. 131-187.
- QUIJANO, Anibal (2000), "Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America", *Neplanta: Views from South*, 1(3), 533-580.
- QUIJANO, Anibal (2001), "Globalización, colonialidad y democracia", in Instituto de Altos Estudios Diplomáticos 'Pedro Gual' (org.), *Tendencias básicas de nuestra época: globalización y democracia*. Caracas: Instituto de Altos Estudios Diplomáticos 'Pedro Gual', 25-28.
- QUIJANO, Anibal; Wallerstein, Immanuel (1992), "Americanness as a Concept or the Americas in the Modern World-system", *International Social Science Journal* 134, 549-550.
- RABBIE, J.M. & Horwitz, M. (1988). Categories versus groups as explanatory concepts in intergroup relations, *European Journal of Social Psychology*, 18, 117-123.
- RADHAKRISHNAN, R. 1996. *Diasporic Mediations. Between Home and Locations*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press. .
- RAFFESTIN, Claude. (1977). Paysage et territorialité. *Cahiers de géographie du Québec*, 21(53-54), 123-134. <http://www.erudit.org/revue/cgq/1977/v21/n53-54/021360ar.pdf>.
- RAFFESTIN, Claude et BRESSO, Mercedes (1979) *Travail, Espace, Pouvoir*. Lausanne, L'Âge d'Homme.
- RAFFESTIN, Claude. et Mercedes Bresso, 1982, *Cahiers de géographie du Québec*, vol. 26, nº 68, p. 185-198. <http://www.erudit.org/revue/cgq/1982/v26/n68/021557ar.pdf>.
- RAFFESTIN, Claude. 1982, Remarques sur les notions d'espace, de territoire et de territorialité. *Espaces et Sociétés*, no. 41, p. 167-171.
- RAFFESTIN, Claude. 1988. Repères pour une théorie de la territorialité humaine. In: *Réseaux territoriaux*. Caen: Paradigme, p. 263-279.
- RAFFESTIN, Claude. 1986, Territorialité : concept ou para-

- digme de la géographie sociale ? *Geographica Helvetica*, no. 2, p. 91-96.
- RAFFESTIN, Claude. 1993. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.
- RANDOI, PH, Raincr. 1990. Configuração e Organização Territorial: Análise da Espacialidade e Temporalidade,. *Cadernos do IPPUR* 1, ano IV, Rio de Janeiro, UFRJ, pp. 9-34, dez.
- RATZEL, F. 1982. El territorio, la sociedad y el Estado. In: MENDOZA, Josefina Gómez, JIMÉNEZ, Julio Muñoz y CANTERO, Nicolás Ortega. *El pensamiento geográfico*. Madrid: Alianza Editorial. p. 193-203.
- RAXEN, I. (2008). Racismo, Xenofobia, Antisemitismo, Islamofobia, Neofascismo, Homofobia y otras manifestaciones de Intolerancia a través de los Hechos. *Especial 2008*.
- REICH, W., 1970, *Psicologia das Massas e do Fascismo*. RJ, Graal.
- REICH, W., 1974, *Escutas a Zé Ninguém*. Publicações Dom Quixote.
- REIS, José Carlos, 201. *História da consciência histórica ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- RELPH, Edward, 1976. *Place and Placelessness*. London: Pion.
- RELPH, Edward, 1981. *Rational Landscapes and Humanistic Geography*. New York: Barnes and Noble.
- RELPH, Edward, 1993. Modernity and the Reclamation of Place. In D. Seamon, ed, *Dwelling, Seeing, and Designing: Toward a Phenomenological Ecology* (pp. 25-40). Albany, NY: SUNY Press.
- RELPH, Edward, 1996. Reflections on Place and Placelessness. *Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter*, 7, 3, 14-16.
- RELPH, Edward, 2000. Author's Response: Place and Placelessness in a New Context [Classics in Human Geography Revisited, Place and Placelessness]. *Progress in Human Geography*, 24 (4):613-619.
- REMIRO BROTONS, A. (1993). Emigración y xenofobia en la Comunidad Europea. *VVAA, Racismo y Xenofobia: Búsqueda de las raíces, págs*, 51-77.
- REX, J. (1986). *Raça e etnia*. Lisboa: Editorial Estampa.
- REY BUENO, Mar. 2009. *História das ervas mágicas e medicinais: plantas alucinógenas, fungos psicoativos, ervas*. Tradução de Flávia Busato Delgado. São Paulo: Madras.
- RIBEIRO Jr, Nilo. (2008), *Sabedoria da Paz*, São Paulo. Loyola.
- RIBEIRO, M. C. (2004). *Uma história de regressos: Império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Ed. Afrontamento.
- RICHARDS, G. (1997). *'Race', Racism and Psychology: Towards a reflexive history*. Nova Iorque: Routledge.
- RICOEUR, Paul, 1986. *Política, sociedad y historicidad*. Buenos Aires: Docencia.
- RICOEUR, Paul. 1987. Etapa Atual do Pensamento sobre a Intolerância. In: BARRET-DUCROQ, F. (dir.) *A Intolerância. Fórum Internacional sobre Intolerância*, Paris. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- RICOEUR, Paul, 1991, Tolérance, intolérance, intolérable, in Id., *Lectures 1. Autour du Politique*, Paris, Seuil, 294-31.
- RICOEUR, Paul, 1991a. *O Si mesmo como um Outro*. Ed: Papirus. Campinas.
- RICOEUR, Paul, 1997, Le dialogue des cultures: La confrontation des héritages culturels. In : LECOURT, D. et al. *Aux sources de la culture française*. Paris: La Découverte, p. 97-105.
- RICOEUR, Paul, 2007, A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François (et. al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- RICOEUR, Paul, 2010. Para uma hermenêutica da consciência histórica. In: *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. Vol. 3. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes;.
- RIO, VICENTE DEL. (2003). Construindo o nosso lugar - intersecções entre o mundo interior e o ambiente. *Cadernos do ProArq*, 7 7: 3-18.
- RITA, Jalali e Seymour Martin Lipset, 1992-1993, "Racial and Ethnic Conflicts: A Global Perspective", *Policial Science Quaterly*, vol. 107, nº4, pp. 585- 606;.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. 1989. A Presença dos Ausentes. *Sociedade e Território: Revista de Estudos Urbanos e Regionais* 3(8) Fevereiro 1989: 8-16.
- RODMAN, Margaret. 1992. "Empowering Place. Multilocality and Multivocality", *American Anthropologist*, n. 94, pp. 640-56;.
- RODRIGUES, A. 1992, Psicologia social para principiantes. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, RODRIGUES, A. *Psicologia social*. 14a. ed. Petrópolis: Vozes.
- RODRIGUES. Adyr A. Balastrieri , 1996. "Lugar, não-lugar e realidade virtual no turismo globalizado" in *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo: Departamento de Geografia da FFLCH/USP.
- ROLNIK, S. (1992). Diálogo e alteridade. *Boletim de Novidades*, 5(44), 35-44.
- ROLNIK, S. (1992a). *Subjetividade e história. Trabalho apresentado no Curso de Psicanálise promovido pelo Instituto Sedes Sapientiae*, São Paulo.
- ROLNIK, S. (1995). À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. Em M.

- C. R. Magalhães (Org.), *Na sombra da cidade* (pp. 141-170). São Paulo: Escuta..
- ROMANUCCI-ROSS, Lola & George DEVOOS (eds.), 1995 [1970]. *Ethnic Identity. Creation, Conflict, and Accommodation*. Walnut Creek-London- New Delhi, Altamira Press.
- ROS, M. & GOUVEIA, V. V. (2001). *Psicologia social de los valores humanos: desarrollos teoricos, metodologicos y aplicados*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- ROSÁRIO, E., Santos, T., & Lima, S. (2011). *Discursos do racismo em Portugal: Essencialismo e inferiorização nas trocas coloquiais sobre categorias minoritárias*. ACIDI, IP.
- ROSENDAHL, Z. (2005). Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. *Anais do X encontro de geógrafos da América Latina*, 12928-12941.
- ROUANET, Luiz Paulo. 2010. *Paz, justiça e tolerância no mundo contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola.
- ROUNET, S. P., *Os Erros da Diferença*. S. P., Folha de São Paulo, 9 de fevereiro de 2003.
- ROUGERIE, Gabriel (1969) *Géographie des paysages*. Paris, PUF.
- ROUX, Jean-Michel.1980. *Territoire sans lieux, la banalisation planifiée des régions*. Paris, Dunod/Bordas.
- ROWLAND, Robert.1993. "Inquisição, intolerância e exclusão." *Ler História* 33.
- RUANO-BORBALAN, J.1998. *L'Identité: l'individu, le groupe, la société*. Paris: Éditions Sciences Humaines, .
- RUSS, Jaqueline, 1999. *Pensamento Ético Contemporâneo*. Paulus. São Paulo.
- RUSSELL, Dale W. y Cristel Antonia Russell (2006), "Explicit and implicit catalysts of consumer resistance: The effects of animosity, cultural salience and country-of-origin on subsequent choice", en *International Journal of Research in Marketing*, 23:3.
- Ruyu Hung (2010). Journeying Between Home and Nature: A Geo-Phenomenological Exploration and its Insights for Learning. *Environmental Values* 19 (2):233 - 251.
- RYDGREN, J. (2004) «The logic of xenophobia». *Rationality and Society*, 16 (2): 123-148.
- SARTORI , Giovanni (2001): *La sociedad multiétnica, Pluralismo, multiculturalismo y extranjeros*, Taurus, Madrid;.
- SÀ, Maria Teresa Salgueiro de Vasconcelos e - Lugares e não-lugares em Marc Augé. *Artitextos*. Lisboa : CEFA ; CIAUD. N.º 3 (Dez. 2006), p.179-188. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bits-tream/10400.5/1831/1/FAUTL_13_B_TeresaSa.pdf.
- SÁ, Teresa.(2014). Lugares e não lugares em Marc Augé. *Tempo Social*, 26(2), 209-229. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000200012-&lng=en&tlng-pt.10.1590/S0103-20702014000200012.
- SAADA-GENDRON, Julie, Introduction, Choix de Textes, Commentaires, vade-Mecum et Bibliographie par, *La Tolérance*, Paris, Flammarion,1999: 11-41.
- SABOURIN, E. Desenvolvimento rural e abordagem territorial. In: Sabourin e Teixeira (org) *Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais*. DF: Embrapa, p. 21/37, 2002.
- SACHDEV, I., e Bourhis, R. Y. (1984). Minimal majorities and minorities. *European Journal of Social Psychology*, 14, 35-52.
- SACHDEV, I., e Bourhis, R. Y. (1990). Language and social identification. In D. Abrams, e M. A. Hogg (Eds.). *Social Identity Theory: Constructive and Critical Advances* (pp. 211-229). Londres: Harvester.
- SACHDEV, I., e Bourhis, R. Y. (1991). Power and status differentials in minority and majority group relations. *European Journal of Social Psychology*, 21, 1-24.
- SACK, Robert David. 2011. O Significado de Territorialidade. In DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (orgs). *Territorialidades Humanas e Redes Sociais*. Florianópolis: Insular.
- SACK, R.D. 1986. *Human Territoriality. Its Theory and History*. Cambridge, Cambridge University Press.
- SACK, Robert David. 1980. *Conceptions of space in social thought: a geographic perspective*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- SACK. Robert D. (1983). "Human Territoriality: A Theory". *Annals of the Association of American Geographers*, 73 (1): 54-74.
- SAID, Edward (1993), *Cultura e imperialismo*, Anagrama, Barcelona.
- SAINTMAURICE Ana de, 1997, *Identities reconstruídas: cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras: Celta;.
- SALETTE, J.1998. Le concept de terroir: une logique pour l'étude du lien du terroir au produit. In: *Compte rendu de l'Académie d'agriculture Française*, v.84, nº2, pp3-17.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Rafael (2006), "Endoculturación y etnocentrismo: una reflexión antropológica-educativa", en *Anales: Anuario del centro de la UNED de Calatayud*, núm. 14.
- SAND, Shlomo, 2010, «From Judeophobia to Islamophobia. Nation-building and the Construction of Europe», *Jewish Quarterly*, nº 215.
- SANDRA DA SILVA, R. E. I. S. Quarta colônia: aspectos de sua identidade cultural/territorial. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 23(1).

- SANSONE, Livio (1998), "Racismo sem etnicidade. Política pública e discriminação racial em perspectiva comparada", em *Dados Revista de Ciências Sociais*, Vol.41, N°4, Rio de Janeiro.
- SANT, Xavier Rius. 2011. *Xenofòbia a Catalunya*. Barcelona: Edicions De 1984.
- SANTAMARÍA, E. (2002) La incógnita del extraño. Barcelona. Anthropos Rubi. SARTORI, G. (2001) *La sociedad multiétnica. Pluralismo, multiculturalismo y extranjeros*. Madrid. Taurus.
- SANTANA, Marcos Aurélio, 2000. Memória, cidade e cidadania. In: Costa, Icléia T. M. & Gondar, Jô. *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- SANTOS, M. et. al. (Orgs.) 1996. *Território: Globalização e Fragmentação*. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, Geografia: Teoria e Realidade 30.
- SANTOS, M. 1996a. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. São Paulo: Editora Hucitec, Geografia: Teoria e Realidade 16. Série "Linha de Frente".
- SANTOS, M. 1997. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, M. 1997a. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Editora Hucitec.
- SANTOS, M. 2000. *Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- SANTOS, Boaventura de Souza. 1994. "Modernidade, identidade e a cultura de fronteira", In *Tempo Social (Revista de Sociologia da USP)*. Vol. 5, nº 1-2. SP: EDUSP.
- SANTOS, C. (2000). Território e territorialidade. *REVISTA ZONA DE IMPACTO*. ISSN 1982-9108, VOL. 12, JUL/DEZ, ANO XI, 2009. Disponível em http://www.albertolinscaldas.unir.br/TERRIT%C3%93RIO%20E%20TERRITORIALIDADE_vol12.html.
- SANTOS, Douglas. 2002; *A reinvenção do espaço*. São Paulo: UNESP.
- SANTOS, G (2002). Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. *Estud. afro-asiát.* vol.24, no.2, p.275-289.
- SANTOS, I. P. dos (2012). A imagem do imigrante na imprensa: uma comparação entre o discurso oficial e o não-oficial (1883-1895), *Cadernos de História*, 13(18), 131-156.
- SANTOS, Milton. 1982. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, Milton. 1977, Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo: AGB.
- SANTOS, Milton. 1979. *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes.
- SANTOS, M. 1985. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, (Coleção espaços).
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.(org.). 1986. *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel.
- SANTOS, M. (1988). *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, M. 1988a. O espaço geográfico como categoria filosófica. In: SANTOS, M. et. al. (Orgs.) *O espaço em questão*. São Paulo: Editora Marco Zero Ltda. e Associação dos Geógrafos Brasileiros. Coleção Terra Livre 5. P. 9-20.
- SANTOS, Milton. 1996. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, M. 2000. *Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A.; SILVEIRA, Maria L., 2002. *Território: Globalização e fragmentação*. 5. ed., São Paulo: Hucitec; Anpur.
- SAQUET, Marcos Aurélio. 2003. *Os tempos e os territórios da colonização italiana*. Porto alegre/RS: EST Edições.
- SAQUET, M. A. 2004. *Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste.
- SAQUET, Marcos Aurélio. 2007. *Abordagens e Concepções de Território*. São Paulo: Expressão Popular.
- SAQUET, M. A. (2011). *Estudos territoriais: os conceitos de território e territorialidade como orientações para a pesquisa científica. Território e fronteiras-(re) arranjos e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 33-50.
- SARTRE J. P., 1960, *Reflexões sobre o racismo*, trad. de J. Guisburg, Difusão Européia do Livro, São Paulo;.
- SASSEN, S. (1999). *Território e territorialidade na economia global. Globalização e Identidade Nacional*. São Paulo: Atlas.
- SAUER, CARL ORTWIN. [1925] (1938). *The Morphology of Landscape*. Berkeley: University of California Publications in Geography.
- SCHAFER, RAYMOND MURRAY. [1977] (1993). *The soundscape: our sonic environment and the tuning of the world*. USA: Destiny Books.
- SCHAPER, V. G. (2014). Emblemas da intolerância: Jean Calas, Jean Charles e a tolerância segundo Voltaire. *Protestantismo em Revista*, 12, 8-19. <http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/nepp/article/viewArticle/2084>.
- SCHWARCZ, L. (1996). As Teorias Raciais, uma Construção Histórica de Finais do Século XIX. O Contexto Brasileiro. In: *Raça e Diversidade*. São Paulo: Edusp.

- SCHETTER, CONRAD. (2005). Ethnoscapes, National Territorialisation, and the Afghan War. *Geopolitics*, 10 1: 50-75.
- SCHNAPPER, D. (1994) «The debate on immigration and the crisis of national identity», en Baldwin Edwards, M. y Schain, M.A., *The politics of inmigration in Wester Europe*, Frank Cass: 127-139.
- SCHNEIDER, S. 2004. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas ligações externas. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 6, n. 11, p.88-125, jan/jun.
- SCUBLA, Lucien, 2004, « Autonomie, réflexivité et altérité. Prolégomènes à une logique de l'extériorité », Ateliers , 27, Logiques de l'extériorité. Figures anthropologiques du pouvoir et du conflit, [Enligne], mis en ligne le 15 juin 2007. URL : <http://ateliers.revues.org/document249.html>. Consulté le 12 juin 2009.
- SEAMON, David, 1979. *A Geography of the Lifeworld: Movement, Rest, and Encounter*. NY: St. Martin's.
- SEAMON, David, 2000. A Way of Seeing People and Place: Phenomenology in Environment Behavior Research. In S. Wapner, J. Demick, T. Yamamoto, and H. Minami, eds., *Theoretical Perspectives in Environment-Behavior Research* (pp. 157-78). New York: Plenum.
- SEAMON, David, 2004. In Tom Mels, ed., Grasping the Dynamism of Urban Place: Contributions from the Work of Christopher Alexander, Bill Hillier, and Daniel Kemmis. In Tom Mels, ed., *Reanimating Places* (pp. 123-45). Burlington, Vt: Ashgate.
- SEARS, D. O. (1988). Symbolic racism. In P. A. Katz e D. A. Taylor (Eds.). *Eliminating racism: Profiles in controversy* (pp. 53-84). Nova Iorque: Plenum.
- SEGAL, Ronald. 1967. *The Race War*, A Banton Book, New York.
- SEIXO, M.-A. Abreu, G. Noyes, J., e Moutinho, I. (2000). *The paths of multiculturalism: Travel writings and post-colonialism*. Lisboa: Cosmos.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio, 2005. *O Local da Diferença*, Editora 34, São Paulo.
- SÉNÉCAL, G. 1992. "Aspects de l'Imaginaire Spatial: identité ou fin des territoires?" *Annales de Géographie*, n.563.
- Senghor, L. S. (1977/1997). *Négritude et Civilisation de L'universel*. Paris: Seuil.
- SERRA, O. (2003). O candomblé e a intolerância religiosa. *Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa*. (OLIVEIRA, R.(org.)). Rio de Janeiro: DP&A.
- SHARMA, Subhash et al. (1995), "Consumer Ethnocentrism: A test of antecedents and moderators", en *Journal of the Academy of Marketing Science*, 23:1.
- SHEPHERD, J. W., e Deregowski, J. B. (1981). Races and faces – a comparison of the responses of Africans and Europeans to faces the same and different races. *British Journal of Social Psychology*, 20, 125-133.
- SHIMP, Terence A. y Subhash Sharma (1987), "Consumer Ethnocentrism: Construction and Validation of the CETSCALE", en *Journal of Marketing Research*, 24:3.
- SHORE, C., Shore, C., & Abelló, M. B. (1994). Etnicidad, xenofobia y las fronteras de Europa. *Historia y fuente oral*, 31-41.
- SIDEKUM, Antônio. 2002. *Ética e alteridade: a subjetividade ferida*. São Leopoldo: UNISINOS.
- SIDANIUS, J., Pratto, F., e Bobo, L. (1996). Racism, conservatism, affirmative action, and intellectual sophistication: A matter or principled conservatism or group dominance? *Journal of Personality and Social Psychology* 70: 476-490.
- SIDANIUS, J., e Pratto, F. (1999). *Social Dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SILVA, Armando Corrêa da. 1988. *O espaço fora do lugar*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec.
- SILVA, Armando Corrêa da. 1996. O território da consciência e a consciência do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia. A. de; SILVEIRA, Maria L. (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, pp. 257-260.
- SILVA, C. A. D., & Ribeiro, M. B. (2007). *Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância*. In *Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância*. Sulina.
- SILVA, Clemildo Anacleto da. Educação, 2009. *Tolerância e Direitos Humanos: a importância do Antonio Baptista Gonçalves 65 ensino de valores na escola*. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista.
- SILVA, Franklin Ferreira, *Identidade e alteridade – Estudo sobre a hermenêutica de Paul Ricoeur*. Disponível em: <http://www.ufpi.br/21sic/Documentos/RESUMOS/Modalidade/Humanas/Franklin%20Ferreira.pdf>.
- SILVA, G. D. (2003). Vertentes da intolerância religiosa no Império Romano: o caso dos Judeus. In *Fronteiras e Etnicidade no Mundo Antigo. Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos* (pp. 167-178).
- SILVA, Luiz Geraldo. (2005). "Da festa barroca à intolerância ilustrada. Irmandades católicas e religiosidade negra na América portuguesa (1750-1815)." *Repensando el pasado, recuperando el futuro: nuevos aportes interdisciplinarios para el estudio de la América colonial*. Bogotá: Editorial Pontificia Uni-

- versidad Javeriana.
- SILVA, M, Reis, F., Silva, J. A., e Meneses, I. (Org.). (1997). *O que é a Raça? Um debate entre Antropologia e Biologia*. Lisboa: Oikos.
- SILVA, M. C. (2000). Racismo e conflito interétnico: elementos para uma investigação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 56, 61-79.
- SILVA, J. C. 2002. O conceito de Território na Geografia e a Territorialidade da Prostituição. In: RIBEIRO, M.A. (org). *Território e Prostituição na Metrópole Carioca*. Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense.
- SILVEIRA, Maria L. (Orgs.). 1996, *Território: globalização e fragmentação*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, pp. 15-20.
- SILVEIRA, Maria L. 1997. *Técnica, Espaço, Tempo - Globalização e Meio Técnico - Científico Informacional*. 3 ed. Hucitec: São Paulo.
- SILVEIRA, Maria L. 2002. *O País distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha.
- SILVEIRA, Maria L. 2004. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP.
- SILVEIRA, Maria L. 2006. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M. et al. *Território, Territórios*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- SILVEIRA, Maria L. et al. 2000. *O papel ativo da Geografia: um manifesto*. Florianópolis: XII Encontro Nacional de Geógrafos.
- SILVEIRA, Maria L. 1997^a. *Espaço e Método*. 4 ed. Nobel: São Paulo.
- SILVEIRA, Maria Laura. 1993, "Totalidade e Fragmentação: O Espaço Global, o Lugar e a Questão Metodológica, um Exemplo Argentino". In: SANTOS, Milton et al. *Fim de século e globalização*. São Paulo, Hucitec-ANPUR, pp. 201-209.
- SILVÉRIO, V. (1997). Tolerância e intolerância no mundo contemporâneo. *Teoria & Pesquisa*. São Carlos: DCSO/UFSCar, (20-23), 24-56.
- SIMON, B. (1992). The perception of ingroup and outgroup homogeneity: Reintroducing the social context. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology*, 3, 1-29.
- SIQUEIRA JR., Paulo Hamilton. 2008. A Dignidade da pessoa humana no contexto da pósmodernidade: O Direito no século XXI é tolerância, bom senso e cidadania, in: FARIA, José & SILVA, Marco Antonio Marques da (coord.). *Tratado Luso-Brasileiro da Dignidade Humana*. São Paulo: Quartier Latin.
- SMART, B. (1993). *Postmodernity*. London: Routledge.
- SMITH, E. (1993). Social identity and social emotions: Toward new conceptions of prejudice. In D. M. Mackie, e D. L. Hamilton (Eds.). *Affect, cognition and stereotyping: Interactive processes in group perception* (pp. 297-315). San Diego, CA: Academic Press.
- SMITH, P. B., & BOND, M. H. (1999). *Social psychology across cultures: Analysis and perspectives*, 2nd Edition. Boston: Allyn & Bacon.
- SMITH, P. B., BOND, M. H., & KAGITÇIBASI, C. (2006). *Understanding Social Psychology Across Cultures: Living and working in a changing world*. London: Sage.
- SNYDER, M. (1981). On the self-perpetuating nature of social stereotypes. In D. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- SOBRINO, Jon (1992): «Aniquilación del otro. Memoria de las víctimas. Reflexión profético-utópica», *Concilium*, núm. 240, pp.223-232.
- SOJA, Edward W. 1993. *Geografias Pós-Modernas: A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica* (L' ed., 1989), Rio de Janeiro, Zahar.
- SOJA, Edward W. 1971. *The Political Organization of Space*. Washington, DC, Association of American geographers.
- SOLANA, José Luis (1999), "Inmigración y racismo. Retos y propuestas para una política de inmigración y para un trabajo social antirracista", en *Cuadernos Andaluces de Bienestar Social* (CABS), 4: 29-85.
- SOLÉ, Carlota et al. (2000), "El impacto de la inmigración en la sociedad receptora", en *REIS*, 90: 131-157. Sumner.
- SOUTA, L. (1997). Da raça ao racismo. In M. Silva, F. Reis, J. A. Silva, e I. Meneses (Orgs.). *O que é a Raça? Um debate entre Antropologia e Biologia* (pp. 43- 50). Lisboa: Oikos.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. 2001, O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.77- 116.
- SOUZA, E. A., & Pedon, N. R. (2007). *Território e identidade*. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, Seção Três Lagoas, Três Lagoas-MS, 1(6).
- SOUZA, M. L. 2009. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M.A.; SPOSITO, E. S. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. 2001, O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.7- 116.
- SOUZA FILHO, Alípio. 2002. Michel de Certeau: fundamen-

- tos de uma sociologia do cotidiano. *Sociabilidades*. São Paulo/SP. V.2, p.129-134.
- SOWELL Thomas, 1986, *Race, Politique et économie (une approche internationale)*, trad. de Raoul Audouin, Presses Universitaires de France, Paris;.
- SPINK, P. 2001. O lugar do lugar na análise organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 5, ed. especial, p. 11-34.
- SPINK, M. J. P. (2010). Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos. In *Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos*. Vozes.
- SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A (Orgs.). 2004, *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Fco Beltrão: Unioeste, pp. 121-147.
- SPOSITO, E. 2007. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular.
- SPOSITO, E. 2006, Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste paranaense. In: SPOSITO, Maria, E. B.; WHITACKER, Arthur M. *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, pp. 157-186.
- SPOSITO, E. S. SAQUET, M. A. 2004. *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste.
- SPOSITO, E.S. 2004. Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, A.D.; SPOSITO, E.S.; SAQUET, M.A. *Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste.
- STAVENHAGEN, R., & Salinas, S. N. (1994). Racismo y xenofobia en tiempos de la globalización. *Estudios sociológicos*, 9-16.
- STEWART, P. J.; STRATHERN, A.2003. *Landscape, memory and history: anthropological perspectives*. London: Pluto Press.
- SUMNER, W. G. 1906/1940. *Folkways: A study of the social importance of usages, manners, customs mores, and morals*. Nova Iorque: Ginn and Company.
- SUSIN, Luis Carlos. [et al.]. (Orgs.). 2003. *Éticas em diálogo: Levinas e o pensamento contemporâneo: Questões e Interfaces*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- SUSIN, L. C. (2013). Deus hóspede: hospitalidade e transcendência. *Thaumazein: Revista Online de Filosofia*, 6(12), 06-21.
- SUSTEIN, Cass R. 2010. *A era do radicalismo: Entenda por que as pessoas se tornam extremistas*. Trad. Lucienne Scalzo Guimarães. Rio de Janeiro: Elsevier.
- TAGUIEFF, P.-A. (1987). *La force du préjugé. Essai sur le racisme et ses doubles*. Paris: La Découverte.
- TAGUIEFF, P.-A. (1990). The new cultural racism in France. In M. Bulmer e J. Solomos (Eds.). *Racism: Oxford readers* (pp. 201- 212). Oxford: University Press.
- TAGUIEFF, P.-A. (1992/1995). O anti-racismo em crise: elementos de uma crítica reformista. In M. Wieviorka (Org.). *Racismo e Modernidade*. Lisboa: Bertrand.
- TAGUIEFF, P.-A. (1997). *Le racisme. Un exposé pour comprendre. Un essai pour réfléchir*. Paris: Flammarion.
- TAJFEL, H. (1972) “La catégorisation sociale”. In: S. Moscovici (ed) *Introduction à la Psychologie Sociale*, Vol. 1, Larousse Université.
- TAJFEL, H. (1981-83). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*, Vol. I e II, Livros Horizonte, Lda, Lisboa.
- TAJFEL, H. (1982). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In Vários (Eds.). *Mudança Social e Psicologia Social* (pp.13-24). Lisboa: Livros Horizonte.
- TAJFEL, H. (Ed.) (1982). *Social Identity and Intergroup Relations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TAJFEL, H. (Ed.). (1978). *Differentiation between social groups. Studies in the social psychology of intergroup relations*. Londres: Academic Press.
- TALBI, M. (1997). Tolerância e intolerância na tradição muçulmana. *FORO INTERNACIONAL SOBRE A INTOLERÂNCIA*.
- TARRÉS CHAMORRO, María Sol (2001), “El cuidado del ‘otro’: diversidad cultural y enfermería transcultural”, en *Gazeta de antropología*, núm. 17.
- TEIXEIRA, Juliana Cristina; SARAIVA, Luiz Alex Silva and CARRIERI, Alexandre de Pádua. OS LUGARES DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS. *Organ. Soc.* [online]. 2015, vol.22, n.72 [cited 2015-12-17], pp. 161-178. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302015000100161&lng=en&nrm=iso>.
- TEZANOS, J. F. y TEZANOS VÁZQUEZ, S. (2003) «Inmigración y exclusión social», *Papeles de Economía Española*, 98, 225-237.
- THADEN, R.von. 2000. Intolerância e fundamentalismo na tradição protestante. In: BARRET-DUCROCQ, F. (dir.) *A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância – 1997*. Paris, França, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- THÉRY, H. (2008). Globalização, desterritorialização e reterritorialização. *Revista da ANPEGE*, (4), 109-118.
- THOMAS, K. (1988). *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia. das Letras.
- THOMASON, S.R. & KAUFAMAN, T. (1991). *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press. .
- THIONG’O, Ngugi Wa, 1981. *Decolonising the Mind*, James

- Currey Heineman, London/Nairobi.
- TINHORÃO, J. R. (1988/1997) *Os negros em Portugal: Uma presença silenciosa* (2.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- TIRYAKIAN, EDWARD A. (2003). Assessing Multiculturalism Theoretically: E Pluribus Unum, Sic et Non. *International Journal on Multicultural Societies* - UNESCO, 5 1: 20-39.
- TIZON, P. 1995. Le territoire au quotidien. In: DI MEO, G. *Les territoires du quotidien*. Paris: L'harmattan, p. 17-34.
- TODD, Emmanuel, 1996. *O Destino dos Imigrados, Assimilação e Segregação nas Democracias Ocidentais*, Instituto Piaget, Lisboa.
- TODOROV, Tzvetan, *Teorias do Símbolo*, Edições 70, Lisboa, s/d.
- TODOROV, Tzvetan, 1978. *Les Genres du Discours*, Éditions du Seuil, Paris.
- TODOROV, Tzvetan, 1979. *As Estruturas Narrativas*, Editora Perspectiva, São Paulo.
- TODOROV, Tzvetan, 1989. *Nous et les Autres*, Éditions Seuil, Paris.
- TODOROV, Tzvetan, 2003. *A Conquista da América – A Questão do Outro*, 3ª ed., Martins Fontes Editores, São Paulo.
- TONIETTO, J. Afinal, o que é Terroir? *Bon Vivant, Flores da Cunha*, v. 8, n. 98, p. 08, abr. 2007.
- TORRES, A. (1991). *O Império português entre o real e o imaginário*, Lisboa, Escher.
- TORRES, C. V. & NEIVA, E. R. (Orgs.), 2012. *Psicologia Social: principais temas e vertentes*. Porto Alegre: ARTMED.
- TORT I CHAVARRÍA, F. (1994). Sociopatología de la xenofobia y de los nacionalismos. In *Papers: revista de sociologia* (pp. 139-147).
- TOSTES, A. P. (2009). Razões da intolerância na Europa integrada. *DADOS–Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro*, 52(2), 335-376.
- TOURAINE, Alain (1997), *Iguais e Diferentes: Poderemos Viver Juntos?*, Lisboa, I. Piaget.
- TRAVERSO, E. (2011). La fábrica del odio: xenofobia y racismo en Europa. *El Viejo topo*, (285), 49-53.
- TRINDADE, Z. A. (1996). Representação social: ?modo de conhecer? no cenário da saúde. In Trindade, Z. A., & Camino, C. P. S. (Orgs.), *Cognição social e juízo moral* (pp. 45-59). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pósgraduação em Psicologia.
- TUAN, Yi-Fu, 1998. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.
- TUAN, Yi-Fu, (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Difel.
- TUAN, Yi-Fu. 1975. Place: an experiential perspective. *Geographical Review*, 65(2): 151-165.
- TUAN, Yi-Fu. 1980. *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL.
- TURNER, J. (1972). Towards a cognitive redefinition of the social group. Em H. Tajfel (ed.) *Social Identity and Intergroup Relations*. Cambridge: University Press.
- TURNER, J. & Giles, H. (1981). *Intergroup Behaviour*. Londres: Basil Blackwell.
- ULYSSE, P. J., & Lesemann, F. (2007). *Lutte contre la pauvreté, territorialité et développement social intégré: le cas de Trois-Rivières*. PUQ. <http://www.unige.ch/sciences-societe/geo/collaborateurs/publications-BD/Territoire-Territorialite-Territorialisation.pdf>.
- UNESCO (1960/1973). *Le racisme devant la science*. Paris: Gallimard.
- UNG CARL G. (org.), 2008. *O homem e seus símbolos*. RJ, Nova Fronteira.
- VALA, Jorge, (1986). Sobre as representações sociais - para uma epistemologia do senso comum. *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 5-30.
- VALA, Jorge, (1993). Representações sociais - para uma psicologia social do pensamento social. Em J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VALA, Jorge, (Org.) (1999). *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*. Oeiras: Celta.
- VALA, Jorge, Rodrigo Brito e Diniz Lopes, 1999a, *Expressões dos Racismos em Portugal*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais.
- VALA, Jorge, Brito, R., e Lopes, D. (1999b). O racismo flagrante e o racismo subtil em Portugal. In J. Vala (Org.). *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas* (pp. 31-60). Oeiras: Celta.
- VALA, Jorge, Lopes, D., e Brito, R. (1999c). A construção social da diferença: Racialização e etnização das minorias. In J. Vala (Org.). *Novos Racismos: Perspectivas comparativas* (pp. 145-167). Oeiras: Celta.
- VALA, Jorge, & Lima, M. (2002). Individualismo meritocrático, diferenciação cultural e racismo. *Análise Social*, 181-207.
- VALA, Jorge, (Org.). 2003, *Simetrias e identidades: Jovens negros em Portugal*. Oeiras: Celta.
- VALA, Jorge, Marcus Lima e Diniz Lopes, 2003a. *Valores Sociais, Preconceito e Solidariedade Relativamente a Grupos Racializados e Imigrantes*, Imprensa de Ciências Sociais, Viseu.
- VALA, Jorge e Maria Benedicta Monteiro, (eds.), 2004. *Representações Sociais e Psicologia Social do Conheci-*

- mento Quotidiano, 6ª Edição, Serviço de Educação e Bolsas, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- VALA, Jorge, Lopes, D.; Lima, M. (2008). Black Immigrants in Portugal: Luso-Tropicalism and Prejudice. *Journal of Social Issues*, 64, 287-302.
- VALA, Jorg e Monteiro, M.B. (2013). *Psicologia Social* (9ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VALE DE ALMEIDA, M. (1997) Misto, crioulo e cidadão: notas para um humanismo radical. In M. Silva, F. Reis, J. A. Silva, e I. Meneses (Orgs.) *O que é a Raça? Debate entre a Antropologia e a Biologia* (pp. 19-28). Lisboa: Oikos.
- VALE DE ALMEIDA, M. (2000). *Um mar da cor da terra: Raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Celta.
- VALENTIM, J. P. (1997). *Escola, Igualdade e Diferença*. Porto: Campo das Letras.
- VALENTIM, J. P. 2003. *Identidade e lusofonia das representações sociais de portugueses e de africanos*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de Coimbra.
- VALLES MARTÍNEZ, M. S. (2008) *Evolución del racismo y la xenofobia en España*. Madrid.
- VALVERDE, R.R.H.F. 2004. Transformação no conceito de território: competição e mobilidade na cidade. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, n.15, p.119-126.
- VAN DER BERGHE, P. L. 1996. Race: as a synonym. In: CASH-MORE, E. et al. (Org.). *Dictionary of race and ethnic relations*. 4 th ed. Londres: Routledge.
- VAN DIJK, Teun A. (1987), *Communicating racism. Ethnic prejudice in thought and talk*, Newbury Park, California: Sage.
- VAN-DUNEM, D. (1995). Racismo e Mundo lusófono. *Etnologia*, 3/4, 67-70.
- VARGAS , M. 2002. *Proximidade Territorial, Aprendizado e Inovação: um estudo sobre a dimensão local de processos de capacitação inovativa em arranjos e sistemas produtivos no Brasil*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IE.
- VASCONCELOS, P. (1998). Racismo e xenofobia: a comunidade cigana em Portugal. Araújo, HG, Santos, PMe Seixas, PC (coords.), *Nós e os Outros: a exclusão em Portugal e na Europa*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 35-38.
- VÁZQUEZ, M. Á. (2004). Los signos de la violencia/la violencia de los signos. Una reflexión contra el racismo, la xenofobia y la intolerancia. *Culturas de guerra. Medios de información y violencia simbólica*, 101-122.
- VERGARA, S. C., & Vieira, M. M. F. (2005). Sobre a dimensão tempo-espaço na análise organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(2), 103-119.
- VIDAL, Daniel.1996, Le territoire de l'altérité. In : OSTROWETSKY, Sylvia (ed.). *Sociologues en Ville*. Paris: L'Harmattan, p. 45-5.
- VIERTLER, B. R. 2002. Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em Etnobiologia, Etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M. et al. *Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: UNESP/CNPq.
- VILHENA, J (2005). As cores da violência. Notas sobre o racismo. In: *CDRom dos Anais do III Encontro Clínico do Centro de Investigação e Atendimento Psicológico – CIAP*. Rio de Janeiro, Ed. PUC.
- VILHENA, J. de (2006). A Violência da Cor: sobre racismo, alteridade e intolerância. *Revista Psicologia Política*, 6(12), 2.
- VILLANUEVA LÓPEZ, Claudio Vicente (2001), "Los modelos de aculturación e intervención psicosocial en la inmigración", en *Gazeta de antropología*, núm. 17.
- VIRILIO, Paul , 1976, *L'insécurité du territoire*. Stock, Paris.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1992. *From the enemy's point of view. Humanity and divinity in an Amazonian society* (trad. C. Howard). Chicago: Univ. of Chicago Press.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2013. *Imanência do inimigo em: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 5ª edição.
- VON THADEN, R. 2000. Intolerância e fundamentalismo na tradição protestante. In: BARRET-DUCROCQ, F. (dir.) *A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância – 1997*: Paris, França, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- WACHTEL, Nathan. 1992. "Note sur le Problème des Identités Collectives dans les Andes Méridionales". *L'Homme*, XXXII (122-124): 39-51.
- WALLERSTEIN , I. 1991. *Geopolitics and Geoculture. Essays on the changing world-system*. London: Cambridge.
- WERLEN, Benno. Soâet). 1993. *Action and Space: Atz Alternative Human Geography* (1ª ed.,1988). London, Routledge.
- WETHERELL, M. S. (1982). Cross-cultural studies of minimal groups: implications for the social identity theory of intergroups relations. In H. Tajfel (Ed.). *Social Identity and Intergroup Relations* (pp. 207-240). Cambridge: Cambridge University Press.
- WETHERELL, Margaret (1996), "Group conflict and the social psychology of racism", en M. Wetherell, *Identities groups and social issues*, Londres: Sage.
- WIEVIORKA, Michel, 2002. *A Diferença*, Fenda Edições, Lisboa.
- WIEVIORKA, M. (1998). La nouvelle ère du racisme. In Araújo, H. G. de, Santos, P. M. e Seixas, P. C. (Coords).

- Nós e os Outros: A exclusão social em Portugal e na Europa* (pp. 133-153). Porto: S.P.A.E.
- WIEVIORKA, M. (Org.), 1995. *Racismo e modernidade*. Lisboa: Bertrand.
- WILBER, K. (1991). *A consciência sem fronteiras*. São Paulo: Cultrix.
- WILLIAM, Graham (1906), *Folkways: The Sociological Importance of Usages, Manners, Customs, Mores, and Morals*, Nueva York, NY: Ginn and Co.
- WILLIAMS, Eric *Capitalismo e escravidão*, trad. de Carlos Nayfeld, Companhia Editora Americana, Rio de Janeiro, 1975;.
- WILLIAMS, R. (1990). *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras.
- WILSON, C. C., e Gutierrez, F. (1995). *Race, Multiculturalism, and the Media: From Mass to Class Communication* (2.ª ed.). Londres: Sage.
- WOODWARD, Kathryn, 1997/2001. *Identity and Difference*, Sage Publications, London-Thousand Oaks-New Delhi.
- WOLF, Eric R., (1982), *Europe and the People without History*, University of California Press, Berkeley;.
- WOLFRUM, R. (2003). Discriminação, xenofobia e racismo. *Direitos Humanos—novas dimensões e desafios. Brasília: UNESCO Brasil, Secretaria Especial de Direitos Humanos*.
- WOODWARD, K. (Eds.) (1997). *Identity and Difference*. Londres: Sage.
- WORCHEL, S., e Austin, W. G. (Eds.) (1986). *Psychology of Intergroup Relations*. Chicago: Nelson-Hall.
- WORCHEL, S., Morales, J. F., Páez, D., e Deschamps, J.-C. (1998). *Social Identity: International Perspectives*. Londres: Sage.
- XIBERRAS, M. (1993). *As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget.
- YÁZIGI, Eduardo et al (orgs.). 1996. *Turismo, espaço paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec.
- YOUNG, I. M. (1990). *Justice and the politics of difference*. Princeton: Princeton University Press.
- YRUELA, M. P., & Desrues, T. (2006). *Opinión de los españoles en materia de racismo y xenofobia*. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Subdirección General de Información Administrativa y Publicaciones.
- ZAMORA, J. A. (2012). Racismo, xenofobia, antisemitismo en el horizonte de los flujos migratorios. Enfoques teóricos y Teoría Crítica. *Arbor*, 188(755), 591-604.
- ZANELLA Andréa Vieira. 2005, Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico cultural. *Psicologia e Sociedade*. Santa Catarina, n. 17, maio/ago., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200013.
- ZAPATA-BARRERO, R. (2004) *Multiculturalidad e inmigración*. Madrid. Síntesis.
- ZÁRATE, M. A., Bonilla, S., e Luevano, M. (1995). Ethnic influences on exemplar retrieval and stereotyping. *Social Cognition*, 13, 145-162.
- ŽIŽECK, Slavoj (1998), “A Leftist Plea for ‘Eurocentrism’”, *Critical Inquiry*, 24.
- ŽIŽECK, Slavoj (1999), “The Politics of Truth, or Alain Badiou as Reader of Paul”, in *The Ticklish Subject: The Absent Centre of Political Ontology*. London: Verso, 127-170.
- ŽIŽECK, Slavoj (2000), *The Fragile Absolute or, Why is the Christian Legacy Worth Fighting for?*. London: Verso.
- ŽIŽECK, Slavoj (2002), “I Plead Guilty – But Where is the Judgement?”, *Nepantla: Views from South*, 3(3), 579-583.
- ŽIŽECK, Slavoj (2003), *The Puppet and the Dwarf: The Perverse Core of Christianity*. Cambridge, MA: mit Press, 34-57.
- ZIZEK, S., & Antón, A. (2007). *En defensa de la intolerancia* (pp. 45-46). Sequitur. <http://www.resistenciavegana.es/descargas/Fanzines%20Variados/Tematica%20Lucha%20Social/En%20defensa%20de%20la%20intolerancia/En%20defensa%20de%20la%20intolerancia.pdf>.
- ŽIŽECK, Slavoj (2007a). *En defensa de la intolerancia*, Madrid: Sequitur.
- ZUKIN, Sharon. (1996). Space and Symbols in an Age of Decline. Em A.D. King (Ed.), *Re-presenting the City* (43-59). Londres: MacMillan.
- ZUKIN, Sharon. (1991). *Landscapes of Power*. California: University of California Press.



2. MADEIRA

Para a Madeira, faltam estudos sobre este tipo de temas e a bibliografia que reunimos. Tivemos em conta os textos usados para recolha da diversa informação de apoio, em termos da historiografia, literatura e tradições populares, assim como dos testemunhos da literatura de viagens de escritores nacionais e estrangeiros.

1585; *Constituições Synodaes do Bispado do Funchal. Feitas e Ordenadas por D. Jeronymo Barreto, bispo do dito bispado*, Lisboa, por António Ribeiro.

1601, *Constituições Synodaes do Bispado do Funchal, com as extravagantes novamente impressas, por mandado de D. Luis de Figueiredo de Lemos, bispo do dito Bispado*, Lisboa, por Pedro Craesbeck, (tendo em anexo *constituições extravagantes do bispado do Funchal feitas e ordenadas por D. Luiz de Figueiredo de Lemos*, Lisboa, impresso por Pedro Craesbeck, 1601).

1978, *Lendas e Romances da Ilha da Madeira*, [ilustrações de Fernando de Oliveira], Porto, Editora Nova Crítica.

1988, *Viagens na Madeira Romântica, Catálogo*, Funchal, SRTCE, DRAC, [textos de José de Sainz-Trueva].

1990, *Forasteiros na Madeira oitocentista: uma estação de turismo terapêutico*. Catálogo, Funchal, SRTCE.

ABREU, Maria Zina Gonçalves de, 2013, *Perseguição religiosa, emigração e diáspora em Madeirenses*

errantes, de Ferreira Fernandes (2004). In CID, Teresa; ALVES, Teresa F. A.; BLAYER, Irene Maria F.; FAGUNDES, Francisco da Costa, coord. – *Portugal pelo Mundo Disperso*. Lisboa: Tinta da China, p. 83-91.

AGRELA, Tânia Cristina Freitas, 2005, *Notas sobre a Madeira na literatura de viagens inglesa (1850-1894)*, Dissertação de Mestrado em Cultura e Literatura Anglo-Americanas – Universidade da Madeira.

AGUIAR, Fernando de, 1937, *Usos e Costumes da Ilha da Madeira*, Lisboa, s.n., Separata da Feira da Ladra.

AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira. Credos e superstições, milagres e outros sucedimentos*, Guimarães, s.n., III, 1942, Separata da Revista Gil Vicente.

ARAGÃO, António (coord. e notas), 1981, *A Madeira vista por Estrangeiros. 1455-1700*, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura – DRAC.

ASSIS, Angelo Adriano Faria de, 2006, «Cristãos-Novos, Criptojudeus e Inquisição nas Ilhas do Atlântico: Aspectos da resistência judaica e da religiosidade no Mundo Português – séculos XVI-XVIII», in ZEFERINO, Augusto César (organizador), *Anais do VII Colóquio Internacional de História das Ilhas Atlânticas – 2003; Seminário Nacional sobre Ilhas Costeiras e Ilhas Oceânicas: conceitos e usos*, Florianópolis, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pp. 205-217.

AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de, 1880, *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, Funchal, Tipografia da «Voz do Povo».

- BARROS, Fátima (transcrição paleográfica e notas), 2003, «Rol dos Judeus e seus descendentes», in *Arquivo Histórico da Madeira, Série Transcrições Documentais 1*, Funchal, SRTC – DRAC – ARM, pp. 253-382.
- BLANDY, Graham (prod.), 1960, *The Bolton Letters. The Letters of an English Merchant in Madeira*, vol. II, 1701-1714, s.l.
- CASTELO BRANCO, Maria dos Remédios, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. I, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração – Direcção Regional de Assuntos Culturais.
- CASTELO BRANCO, Maria dos Remédios, 1990, «Perspectivas Americanas da Madeira», in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- CASTELO BRANCO, Fernando, 1990, «Subsídios para a História do Protestantismo na Madeira: O caso Kalley», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. II, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração – Direcção Regional de Assuntos Culturais, pp. 1338-1359.
- CASTELO BRANCO, Maria dos Remédios, 1987, «As impressões de Jean Mocquet», in *Atlântico*, n.º 11, pp. 222-226.
- CORREIA, Liliana Martins, 2005, *A família Blandy: economia e cultura: século XIX*, Dissertação de Mestrado em Cultura e Literatura Anglo-Americanas – Universidade da Madeira, Funchal.
- EMONTS, Anne Martina, 2000, «Arianização na Madeira», in *Islenha*, n.º 26, pp. 55-67.
- EVERAERT, John G., 1989, «Marchands Flamands a Lisbonne et L'Exportation du Sucre de Madère (1480-1530)», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. I, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, DRAC.
- FERRÉ, Pere (coligido), BOTO, Sandra (edit.), 2008, *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”.
- FOLCLORE. Revista. *48 Horas a Bailar*, 2005, Santana, Direcção Regional de Agricultura.
- FOLCLORE/96 – REVISTA, 1996, Funchal, Secretaria Regional de Agricultura Florestas e Pescas/Direcção Regional de Agricultura/Direcção de Serviços de Extensão Rural;.
- FREITAS, Fátima Isabel Correia de; MATEUS, Maria da Graça Henriques, 2013. *Plantas e seus usos tradicionais: freguesia da Fajã da Ovelha*. Funchal: Serviço do Parque Natural da Madeira.
- FREITAS, P. e Alfredo Vieira de Freitas, 1984, *Era uma vez.... Na Madeira: lendas, contos e tradições da nossa terra*, 2.ª ed., Funchal, ed. Autor.
- FREITAS, P. e Alfredo Vieira de, 1988, *Continhos populares madeirenses*, Funchal, Secretaria Regional da Educação.
- GOMES, A.F., O Símbolo do Mal nas Lendas Madeirenses, in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. VII, n.º.38, pp. 24-26.
- GONÇALVES, Carlos Lélis da Câmara, *Influência inglesa na ilha da Madeira. Contributo para um estudo linguístico e histórico*, Coimbra, 1956, dissertação de licenciatura em Românicas.
- GOUVEIA, David Ferreira de, “Santo António no folclore: algumas lendas, costumes e devoções que o tempo levou”, *Islenha*, 1990, N.º 6, pp. 21-33.
- GOUVEIA, Horácio Bento de, 1975, *A Canga*, Coimbra, Coimbra editora Lda.
- Grupo de Folclore do Porto Santo, 1995, Oração popular e tradicional / Grupo de Folclore do Porto Santo In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [15] (Julho), p. 26.
- Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, 1996, Crenças para afastar as tempestades / Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho), p. 18.
- Grupo de Folclore da Casa do Povo da Camacha, 1996, Rituais curandeiros / Grupo de Folclore da Casa da Quinta Grande In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho), p. 16.
- Grupo de Folclore da Casa do Povo de Machico, 2005, Curas com rezas e orações / Grupo de Folclore da Casa do Povo de Machico In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [15] (Julho), p. 14.
- GRUPO Folclore da Casa do Povo de Campanário, 2005. Crenças e curas / Grupo de Folclore da casa do Povo do Campanário In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [15] (Julho), p. 13.
- GRUPO Folclore da Casa do Povo de Machico, 2005. Curas com rezas e orações / Grupo de Folclore da Casa do Povo de Machico In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [15] (Julho), p. 14.
- GRUPO FOLCLORE E RECREATIVO DOS PRAZERES, 1996, Crenças e superstições / Grupo Folclore e Recreativo dos Prazeres In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho), p. 32.
- GRUPO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE SANTA CRUZ, 1996, Crenças populares / Grupo Folclórico da Casa do Povo de Santa Cruz In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho), p. 10.
- GUERRA, Jorge Valdemar, 2003, «Judeus e Cristãos-Novos na Madeira. 1461-1650», in *Arquivo Histórico da Madeira, Série Transcrições Documentais 1*, Funchal, SRTC – DRAC – ARM, pp. 9-251.

- GUERRA, Jorge Valdemar, 1991, «O saque dos Argelinos à Ilha do Porto Santo em 1617», in *Islenha*, n.º 8, pp. 57-78.
- GUERRA, Jorge Valdemar, 1998, «A Ilha do Porto Santo e o Corso Argelino no Atlântico», in *Islenha*, n.º 23, pp. 179-208.
- GUICHARD, François, 1993, «La Place de Madère dans L'Histoire du Protestantisme Lusophone (XXI e -XX e Siècles)», in *Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, CEHA, pp. 597-622.
- LAMAS, Maria, 1956, *Arquipélago da Madeira. Maravilha atlântica*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.
- LOJA, António Egídio Fernandes, 2008, *Crónica de uma Revolução. A Madeira na Revolução Liberal*, Funchal, Empresa Municipal "Funchal 500 Anos".
- LOJA, António, 1986, *A Luta do Poder contra a Maçonaria. Quatro perseguições no século XVIII*, s.l., Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MENDONÇA, Duarte Miguel Barcelos, 2003, *A inter-relação da cultura madeirense com a norte-americana no século XX: o caso de New Bedford*, Dissertação de Mestrado em Cultura e Literatura Anglo-Americanas – Universidade da Madeira, Funchal.
- MINCHINTON, Walter, 1989, «Britain and Madeira to 1914», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. I, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração – Direcção Regional de Assuntos Culturais, pp. 498-523.
- MINCHINTON, Walter, 1990, «British residents and their problems in Madeira before 1815», in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, s.l., Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- MOTA, Conceição, RIBEIRO, Ana Maria, 1992, *Rezas Tradicionais II*, in *Xarabanda*, 02, 43, 45.
- MOUTINHO, Viale, 2011, *Contos populares das ilhas da Madeira e do Porto Santo*, Funchal, Nova Delphi.
- NASCIMENTO, Cabral do (introdução, selecção e notas), *A Madeira*, col. Antologia da Terra Portuguesa, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.
- NASCIMENTO, Cabral do (transcrição, introdução e notas), 1949, *Os Pedreiros-Livres na Inquisição e Corografia Insulana*, s.l., Câmara Municipal do Funchal.
- NASCIMENTO, J. Cabral do, 1940, «O assalto à Madeira por piratas franceses em 1566, segundo um códice da Biblioteca Nacional de Lisboa», in *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. XV, nos. 57 a 60, Lisboa, pp. 47-54.
- NEPOMUCENO, Rui Firmino Faria, 2008, *A Madeira vista por Escritores Portugueses (Séculos XIX e XX)*, Funchal, Empresa Municipal "Funchal 500 Anos".
- NEPOMUCENO, Rui Firmino Faria, 2014, *A Madeira vista por Escritores Portugueses (Séculos XIX e XX)*, Funchal, O liberal.
- NEPOMUCENO, Rui, 2005, «Do Porto Santo ao Funchal na obra de Maria Lamas», in *Islenha*, n.º 37, pp. 134-142.
- NEVES, Lídia, 2007, *Crendices nos Santos Populares em Machico. Ilharq: revista de Arqueologia e Património Cultural do Arquipélago da Madeira*. Machico: ARCHAIS – Associação de Arqueologia e Defesa do Património da Madeira. 7, 42-67.
- NÓBREGA, Manuel, 1999, «Uma Ilha dentro de Outra. Aspectos Científicos da Ilha de Santana», in *Islenha*, n.º 25, pp. 131-154.
- NOGUEIRA, António de Vasconcelos, 2005, *Os exilados da Madeira relacionados com o Dr. Kalley e o desenvolvimento económico do capitalismo moderno: estudo de caso em História Económica e emigração da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX*, dissertação policopiada de pós-doutoramento, Universidade de Aveiro – Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Aveiro: s.n.
- NORONHA, Henrique Henriques de, 1996, *Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese do Funchal, (Ilha da Madeira) ano 1722*, Funchal, CEHA.
- OLIVAL, Fernanda, 1993, «A Visita da Inquisição à Madeira em 1591-92», in *Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, pp. 493-520.
- PEREIRA, Eduardo C. N., 1989, *Ilhas de Zargo*, vol. II, Funchal.
- PEREIRA, Fernando Jasmins, 1990, *Estudos sobre a História da Madeira*, Funchal, CEHA.
- PESTANA, Eduardo Antonino, 1965, *Ilha da Madeira*, Câmara Municipal do Funchal.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1954, *Crendices e superstições do Arquipélago da Madeira*. [s. 11.1: Ed. do A.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1954, *Trovas e Cantigas do Arquipélago da Madeira*, Funchal, edição do autor.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1948-49, *Crendices e superstições madeirenses*. In *Das Artes e da História da Madeira*. Funchal, pp. 235, 246.
- PORTO DA CRUZ, Visconde do, 1955, *Folclore madeirense*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- REBOK, Sandra, 2005, «Aproximación al Estudio de los Viajeros de Habla Alemana por Madeira en el Siglo XIX», in *As Ilhas e a Ciência. História da Ciência e das Técnicas. I Seminário Internacional*, Funchal, CEHA, pp. 245-264.
- RIBEIRO, Ana, (1993). *Rezas Tradicionais. IV, Xarabanda 4*, 53-54.

- RIBEIRO, Ana, MOTA, Conceição, et alii, (1992). Rezas Tradicionais. IV, *Xarabanda* 1, 17-21.
- RODRIGUES, José Egídio 1996, A magia das plantas / In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho), p. 33.
- SAINZ-TRUEVA, José de, 1997, "Ex-Votos da Ilha da Madeira", in *Islenha*, 29, pp.25-32.
- SANCHES, Manuela Ribeiro, «Observar, descrever, restaurar. A propósito das descrições de Georg e Johann Reinhold Forster das Ilhas da Madeira e de Taiti», in *Literatura de Viagem: narrativa, história, mito*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.
- SANTOS, Teresinha, Religiosidade popular e folclore In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho 1996), p. 12-13.
- SANTOS, Teresinha, 1996, Religiosidade popular e folclore In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho), p. 10.
- SEQUEIRA, Miguel Menezes de; Susana Maria Gouveia e Sá Ventura Fontinha; Fátima Isabel Correia de Freitas; Lúcia Costa Ramos; Maria da Graça Henrique Mateus, 2006, *Plantas e usos tradicionais nas memórias de hoje: freguesia da Ilha*, Ilha: Casa do Povo.
- SILVA, António Marques da, 1995, *Apostamentos de Etnografia Madeirense (S. Jorge e Norte da Ilha) (1950-1961)*, Funchal.
- SILVA, António Ribeiro Marques da, 1994 *Apostamentos sobre o Quotidiano Madeirense (1750-1900)*, Lisboa, Editorial Caminho.
- SILVA, António Ribeiro Marques da, 2008, *Passaram pela Madeira*, Empresa Municipal "Funchal 500 Anos".
- SILVA, António Ribeiro Marques, «Maria Riddel. A Primeira Mulher que escreveu sobre a Madeira», in *Islenha*, n.º 22, 1998, pp. 67-70.
- SILVA, Antonio (2004), *Reflexões sobre a Intolerância*, protocolo disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/> (Data de acesso: 28 de outubro de 2005).
- SILVA, António Marques da, 1985, «Visitantes estrangeiros na Madeira: uma tradição de violência, o tipo físico e o carácter do madeirense», in *Atlântico*, n.º 1, pp. 20-27.
- SILVA, António Marques da, 2007, «A Madeira e os seus espaços: O testemunho dos visitantes estrangeiros sobre o Funchal e as Ilhas Atlânticas», in *Islenha*, n.º 41, pp. 34-40.
- SILVA, António Ribeiro Marques da, 1997, «As gibraltinas», in *Margem* 2, n.º 6, Jun. pp. 24-27.
- SILVA, Mariana Xavier da, 1988, «O Demerarista», in *Islenha*, n.º 2, pp. 102-112.
- SILVA, Fernando Augusto da, 1978, *Elucidário Madeirense*, 3 vols. Funchal [Crenças populares, costumes antigos, mau olhado, Madeira (costumes de gentes do povo)].
- SOUSA, José Luís de, padre, 1996, Caminhos da religiosidade popular In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho), p. 26.
- SOUSA, Luís de, 1950, *Dizeres da ilha da Madeira. Palavras e locuções*, Funchal, ed. Autor.
- TESTA, Michael P., 2005, *Robert Reid Kalley: o apóstolo da Madeira*, trad. port., Lisboa, Igreja Presbiteriana de Portugal.
- TRINDADE, Ana Cristina Machado, 1999, *A Moral e o Pecado Público no Arquipélago da Madeira na Segunda Metade do Século XVIII*, Funchal, CEHA.
- VASCONCELOS, Bernardo Guido de, 1993, «Impressões e Associações de Alguns Britânicos em Visita ao Concelho de Câmara de Lobos entre 1826 e 1950», in *Girão*, vol. I, n.º 11, 2.º semestre pp. 567-575.
- VERÍSSIMO, Nelson, 1990, *Narrativa Literária de Autores da Madeira – Séc. XX: Antologia*, Funchal, SRTCE, DRAC.
- VIEIRA, Alberto, 1992, *Racismo também na Madeira, Diário de Notícias*, Funchal, 12 de dezembro, p.2.
- VIEIRA, Alberto, 1996a, *O Público e o Privado na História da Madeira, vol. I, Correspondência particular do mercador Diogo Fernandes Branco (1649-1652)*, Funchal, CEHA.
- VIEIRA, Alberto, 1998, *Público e o Privado na História da Madeira. A Correspondência de João de Saldanha Albuquerque*, vol. II, Funchal, CEHA.
- VIEIRA, Alberto, 1996, Folclore e religiosidade popular In: *Folclore*. - Funchal. - N.º [6] (Julho), p. 20-21.
- VIEIRA, Alberto, 2014, Da Igreja, Religiosidade e Espiritualidade nos Espaços Insulares Atlânticos a partir da Madeira, *Anuário 2014*, Centro de Estudos de História do Atlântico, ISSN: 1647-3949, Funchal, Madeira, pp. 9 - 47.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1987, «17 anos de exílio na Madeira», in *Atlântico*, n.º 9, pp. 27-32.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1987a, «Na Madeira há 125 anos», in *Atlântico*, n.º 12, pp. 274-285.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1990, "Visitantes de língua alemã na Madeira (1815-1915)", *Islenha*, 6, pp. 48- 67.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1990a, «Maximiliano, imperador do México: quatro dias de um diário anónimo», in *História*, ano XII, n.º 131, Lisboa, VIII- pp. 72-84.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1990b, «O Concelho de Câmara de Lobos entre 1850 e 1910 visto por alguns germânicos», in *Girão*, n.º 5, pp. 185-195.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1991, «O Cabo Girão e Câmara de Lobos», in *Girão*, n.º 7, pp. 297-304.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1993, "A Madeira entre 1850 e 1900. Uma estância de físicos germânicos", *Islenha*, 13, pp. 116-121.

- WILHELM, Eberhard Axel, 1993a, "O aventureiro mais famoso da cidade. Carlos Martins descreve como «virou meio Funchal»", *Islenha*, 12, pp. 145-160.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1994, «Relato da visita à Madeira de um botânico alemão (1827)» [Friedrich Holl], in *Diário de Notícias: Revista Diário*, Funchal, domingo, 18 de dezembro de 1994, p. 10.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1995, «Os madeirenses na visão de alguns germânicos: o seu aspecto e carácter e a sua maneira de viver – I (1825 a 249) *Xarabanda*, n.º 7, primeiro semestre 1995, pp. 2-13.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1995a, «A imagem da mulher madeirense na visão de alguns viajantes germânicos (1840 a 1930)», in *Lusorama: Revista de Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa*, n.º 28, Frankfurt am Main, Out-, pp. 91-104.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1995b, "Seis meses e meio na Madeira, em 1854-1855. Os diários da Governadora alemã Augusta Walich (II)", *Islenha*, 17, pp. 75-83.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1996, «Os madeirenses na visão de alguns germânicos: o seu aspecto e carácter e a sua maneira de viver – II (1861 a 1930)», in *Xarabanda Revista*, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, n.º 9, primeiro semestre/Junho 1996, pp. 2-16.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1996a, «Nove dias felizes na ilha (em 1905): O diário madeirense do alemão João Stenzel», in *Jornal da Madeira*, n.º 20.198, Funchal, Sábado, 21 de Dezembro de 1996, p. 9.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1996b, «Os primeiros guias turísticos alemães da Madeira (1900-1915)», in *Xarabanda Revista*, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, n.º 10, segundo semestre de 1996, pp. 1-15.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1996c, «Retalhos da vida no Funchal no século XIX» [escritos neerlandeses 1782-1915], in *Notícias Magazine*, Porto: Someios, n.º 212 (suplemento dominical do Jornal de Notícias n.º 381/108, Diário de Notícias n.º 46.471 e do Diário de Notícias da Madeira n.º 49.648), 16 de Junho de 1996, pp. 40-43.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1997, "Hamburgueses falecidos na Madeira (1868-1896)", *islenha*, 20, pp. 64-68.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1997a, «A criança madeirense na visão dos viajantes germânicos», in *Zona 4: Publicação Trimestral do MAC*, Funchal, MAC, n.º 4, Julho/Agosto 1997, pp. 4-7.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1997b, «A vida no Funchal por 1860: Uma descrição pelo médico alemão Rodolfo Schultze», in *Xarabanda Revista*, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, n.º 11, Primeiro semestre de 1997, pp. 20-27.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1997c, «Madeira, a sedução que vem de longe: O que viajantes do século passado acharam da ilha» [Cinco alemães descrevem a Madeira (1854-1906)], in *Notícias Magazine*, Porto: Someios, n.º 277 (suplemento dominical do Jornal de Notícias n.º 112/110, Diário de Notícias n.º 46.933 e do Diário de Notícias (Madeira) n.º 49.108), 14 de Setembro de 1997, pp. 54-57.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1997d, «Quatro meses no reino da eterna Primavera: A escritora alemã Clara Fincke visita o Funchal em 1904», in *Margem 2: Câmara Municipal do Funchal*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Cultura, n.º 7, Setembro de 1997, pp. 19-20.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1997e, *Visitantes de Língua Alemã na Madeira (1815 - 1915)*, colecção *Cadernos Madeirenses*, n.º 3, DRAC, Funchal.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1998, "Gustavo Gründgens. Seis anos na Madeira (1958-1963)", *islenha*, 22, pp. 71-77.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1998a, "Os germânicos e o mar: a incómoda viagem à Madeira", *islenha*, 23, pp. 61-71.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1999, *O Curral das Freiras na visão de viajantes estrangeiros (sécs. XIX e XX)* (Lugares Pitorescos; 3), s. l.: Editorial Calcamar.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1999a, «Escapando con vida y fundando una nueva existencia: Cuatro judíos germanos en Madeira (1930-1939)», in *Raíces: Revista judía de cultura*, Madrid: Sefarad, n.º 39, Verano 1999, pp. 67-72.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2000, «A Pé Pelas Torrinhãs Até à Boaventura O Curral Das Freiras em 1994 na Visão de Um Turista Alemão», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, n.º 3, Dezembro 2000, pp. 34-39.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2001, «Viajantes anglo-saxões a caminho da Madeira, no século XIX», in *Livro de Comunicações do Colóquio «Caminhos do Mar»*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Cultura, pp. 64-83.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2001a, «Uma Reportagem Nem Sempre Correcta: A Madeira Vista Pelo Escritor Lothar-Günther Buchheim (1994-1995)», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, n.º 5, Dezembro, 2001, pp. 29-40.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2001b, Sete dias na Madeira (1928) : uma excursão da Sociedade Geográfica Pomerana / Eberhard Axel Wilhelms In: *Margem 2*. - Funchal. - Nº 12 (Dez.). - p. 9-17.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2002, ««Vêm aí os nazis!»: Em 1935-1936, 10.000 Alemães ocuparam o Funchal», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da

- Cultura de Santa Cruz, n.º 6, Junho 2002, pp. 51-64.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2002a, Os estudos etnográfico-linguísticos Käte Brüdt / Eberhard Axel Wilhelm In: *Margem 2*. - Funchal. - Nº 14 (Dez.). - p. 48-54.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2003, «Havia porto-santenses antes da redescoberta da ilha pelos portugueses? Como o alemão Borheck descreveu o arquipélago, em 1789», in *Origens*, n.º 8, pp. 31-35.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2003a, «Zufluchtsort Madeira: Die Leiden des Schauspielers Paul-Albert Krumm (1924-1990)», in *madeira Aktuell Zeitung: MAZ – Die Zeitung für alle Madeira-Touristen*, Funchal, Madeira Actual Publicidade, Ausgabe 244, Oktober 2003, pp. 15 e 22 e Ausgabe 245, November 2003, pp. 26 e 30.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2003b, «Representou o Porto Santo em quase 200 quadros: A pintora alemã Edeltraut Barthel visitou a ilha de 1990 a 1997», in *Revista Xarabanda*, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, n.º 14, Ano de 2003, pp. 11-13.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2004, «Como o escritor hamburguês Hans ut Hamm descreveu o Funchal em dialecto por 1938», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 10, Junho, 2004, pp. 26-32.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2004a, ««Rapazes de uma beleza de beijar»: A artista alemã Käthe Kollwitz visitou a Madeira, na Páscoa de 1925», in *Margem 2*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Cultura, n.º 17, Abril 2004, pp. 32-35.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2004b, «Três dias na Madeira, em Dezembro de 1852: Nas suas voltas do mundo, o pintor Wilhelm Heine também esteve cá», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 9, Janeiro, 2004, pp. 15-26.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2005, «Aventuras na Madeira: As vivências da jornalista alemã Elke Feldmann, em 2003», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 12, Junho, 2005, pp. 25-30.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2005a, «Um opúsculo da autora alemã Sophie Wörishöffer», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 12, Junho, 2005, pp. 33-38.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2005b, «Namorando (n)a Ilha Durante Quinze Dias: A minha primeira viagem à Madeira, em Setembro de 1974», in *Margem 2*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Cultura, n.º 20, Novembro 2005, pp. 29-37.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2005c, «Uma ida à Madeira, na Páscoa de 1925: O escritor Rehbein era um de 550 passageiros intelectuais alemães», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 11, Janeiro, 2005, pp. 39-51.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2006, ««Madeira: O Jardim Éden no Oceano Atlântico» ou a origem invulgar de um livro ilustrado, de 1973», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 13, Janeiro de 2006, pp. 54-60.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2006a, «Arnold Schultze-Rhönhof: Os últimos anos de um cientista alemão na Madeira (1939-1948)», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 14, Junho de 2006, pp. 23-33.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2006b, «Ligações amorosas enganadoras: Um conto madeirense do escritor alemão Bernd Eilert, de 1991», in *Girão: Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Câmara de Lobos: Câmara Municipal de Câmara de Lobos, Vol. II N.º 3 – 2.º Semestre de 2006, pp. 61-65.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2006c, «Três dias na Madeira, no Outono de 1928: O navio-escola alemão «Pommern» de visita à ilha», in *Revista Xarabanda*, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, n.º 16, Ano de 2005-2006, pp. 58-63.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2007, «Wein und Bananen – Vinho e Bananas (1935): Um livro de Arnold Rehm sobre a Madeira e as Canárias», in *Girão: Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos*, Câmara de Lobos: Câmara Municipal de Câmara de Lobos, Vol. II N.º 4 – 1.º Semestre de 2007, Agosto 2007, pp. 137-144.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2007a, «Meier na Madeira» e «A Dica confidencial». Romances madeirenses do autor alemão Heinz G. Konsalik, de 1955 e 1986”, in *islenha*, 41, pp. 132-147.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2007b, «Como o nacional-socialista A. Schültzke viu a Madeira, em 1937», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 16, Junho 2007, pp. 69-75.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2007c, «O rapaz alemão Jürgen Hansen visita a Madeira: Como, num livro de 1952, inventaram uma passagem pela ilha», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 15, Janeiro 2007, pp. 42-46.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2008, «A fragata-escola alemã «Hipper» visita a Madeira: Um livro refere a estada em Fevereiro de 1963», in *Xarabanda Revista*, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, n.º 17, Ano 2008, pp. 39-46.
- WILHELM, Eberhard Axel, 2008a, «Duas semanas na Madeira, em Novembro de 2005: As impressões do casal alemão Trommer», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número

18, Junho 2008, pp. 40-51.

WILHELM, Eberhard Axel, 2009, «A Madeira é, ao mesmo tempo, um Paraíso e um Inferno? A opinião do viajante alemão Egon Benisch, de 1932», in *Origens: Revista Cultural*, Santa Cruz: Casa da Cultura de Santa Cruz, Número 19, Janeiro 2009, pp. 81-87.

WILHELM, Eberhard Axel, 2009a, O amor de duas alemãs na Madeira: um romance de Regina Nossler, de 2006 / Eberhard Axel Wilhelm In: *Girão. - Estreito de Câmara de Lobos*. - Vol. II, Nº 5 (2º semestre). - p. 121-128.

Quando começamos a olhar para os cinco séculos passados, a visualizar as atitudes comportamentais ou a procurar o carma que dá origem a tanto sofrimento, veremos que a realidade é outra e que há evidentes manifestações de racismo, xenofobia, de intolerância e daquele que parece ser o pecado original do madeirense - a inveja ou, melhor dizendo, a invejidade. Na ilha, o povo diz invejidade e não inveja, algo mais refinado que expressa a maldade dentro e fora do poio e que se torna visível, em termos energéticos. É a cobiça refinada e destrutiva que limita o progresso e o convívio social e que se manifesta em palavras, mas, sobretudo, em manifestações e olhares. Ganha força energética manifesta no entorno e no corpo. Não tem cura na farmácia, mas nas rezas e nos perfumes de ervas ditas santas que as afastam.

O conhecimento daquilo que fomos e somos é importante para avançarmos para uma sociedade do século XXI, multiétnica e intercultural, tolerante e harmónica. Enquanto continuarmos a desconhecer as linhas históricas que conduzem as nossas atitudes e comportamentos, seremos incapazes de produzir mudanças e de lutar por essa nova sociedade, que em princípio, todos ambicionamos. O discurso histórico poderá ter um papel importante, no assinalar destes e doutros estigmas sociais, como no encontrar de respostas para os solucionar, caso haja abertura dos cidadãos e da classe política. A História é um repositório de acontecimentos e testemunhos orais que nos caracterizam e identificam. E, por isso mesmo, não pode ser desvalorizada e esquecida.

Projeto "MEMÓRIA - Nona ilha"



Centro Estudos de História do Atlântico (CEHA)

Rua das Mercês, nº 8, Funchal

Tel: 291 214 970 • **Fax:** 291 223 002

email: geral.ceha@gov-madeira.pt

página web: <http://ceha.gov-madeira.pt/>

blogs: <http://memoriadasgentes.blogspot.com>

<http://memoriadasgentes.ml/>

<http://memoriadasgentes.ml/nonailha>

